

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN  
NÍVEL MESTRADO**

**LUCAS OSORIO ALVES DA SILVA**

**A EXPANSÃO DO PLURIVERSO: CIDADES EDUCADORAS POLIFÔNICAS**  
Colaborações do Design Estratégico na construção de uma Cidade Educadora

**PORTO ALEGRE**

**2023**

LUCAS OSORIO ALVES DA SILVA

**A EXPANSÃO DO PLURIVERSO: CIDADES EDUCADORAS POLIFÔNICAS**  
Colaborações do Design Estratégico na construção de uma Cidade Educadora

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Severo de Borba

**Porto Alegre**

**2023**

S586e Silva, Lucas Osorio Alves da.  
A extensão do pluriverso : cidades educadoras polifônicas : colaborações do design estratégico na construção de uma cidade educadora / Lucas Osorio Alves da Silva. – 2023.  
179 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Design, 2023.  
“Orientador: Prof. Dr. Gustavo Severo de Borba.”

1. Cidade educadora polifônica. 2. Ciência encantada das macumbas. 3. Design estratégico. 4. Pluriverso. I.  
Título.

CDU 7.05

LUCAS OSORIO ALVES DA SILVA

**A EXPANSÃO DO PLURIVERSO: CIDADES EDUCADORAS POLIFÔNICAS**  
Colaborações do Design Estratégico na construção de uma Cidade Educadora.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Design, pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Severo de Borba

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Gustavo Severo Borba (Orientador) - UNISINOS

---

Prof. Dr. Karine de Mello Freire – UNIVERSIDADE DA VIDA

---

Prof. Dr. Débora Barauna – UNISINOS

---

Prof. Dr. Ione Maria Ghislene Bentz - UNISINOS

## **AGRADECIMENTOS À CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

*“Brasil, chegou a vez de ouvir as*

*Marias,*

*Mahins,*

*Marielles,*

*Malês.”*

**História pra ninar gente grande**  
Samba enredo da Estação Primeira de Mangueira 2019.

## **RESUMO:**

O Pluriverso é uma concepção que reconhece a existência de múltiplos universos possíveis, apresentando-se como uma alternativa ao opressivo universalismo imposto pela modernidade. A emergência de narrativas, consideradas subalternas, somada ao desafio presente nas questões ambientais, sociais, econômicas e espirituais, demandam soluções sistêmicas para a construção de um futuro mais sustentável, ético e plural. Nesse contexto, o Design Estratégico desempenha um papel fundamental, pois tem a capacidade de revisar evidências do passado, propor novas perspectivas e ações no presente e projetar futuros alternativos, impactando as comunidades de forma significativa. Essa metodologia valoriza o diálogo, a multidisciplinaridade e a criatividade coletiva, contribuindo para a construção de uma perspectiva de Cidade Educadora Polifônica. Esta pesquisa reunirá um conjunto de narrativas construídas pelas comunidades cidadãs, oferecendo uma compreensão intuitiva de como Porto Alegre Cidade Educadora poderá ser edificada, acolhendo diversas perspectivas, dinâmicas sociais e vozes comunitárias. Ao manifestar uma Cidade Educadora Polifônica, via Design Estratégico, é possível expandir o Pluriverso - por meio de mais uma alternativa popular que emerge do Sul Global.

**Palavras-chave:** Pluriverso, Design Estratégico, Cidade Educadora.

## **ABSTRACT:**

*The pluriverse is a concept that recognizes the existence of multiple possible universes, presenting itself as an alternative to the oppressive universalism imposed by modernity. The emergence of narratives considered subaltern, coupled with the present challenges in environmental, social, economic, and spiritual matters, demands systemic solutions for the construction of a more sustainable, ethical, and plural future. In this context, strategic design plays a fundamental role as it has the capacity to review evidence from the past, propose new perspectives and actions in the present, and envision alternative futures, significantly impacting communities. This methodology values dialogue, multidisciplinary, and collective creativity, contributing to the construction of a perspective of an educative polyphonic city. The aim of this research is to bring together a set of narratives constructed by citizen communities, offering an intuitive understanding of how Porto Alegre, the Educative City, can be built by embracing diverse perspectives, social dynamics, and community voices. In advocating for a Polyphonic Educating City through Strategic Design, it becomes possible to broaden the Pluriverse - by means of yet another popular alternative stemming from the Global South.*

**Keywords:** *Pluriverse, Strategic Design, Educating Cities.*

## LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: Estrutura da metodologia da pesquisa. ....	59
Figura 2: Figura sistêmica das iniciativas cidadãs convidadas .....	61
Figura 3: Iniciativas Cidadãs de São Leopoldo.....	67
Figura 4: Ferramenta impressa em A4 para a criação narrativa individual. ....	70
Figura 5: Ferramenta impressa em A3 para a criação narrativa em grupos.....	73
Figura 6: Cartazes impressos em A3, sugerindo caminhos narrativos.....	75
Figura 7: Convite e texto para a oficina de narrativas .....	78
Figura 8: Ambientação oficina de narrativas .....	79
Figura 9: Apresentação digital.....	80
Figura 10: Preenchimento da ferramenta na atividade de aquecimento.....	81
Figura 11: Produção das narrativas pelos grupos Rum, Rumpi e Lê .....	82
Figura 12: Ambientação oficina de narrativas São Leopoldo.....	85
Figura 13: Preenchimento da ferramenta pelos grupos .....	87
Figura 14: Observação de cartazes e apresentação digital no centro .....	88
Figura 15: Preenchimento das questões da ferramenta pelo grupo Rum.....	90
Figura 16: Narrativa "Elemental da natureza" do grupo Rum .....	92
Figura 17: Preenchimento das questões da ferramenta pelo grupo Rum.....	94
Figura 18: Narrativa "tecer laços" do grupo Rumpi .....	97
Figura 19: Narrativa "Intelectualidade dos excluídos" do grupo Lê .....	99
Figura 20: Construção do mapa mental do grupo Lê.....	100
Figura 21: Mapa mental do grupo Lê .....	101
Figura 22: Narrativa "A lenda do amanhã" do grupo Agogô.....	104
Figura 23: Narrativa "Carta para o futuro" do grupo Afoxé.....	107
Figura 24: Narrativa "Discurso de posse" do grupo Adjá.....	109
Figura 25: Narrativa "Super Bah" do grupo Batá .....	112
Figura 26: História em quadrinhos do grupo Batá .....	113
Figura 27: Narrativa "Chatpoa" do grupo Berimbau.....	114
Figura 28: Narrativa "Autobiografia de uma IA" do grupo Xeré .....	117
Figura 29: Autobiografia de uma IA desenvolvida pelo grupo Xeré .....	118
Figura 30: Narrativa "Soraya" do grupo Xequeré.....	119
Figura 31: Soraya em qualquer hora e qualquer lugar .....	120
Figura 32: Síntese das narrativas construídas pelas comunidades cidadãs.....	123
Figura 33: Os Uirapurus.....	126
Figura 34: Uirapuru: A potência da natureza e da tecnologia .....	127
Figura 35: Alegoria viva .....	127
Figura 36: O batismo do Uirapuru.....	128
Figura 37: A polifonia do Uirapuru .....	129
Figura 38: A cultura do carnaval.....	130
Figura 39: O futuro é ancestral .....	131
Figura 40: Uirapurus semeadores .....	131
Figura 41: A luz dos Uirapurus .....	132
Figura 42: Textura mitológica.....	133
Figura 43: Uirapurus da estação .....	133
Figura 44: O futuro não demora .....	134

**LISTA DE TABELAS:**

Tabela 1: Estruturação da oficina..... 67

## SUMÁRIO:

<b>1. Introdução:</b>	<b>12</b>
<b>2. Apresentação dos objetivos e justificativa.</b>	<b>17</b>
2.1 Justificativa e problema de pesquisa:	17
2.2 Objetivo geral:	17
2.3 Objetivos específicos:	17
<b>3. Design Estratégico e Metadesign.</b>	<b>18</b>
3. 1. Design Estratégico: Definições iniciais de uma metodologia capaz de expressar futuros.	18
3.1.1. Do problema à produção de sentido.	21
3.2. Metadesign: o movimento de inflexão do Design Estratégico.	24
<b>4. Pluriverso e Cidades Educadoras.</b>	<b>31</b>
4.1 Pluriverso: novas perspectivas de futuro.	31
4.1.1. Bens comuns ( <i>commons</i> ), comunidade de cidadãos ( <i>commoners</i> ) e práxis comunitária ( <i>commoning</i> ).	36
4.2. Cidades Educadoras - Pilares do movimento.	41
<b>5. Cooperação e a Ciência encantada das macumbas.</b>	<b>47</b>
5.1. Diálogos sociais - da cooperação ao conflito.	47
5.2. Ciência encantada das macumbas.	50
<b>6. Metodologia.</b>	<b>55</b>
6.1. Estruturação da metodologia de pesquisa.	56
6.2. Iniciativas cidadãs.	60
6.3. Oficinas de narrativas.	65
<b>7. Resultados.</b>	<b>78</b>
7.1 Oficina de narrativas 01 – Comunidade cidadã Porto Alegre.	78
7.2. Oficina de narrativas 02 – Comunidade cidadã São Leopoldo.	84
7.3. Contribuições para uma Cidade Educadora Polifônica	89
<b>8. Cidade Educadora Polifônica</b>	<b>122</b>
<b>9. Considerações Finais.</b>	<b>135</b>
<b>REFERÊNCIAS:</b>	<b>144</b>
APÊNDICE A	147
APÊNDICE B	149
APÊNDICE C	156
APÊNDICE D	161

## 1. Introdução:

“No meio do caminho tinha uma pedra.”, os versos do modernista Carlos Drummond de Andrade (1928) relatam um acontecimento simples e banal, mas que ao ser ampliado simboliza os problemas mundanos que impedem as pessoas de seguirem seus percursos. A pedra, alegoria do problema, paralisa o sujeito, que ao não conseguir prosperar no meio ao qual pertence, estanca sua existência. Essa interpretação do poema é análoga aos processos educacionais atuais no país, haja vista que o ensino e aprendizagem são pautados em narrativas hierárquicas, fruto de um abismo econômico e cultural que favorece as estruturas até então vigentes.

Grande parte das dinâmicas educacionais inviabilizam o florescimento de novas narrativas que ampliam as interpretações, os novos sujeitos, as novas possibilidades de futuro, além de outros pontos de vista e outras existências. O plural dá lugar a uma visão de um universo único que insiste em privilegiar as mesmas histórias por séculos. Ao narrar aquilo que se deseja, a partir de uma ótica hegemônica, que prioriza a manutenção do *status quo*, as informações circundam e deferem o mesmo ponto de vista através dos tempos, sem acessar a grande pluralidade dos acontecimentos da história. Se a tecnologia, outrora disponível, não abarcava a polifonia dos diversos atores sociais, escolhendo quais histórias seriam contadas em detrimento de outras, por conta seus recursos até então limitados – hoje existem mecanismos capazes de revelar essas diversas existências. Desde o final do século XX e início deste século, alguns movimentos têm se destacado e obtido visibilidade justamente porque resistem à visão universal do homem, sendo exemplos deles o movimento o software livre, o *creative commons* e o código aberto como ciberativismo; a sociedade *Ubuntu*, os territórios ICCAS, as relações *Kyosei* e o exército Zapatista como organizações sociais; o bem viver, o decolonialismo e o ecofeminismo como perspectivas do sul global; o amor *queer*, a política do corpo e o ibadismo como debate de gênero, dentre tantos outros. Essas dinâmicas que estão emergindo tornam mais visíveis as narrativas que apresentam a existência, a cultura, a sabedoria, as práticas e os conhecimentos de indivíduos

e seus grupos, possibilitando assim maiores diálogos sociais, para que todas as existências possam ser cada vez mais ampliadas.

A emergência de novas narrativas é um desafio atual que encontra ecos no futuro: não será possível viver em um mundo com os mesmos arranjos que os seres humanos vivenciam nos tempos atuais. Essa é uma afirmação que perpassa diversos aspectos, sejam eles ambientais, sociais, econômicos e até mesmo espirituais. Os problemas do presente e a luta por alternativas sistêmicas, que buscam construir um novo panorama no qual seja possível vislumbrar uma outra humanidade, é o que caracteriza o Pluriverso (LEITE, 2021). O Pluriverso encara o desenvolvimento como um dos principais causadores do colapso da sustentabilidade da vida humana, apresentando novas perspectivas que levam em consideração não apenas um, mas múltiplos universos possíveis e capazes de tornar a vida humana mais plural e sustentável em seus diversos aspectos. Assim, o propósito em defender um Pluriverso não se restringe a apresentar diversos “mundos” (ou seja, ontologias, cosmovisões, modos de estar no mundo), mas também ressaltar a opressão e marginalização imposta pela modernidade/colonialidade (KOTHARI, 2019). Assim o centro do mundo não seria apenas um, mas diversos centros que pudessem criar uma expectativa de que todas as vozes sejam ouvidas, todas as existências respeitadas, todas as manifestações compreendidas e todas expressões equitativas.

Nesse sentido, é fundamental entender o impacto de iniciativas educadoras para cidades do futuro, em um contexto social de diversos atores com diferentes vozes e vivências, perante a importância de uma Cidade Educadora no Brasil. Não seria possível e tampouco viável, oferecer a uma Cidade Educadora os mesmos processos estabelecidos em uma sala de aula em que um professor tem a função de curar, repassar, problematizar e debater os conteúdos que foram previamente estabelecidos por uma matriz curricular nacionalmente universal. Uma cidade é muito mais ampla, viva, dinâmica e conta com muito mais nuances do que uma sala de aula e são nestas características que reside a riqueza e a necessidade de explorar novas maneiras de prosperar a educação em um novo contexto. Nesta comparação a autoridade se deslocaria do professor (sala de aula) para a comunidade de aprendizagem (cidadãos), que

irão explorar o processo de aprendizagem por meio de todas as faculdades humanas: racional, cognitiva, experiencial, intuitiva, relacional e de personificação (DOWSON, 2021). Este deslocamento de narrativa, que agora passa a ser dos próprios cidadãos, amplia a visão de suas existências e das suas diversas formas de produção de saberes, aproximando-se do que o Pluriverso decolonial vem colocando em xeque: o paradigma do universalismo, que conta com a ausência de respeito na conservação das múltiplas culturas, na pluralidade de corpos, nas práticas populares, nas crenças espirituais e nas vivências marginalizadas. Assim o pluriversalismo decolonial promove a simultaneidade das diversas culturas e suas formas de saber, intuir, crer, sentir e pensar, proporcionando assim uma verdadeira polifonia na cidade - genuinamente - educadora.

Para que tais experiências e existências insurjam, essas comunidades encaram alguns desafios a serem superados, visto que a conjuntura social não permite que determinados espaços sejam ocupados ou que esses grupos emerjam dos espaços que atualmente são destinados a estar. Os movimentos que vêm desafiando a visão de universalidade têm se destacado pela utilização de bens comuns, que podem ser encarados como um sistema social. Esses bens comuns seriam divididos em 3: um conjunto de recursos em comum, uma comunidade de cidadãos comuns e uma práxis comunitária. Esse bem comum (*commons*) entregaria as condições para uma comunidade de cidadãos (*commoners*) realizar uma produção coletiva e cultural baseada em práticas (*commoning*) participativas e democráticas em que o principal objetivo é o bem-estar dos cidadãos comuns. (DE ANGELIS, 2017).

Os agentes sociais atuantes nas comunidades têm condições de criar as narrativas necessárias para a construção de uma Cidade Educadora, ou seja, tais agentes sociais poderão expandir o Pluriverso (os casos que o compõe e o constrói) por meio de interpretações destinadas à construção da sua Cidade Educadora. Para que isso seja possível, será utilizado o campo do design, mais precisamente, o Design Estratégico para que tais narrativas possam ser estruturadas, visto que ele é uma metodologia capaz de atuar nas fronteiras de diversas áreas do conhecimento e por isto, apresenta reflexões por meio de uma perspectiva humanística.

O design é um campo do conhecimento que está historicamente ligado à revolução industrial e aos novos modelos de consumo e capitalismo que foram gerados a partir desse marco na história humana moderna. Neste contexto, o design tem como característica a solução de problemas, incluindo os aspectos funcionais e estéticos dos produtos e dos serviços oferecidos por ele. Até este momento, a produção em série exigiu do design a padronização e a universalização das linguagens estéticas, aplicada tanto em produtos quanto em produções visuais, a fim de atingir o maior número possível de consumidores e/ou usuários.

Ademais, autoras do sul global, como Lesley-Ann Noel e Renata Leitão, aproximam o design das novas perspectivas de mundo, em que relacionam esta área do conhecimento com as possibilidades de mudanças futuras. Tais autoras lançam luzes ao pensamento de outros designers, que atualmente consolidam a existência destes novos centros ao redor do mundo – Pluriverso - tornando mais urgente a mudança do modelo mental vigente no design. Em diversos eventos científicos foram apresentados trabalhos que debatem tal assunto “Muitas contribuições foram estudos de caso em que os apresentadores afirmaram que estamos já vivendo em um mundo de muitos centros. Vários autores desafiaram hegemonia nos discursos e práticas consagradas do design [...]” (LEITÃO e NOEL, 2022, p. 250). É essa amplitude que permitirá uma abordagem dialógica que caracteriza o Design Estratégico, além de destacar a importância de sua atuação neste novo contexto social emergente.

O Design Estratégico é uma metodologia capaz de projetar futuros alternativos a partir da revisão das evidências do passado para, no presente, propor novos olhares e ações que impactarão o mundo real, por meio da proposta de futuros possíveis e impossíveis. Ademais, segundo Mauri (1996), o Design Estratégico pode ser interpretado como um projeto coletivo que valoriza o aporte disciplinar e multiplica a criatividade individual. Essa metodologia seria capaz de explorar a multidisciplinaridade de experiências, de competências, de objetivos, de significados, para desenvolver sinergicamente um saber criativo através da escuta, do reconhecimento da diferença, do aprender a aprender, da negociação, da coevolução (MAURI, 1996). Essa metodologia, associada com o *Design Fiction*, pode emergir como uma forma de projeção dos novos futuros

sinalizados pelo Pluriverso, pois o fazer sentir é uma das competências do Design Estratégico, fato esse que o diferencia das demais abordagens que caracterizam o fazer design contemporâneo (SILVA, 2021).

Nesta perspectiva, este trabalho pretende desenvolver uma coleção de narrativas das comunidades cidadãs (*commoners*), que podem apresentar suas visões de Porto Alegre Cidade Educadora, acolhendo as diversas perspectivas e dinâmicas sociais. Para o pesquisador, todas as cidades já são genuinamente educadoras, porém é preciso entender quais são as práticas (*commoning*) ideais de tal cidade, na visão dos seus habitantes e dos agentes comunitários presentes no cotidiano urbano. O Design Estratégico e o *Design Fiction* entram como metodologias capazes de auxiliar a construção destas narrativas, pela comunidade de cidadãos, na interpretação desta construção coletiva (Design Estratégico) e na sugestão de futuros possíveis ou impossíveis (*Design Fiction*).

No capítulo 8: Cidade Educadora Polifônica, será oferecida uma alegoria que cruze, amarre e incorpore todas as narrativas desenvolvidas pelas comunidades cidadãs em forma de um “conceito de projeto”, etapa celebrada pelo Design Estratégico. Tal alegoria não será uma versão final das narrativas construídas, mas um modelo interpretativo do pesquisador para apresentar suas descobertas de pesquisa, ofertando uma proposta criativa, poética e conceitual sobre uma Porto Alegre Cidade Educadora.

Por fim, é importante resgatar a alegoria utilizada por Drummond, em seu poema ícone que fez parte do Movimento Modernista, que completou 100 anos em 2022 e que propunha uma identidade própria ao retomar o nacionalismo crítico por meio de uma linguagem coloquial, na denúncia social e na oposição ao modelo estético vigente até então – o Parnasianismo. Com licença poética, é possível interpretar que as pedras encontradas no caminho são a representação de entraves na movimentação do indivíduo no seu percurso, e que possuem natureza social, política, econômica, religiosa e cultural. É preciso deslocar cada uma dessas pedras, pouco a pouco para a margem do percurso de cada cidadão, para que seja possível projetar novos futuros pluriversais, que terão como objetivo ampliar as existências individuais e/ou coletiva dos atores envolvidos nesse crescimento evolutivo comunitário educacional. Para que isso seja possível é preciso romper com os modelos vigentes, tal qual o movimento

modernista fez há 101 anos, evidenciando a crise atual nos processos educacionais e nas perspectivas que compõem a visão de cidades educadoras, propondo novos pontos de vista e maneiras de sentipensar em comunidade.

## **2. Apresentação dos objetivos e justificativa.**

### **2.1 Justificativa e problema de pesquisa:**

O Pluriverso propõe três representações históricas: I - O desenvolvimento e suas crises: experiências globais; II – Universalizando a terra: soluções reformistas; III – Um Pluriverso popular: iniciativas transformadoras (ESCOBAR, 2021). Este último é o espaço em que este trabalho se debruça para construir a investigação da pesquisa: Com movimentos populares emergentes em Porto Alegre, o presente trabalho entende que é possível pesquisar a metodologia do Design Estratégico na busca de uma Cidade Educadora Polifônica, para expandir as iniciativas transformadoras que compõem o Pluriverso. Ou seja, uma Cidade Educadora Polifônica seria mais uma iniciativa popular que compõe o Pluriverso, sempre em expansão.

O problema de pesquisa que deverá ser respondido é **“Como o Design Estratégico pode manifestar Porto Alegre como uma Cidade Educadora Polifônica?”**

### **2.2 Objetivo geral:**

Desenvolver, a partir da perspectiva do Design Estratégico, uma coleção de narrativas que exploram as visões de uma Porto Alegre Cidade Educadora do futuro, co-criadas pelas suas próprias comunidades cidadãs.

### **2.3 Objetivos específicos:**

- Discutir os diferentes aspectos dos bens comuns, das comunidades cidadãs, dos diálogos sociais, do Design Estratégico, das Cidades Educadoras e do Metadesign no contexto do Pluriverso;
- Debater a competência do Design Estratégico em propor movimentos de construção de uma Cidade Educadora;
- Recolher narrativas proposta pelas comunidades cidadãs;

- Apresentar o *Design Fiction* como uma prática de design exploratória na construção de narrativas em direção ao Pluriverso;
- Interpretar as narrativas em uma alegoria criativa, intuitiva e imaginativa de uma Cidade Educadora Polifônica.

Essa estrutura de pesquisa propõe que a comunidade possui a capacidade de criar narrativas que ilustrem a sua própria visão de uma cidade centrada na educação. O papel do profissional de design, seguindo a abordagem do Metadesign, seria facilitar a estruturação dessas narrativas, por meio da colaboração proposta pelo Design Estratégico. Dessa maneira, a metodologia do Design Estratégico teria um papel fundamental em dar forma as narrativas que transmitissem os valores e incentivos necessários para impulsionar as atividades educacionais da cidade. Assim, as narrativas que expressariam o que é uma Cidade Educadora, na visão dos próprios habitantes, seriam desenvolvidas em conjunto com a comunidade, expandindo as ideias que formam o conjunto diversificado de abordagens educacionais presentes em um território. Isso poderia permitir que a comunidade local participasse diretamente nos processos de educação, criando uma rede de recursos tanto humanos quanto não humanos, nos quais os objetivos de todas as partes envolvidas se uniriam para formar a base necessária para a criação de uma visão de Cidade Educadora Polifônica.

### **3. Design Estratégico e Metadesign.**

Neste capítulo serão abordados os aspectos e as discussões sobre o Design Estratégico, além de apresentar as contribuições desta metodologia na estruturação de narrativas que poderão evidenciar as contribuições das comunidades cidadãs para uma Porto Alegre Cidade Educadora. O Metadesign será proposto como um movimento de inflexão do Design Estratégico.

#### **3. 1. Design Estratégico: Definições iniciais de uma metodologia capaz de expressar futuros.**

O campo do design possui diversas abordagens e metodologias que possuem fortes influências do pensamento racionalista, que em via de regra emanam de países do norte global (ANDRADE, 2021). O Design Estratégico não

escapa dessa origem, mas não segue um pensamento racionalista a toda prova. Muitas vezes a capacidade do designer guiado pelo Design Estratégico é imaginar futuros improváveis para que seja possível preparar as organizações para encarar as dinâmicas atualmente impensáveis. Para Francesco Mauri (1996), o Design Estratégico assume o papel de apresentar cenários futuros capazes de prever movimentos, mas muito mais que isso, propor novas formas de descontinuar ações consolidadas no presente momento. Essa perspectiva é importante para entender a capacidade do Design Estratégico não só em propor soluções racionais, mas em impactar as ações atuais para moldar novos futuros.

Para que esse objetivo seja conquistado, a multiplicação de atores envolvidos nessa ação deve ser almejada, visto que um ou um pequeno grupo de profissionais não seriam capazes de construir um novo futuro, baseado nas premissas do Pluriverso, a partir de uma metodologia. O Design Estratégico é um projeto coletivo que valoriza o aporte disciplinar e multiplica a criatividade individual. Explora a multiplicidade de experiências, de pontos de vista, de competências, de objetivos, de significados para desenvolver sinergicamente um saber criativo através da escuta, do reconhecimento, da diferença, do aprender a aprender, da negociação e da coevolução (MAURI, 1996).

O Design Estratégico opera na construção de crenças, significados e soluções de problemas capazes de oferecer uma visão de futuro a partir de insumos do passado e do presente. É possível afirmar que o Design Estratégico confere aos órgãos sociais e de mercado um sistema de normas, crenças, valores e ferramentas para lidar com o ambiente externo, sendo capaz de evoluir e sobreviver com sucesso, além de desenvolver e manter uma identidade própria (MERONI, 2008). Essa indicação presume que o papel específico do design é fazer as coisas acontecerem, mas seria possível destacar que o Design Estratégico também é uma metodologia de pensamento e não exclusivamente do fazer. Isso porque ao mediar os processos a partir da escuta, da análise de diversos pontos de vista, do reconhecimento, do aprender a aprender e da coevolução para lidar com o ambiente externo para desenvolver uma identidade própria, o Design Estratégico estaria condicionado a estruturar pensamentos para novas reações e compreensões que não assentam em um modelo definido.

Esse cenário incumbe o Design Estratégico operar em um cenário complexo “a complexidade, literalmente, não é projetável, mas nos indica também o caminho: A complexidade está no código e não na natureza das coisas, portanto se construída, a complexidade mais inexplicável torna-se projetável” (MAURI *apud* LE MOIGNE, 1996, p.14). Ao estar ciente da complexidade que ronda o Design Estratégico, o profissional da área precisa ser o elo de junção dos diversos atores que compõem o ato de projetar para que seja possível criar a sinergia necessária para chegar no resultado almejado. Assim a projeção, como ato complexo, possui não só a capacidade de exprimir a multidimensionalidade da experiência, mas também de conectar estes atores projetuais sem demarcá-los, de os integrar sem anular as disjunções, de deixar aberto o pensamento para reações e compreensões sempre novas, para produzir um modelo que não seja realizado e definido, mas traga em si a promessa de fazer ver algo a mais (MAURI, 1996).

Cabe ao designer estratégico compreender seu papel em um contexto em que o design opera aglutinando mais atores projetuais para entender quais são as múltiplas experiências e como elas podem e devem atravessar as decisões projetuais, pois “O designer não é um profissional capaz de resolver determinados problemas, mas é uma figura cultural no processo de vincular o possível com o esperado, de uma forma visível.” (MANZINI, 1992, p. 18). Esta atuação do designer e, principalmente uma proposta ao trabalho do designer estratégico no contexto do Pluriverso, será profundamente abordada no subcapítulo que explora o Metadesign.

É fato que o Design Estratégico deve ser apropriado pelo sul global para utilizar de sua metodologia para criar novos futuros possíveis e improváveis, despreendendo-se de lógicas e modelos mentais colonizadores, empoderando-se de seus métodos para traçar novas perspectivas de um mundo socialmente mais justo. Para isto é preciso entender a evolução do design, que parte de uma solução de problemas e chega à produção de sentido, esta última, ampliaria o trabalho do designer no campo da cultura, da teia social e da oportunidade de oferecer à sociedade uma metodologia capaz de auxiliar nos projetos de futuros.

### **3.1.1. Do problema à produção de sentido.**

Em uma perspectiva histórica, Hebert A. Simon contribuiu para as áreas da engenharia e arquitetura com novos debates publicadas no livro “As Ciências do Artificial” em que apresentou uma ciência nos métodos de trabalho para instrumentalizar qualquer profissional que esteja interessado em resolver problemas. Nesta perspectiva, os atos projetuais deveriam ser direcionados a responder objetivos, funcionalidades e um propósito, tornando o ato de projetar técnico e sistematizado. Simon tornara-se um teórico importante no campo do design em 1984, quando uma compilação de textos intitulada *Developments in Design Methodology* de Nigel Cross foi publicada (KAIZER, CUNHA, 2019). Esta visão positivista do design racional oferecida por Simon, que é amplamente discutida em estudos de diversos autores, incluindo Cross, tem suas bases em uma ciência que parte de um problema lógico de projeto que parece ser muito bem-vindo em contextos independentes. É neste contexto que surge o problema no design.

Simon e o design serão associados de forma a entender o design como um campo capaz de solucionar problemas adotando a perspectiva de “como as coisas podem ser” para consolidar a cultura do artificial. Ao indicar a lógica científica de resolução de problemas aos processos de tomada de decisão, o autor garante uma visão utilitarista do design: se há problema, o design pode resolver "Uma vez que o problema da otimização, uma vez formalizado, é um problema matemático, ordinário - maximizar uma função sujeita a restrições - é evidente que a lógica usada para deduzir a resposta é a lógica ordinária do cálculo de predicados na qual a matemática assenta." (SIMON, 1981, p. 231). Dotar o design de uma lógica matemática dicotômica de problema e solução, capaz de resolver as necessidades do contexto que faz parte, parece ser simples demais para um campo do conhecimento que pretende projetar em contextos complexos. Esta abordagem pragmática, de fato funciona, mas em contextos independentes que trazem a solução de um ou mais problemas capazes de alcançar os resultados almejados. Entretanto, em contextos mais subjetivos, essa abordagem carece de diversas perspectivas que não que deixam as decisões dos processos projetuais na mão de poucos indivíduos. O Design

Estratégico é uma metodologia em um contexto de complexidade do século XXI que não cabe mais alternativas sem diversos olhares (MAURI, 1996).

É imprescindível situar o design em um contexto social subjetivo nesta pesquisa, adotando uma perspectiva em que esse campo do conhecimento adiciona o sentido como parte operante nos processos de projeto de inovação social, pois quando o design assume sua atuação no campo da cultura é imprescindível adicionar a ele a linguagem e o significado (MANZINI, 2017). O autor ainda afirma que ambas visões de problema e sentido coexistem, porém no aspecto social, a dimensão da produção ou identificação de sentido promove o design ao uso de uma poderosa função: os diálogos sociais. Assim a pesquisa em design deve produzir um conhecimento explícito, discutível, transferível e acumulável - objetivo desta pesquisa. Quando isto ocorre, o design torna-se uma ferramenta muito poderosa, no qual o indivíduo molda suas ferramentas e ambientes, e por desdobramento, a sociedade e ele próprio. Esta conjuntura exige ao designer altos níveis de entendimento social e de responsabilidade moral. (PAPANEK, 2005). O tecido social, estimulado pelos diálogos sociais que o design está habilitado a construir, pode se beneficiar na experimentação de alternativas sistêmicas, guiadas por tais comunidades cidadãs.

Na visão de Pluriverso e adotada nesta pesquisa, a construção social de sentido deve atingir não apenas o humano, mas todos os atores sociais envolvidos no projeto, como a tecnologias, os objetos, os animais, os minerais, entre outros. A ampliação da construção do sentido deve acontecer para que o design contemple cada vez mais o futuro que propõem cenários moldados pelo pós-desenvolvimento e pós-humano. Tal proposta nasce da percepção que o papel do designer é mais do que propor soluções à problemas criados pelo atual modelo econômico, lançando-se a pensar novos caminhos que escapem de tal modelo “Nós, como designers, devemos também propor novas mentalidades, teorias e métodos que se baseiam em nossas críticas às narrativas hegemônicas.” (LEITÃO e NOEL, 2022, p. 248).

É justamente por essa previsão de futuro que o design está em um período de transição junto com os processos sociais, fazendo com que o designer e o fazer design precisem se remodelar pois “o design é ontológico no

sentido de que todos os objetos, ferramentas e serviços liderados pelo design trazem maneiras particulares de ser, conhecer e fazer.” (ESCOBAR, 2018, p. 10). Esta perspectiva dota o design de novas possibilidades de descoberta cultural, espiritual, intelectual, emocional e ética - ou seja, todas as dimensões que compõem o tecido social. Por fim, é possível arriscar e propor um design capaz de estimular políticas sociais, seja por meio das tecnologias ou das trocas comunitárias offline, a fim de alcançar um mundo ecologicamente sábio e socialmente justo, dentro das indicações do Pluriverso. Assim será possível situar o Design Estratégico como uma metodologia de design capaz de propor projetos com comunidades cidadãs que realmente causem impacto no tecido social atual e, por consequência, no projeto de futuro comunitário. Caso o Design Estratégico se encaminhe, cada vez mais, para um contexto com aporte do Pluriverso, é possível tencionar esta transição de um campo baseado em solução de problemas para a produção de significados, pois a solução de problemas ainda está muito ligada a uma perspectiva iluminista, positivista e cartesiana, que por sua vez, está muito próxima a um modelo mental colonialista do Norte Global. A produção de significado transcenderia o início de um projeto baseado em um problema, apresentando a possibilidade de criação de valores importantes para um grupo de pessoas, que poderiam contribuir para a construção de alternativas criativas, além da possibilidade de ser, a qualquer momento, resgatadas, ajustadas e readaptadas às novas complexidades que surgem a todo instante na sociedade.

O Design Estratégico se associa a um outro movimento, o Metadesign, uma capacidade de deslocamento antes e durante o ato de projetar do design. Isto atribui uma vantagem ao designer em se comportar como mediador dos processos de design, ao trabalhar com uma comunidade cidadã, que por sua vez, deve tomar a dianteira dos processos e projetos em design que pretendem alcançar não só inovações sociais, mas novas perspectivas de construção de mundo. O Metadesign poderia então ser encarado como um movimento de inflexão ao estar associado ao Design Estratégico, pois ofertaria a mudança da posição atual estabelecida, para uma nova perspectiva cenarística a qualquer momento do ato de projeção.

### **3.2. Metadesign: o movimento de inflexão do Design Estratégico.**

Um fator importante que acompanha a metodologia do Design Estratégico é o Metadesign, que traz a capacidade de reflexão e crítica ao longo do processo de projeto e até mesmo antes dele. Este movimento também é capaz de oxigenar os processos, sendo de grande valia em um contexto contemporâneo subjetivo, justamente pela emergência da participação plural e coletiva proposta por um mundo múltiplo. Por isto, o Metadesign pode ser encarado como um movimento de inflexão para o Design Estratégico, ou seja, ele assume que o projeto pode recalcular algumas coordenadas previamente estabelecidas, mudando algumas direções que outrora foram assumidas “O radical meta, do grego, é o movimento descontínuo, da transformação (metamorfose) e da flutuação dos níveis vitais (metabolismo); é a meta do objetivo e do caminho para o atingir.” (VASSÃO, 2016 p. 137). Se o contexto social tem como sua principal tônica a constante mudança nas suas próprias dinâmicas e o Metadesign tem a capacidade de recombinar e relacionar alguns pontos que interferem no projeto a fim de proporcionar maior assertividade, a soma desses fatores beneficia a proposta de alternativas sistêmicas, via Design Estratégico, para o Pluriverso.

O Metadesign, abordado por esta perspectiva, evidencia uma crítica e uma reflexão acerca do campo do design, que por sua vez, está imerso em um contexto social subjetivo. A todo o momento o profissional desta área deve não só executar o planejamento do projeto, mas criar um movimento em que ele se distanciará e se reaproximará do projeto para poder refletir sobre os processos, as referências, as inspirações e as decisões tomadas até o momento em que se encontra e quais consequências que estas decisões acarretarão no futuro. “O Metadesign caracteriza-se por um deslocamento em relação ao design. Esse deslocamento pode ser assumido como o princípio metodológico que fundamenta o Metadesign. (FRANZATO, 2014, p. 07). Esse movimento é de suma importância em um contexto em que o designer está imerso em uma equipe multidisciplinar baseada em múltiplas vivências, opiniões e comportamentos. É preciso assumir um posicionamento de mediador capaz de adotar tais visões para que a abertura projetual necessária possa ocorrer.

Entretanto, como referenciado no capítulo anterior deste trabalho, o projeto proposto pelo Design Estratégico já é um espaço que inclui abertura, atualização, novas emergências, readequações, novas rotas, adaptações e mudanças (MAURI, 1996). Qual seria então, a diferença entre o projeto e Metadesign propostos pelo Design Estratégico? De fato, o sentido do projeto proposto por esta metodologia já consagra uma abertura cocriativa e multidisciplinar que deve levar em conta readequações ao longo do ato projetual. Por sua vez, o Metadesign pode ser encarado como um movimento, um efeito, uma animação, que deixa o processo projetual com vida, ou seja, mais humano – distanciando-se de decisões puramente matemáticas, cartesianas ou preditivas; base dos algoritmos de uma inteligência artificial, por exemplo.

Essa visão caracterizaria o Metadesign como um movimento de inflexão do Design Estratégico, que em um contexto mais radical poderia ser uma mudança significativa da rota, ou em contextos mais sutis, uma mudança de entonação, de emoção ou de significado abalizado por humanos. Essa percepção ajuda o Design Estratégico a se aproximar ainda mais das múltiplas aberturas e reflexões que precisam existir antes e durante o projeto/pesquisas em um contexto de Pluriverso, que leva em consideração as diversas culturas e suas formas de saber, intuir, crer, sentir e pensar. Debater o Pluriverso é uma “experiência de descolonização intelectual, emocional, ética e espiritual [...] é colocar a autonomia cultural e política, tal como definida pelas comunidades de base na América Latina, firmemente dentro do escopo do design, talvez até no seu centro no caso daqueles que desejam trabalhar em estreita colaboração com comunidades em luta” (ESCOBAR, 2018, p. 94). Corroborando com Escobar, os conhecimentos locais devem ser elevados e colocados em tensionamento com as estruturas produtivas que obrigam traduções e trocas desiguais, sejam elas materiais ou semióticas, nas redes de conhecimento e poder (HARAWAY, 2009).

É a partir dessa influência que esta pesquisa ressalta ao profissional de design a possibilidade de se situar no campo do Metadesign em projetos sociais e colaborativos em sistemas distribuídos, deixando a comunidade cidadã como real agente projetual em busca das soluções e sentidos que mais impacto causarão em seu cotidiano. O designer estratégico desloca-se do campo

projetual para o campo do Metadesign, adotando a crítica, o pensamento reflexivo e a capacidade de promover as interações humanas capazes de oferecer propostas projetuais evidenciadas na multiplicidade presente na comunidade cidadã. Esta proposta nasce da crescente crítica do papel do designer como um agente que dita os processos criativos e projetuais por meio dos seus kits e ferramentas, que são capazes de apresentar um novo mundo aos oprimidos e marginalizados. Apesar de toda a conversa sobre facilitar o desenvolvimento da comunidade, talvez essa comunidade não precise realmente do designer para se desenvolver. (NOEL, 2022).

Vale destacar que os sistemas distribuídos são sistemas sociotécnicos espalhados em múltiplas partes que se conectam, porém mantêm relativa autonomia, sem deixar de se conectar mutuamente em redes mais amplas (MANZINI, 2017). O designer estratégico situado nesta visão de Metadesign oferece a possibilidade de semeadura, ou seja, novas formas de compreensão e planejamento com o objetivo de produzir sistemas de interação mais abertos e em evolução, criando uma base para que esses sistemas distribuídos possam florescer, para que a comunidade possa encontrar alternativas capazes de sustentar uma expansão de seus processos criativos em busca de artefatos que os satisfaçam. “Um artefato é todo objeto feito pelo homem com uma intenção (para o design, nem todo artefato é físico)” (ROSA, 2020, p. 262).

Assim o “Metadesign representa uma mudança cultural do design como ‘planejamento’ ao design como ‘semeador’” (GIACCARDI, 2005, p. 348). Prorrogando a visão da autora, o Metadesign compartilha com o design generativo e evolutivo o foco no design que provê as condições iniciais de projeto ou de “sementes”. Nesse sentido, ele compreende metodologicamente tanto o crescimento generativo quanto o evolutivo, entretanto o Metadesign os transcende ao incorporar os princípios de participação e emergência e ao mudar a forma como os sistemas e conteúdo são projetados. Para este trabalho, o Metadesign assume papel relevante como uma prática capaz de moldar o ato de projeção em conjunto com as comunidades cidadãs, pois ele abre a possibilidade de semear os movimentos iniciais e que poderão sustentar os movimentos futuros de tais indivíduos que compõem a teia social.

Os conceitos de semente dentro do Metadesign são propostos para o florescimento de novas dinâmicas entre os usuários e designers, pois “[...] o Metadesign visa criar espaços de design para outros” (GIACCARDI, 2005, p. 07). Nesta concepção, o designer deixa de ser o agente principal do projeto e passa a ter um papel de mediador nestas dinâmicas. Esse deslocamento do papel do designer é importante, principalmente em um contexto de Pluriverso, em que a autonomia dos indivíduos e seus saberes é o foco das alternativas sistêmicas propostas.

Os processos de semente propõem que pequenas contribuições de um grande número de pessoas têm potencial de cultivar e evoluir as relações, ou seja, uma semente é uma coleção inicial de conhecimentos projetada para evoluir no seu tempo de uso (GIACCARDI, 2006). Esta inspiração se encaixa nas perspectivas capazes de tornar o designer estratégico um semeador de bases nos processos projetuais, capazes de iniciar trocas sociais de saberes a fim de projetar um artefato aberto capaz de oferecer mais visibilidades aos conhecimentos individuais ou coletivos daquela comunidade que está inserida em um sistema complexo. O Metadesign, na perspectiva desta pesquisa, seria uma iniciativa que tem como propósito não oferecer soluções imediatas para os problemas, mas sim despertar interesse de maneira paradoxal ou provocativa à determinados grupos, para ofertar diferentes maneiras de olhar para estas iniciativas e projetá-las (MANZINI, 2017).

O Metadesign orienta as redes participativas a fim de viabilizar soluções sistêmicas que se baseiam na subjetividade social contemporânea. Elisa Giaccardi (2005) propõe que o designer deixe de “planejar” e controlar todos os desdobramentos do projeto para “semear” práticas colaborativas e transformacionais que possibilitem novos modos de interação humana e proporcionem a expansão do processo criativo, seja entre designers em um projeto de design voltado a desenvolver sistemas produto-serviço para o mercado, ou entre diferentes atores em um processo de co-design de inovação social. Entende-se por co-design um processo de construção e compartilhamento de atuações inteligentes e significativas, ampliando o diálogo social entre indivíduos e grupos, e estabelecendo que diferentes atores que interagem entre si a partir de múltiplas ações. É preciso sempre lembrar que esta

conjuntura exige ao designer altos níveis de entendimento social e de responsabilidade moral. (PAPANЕК, 2005).

A interpretação de que o Metadesign seria uma “espécie de design semeador” não surge com Giaccardi, pois em 1989 Celestino Soddu já considerava o designer um produtor de ideias executáveis, encarando-o como um código gerador, que entregaria ao usuário a capacidade em escolher as possíveis realizações desejadas. Assim, esta lógica de semeadura proporcionaria, ao artefato originalmente criado para um determinado fim, revisões e reformulações para uma nova função que irá atender o interesse daquele que o manipula – esta abordagem será bastante significativa para a proposta desta pesquisa, pois o designer assume um papel de semeador, propondo faíscas criativas que acendem os pensamentos críticos das comunidades cidadãs, proporcionando a criação das narrativas a partir de seus contextos social. Ademais, esta abordagem de semeadura “Reflete acerca do papel do designer estratégico em contribuir para a oposição à hegemonia por meio da abordagem do metaprojeto e do conceito de *seeding* que este traz. Ou seja, coloca no âmbito do design a construção de dinâmicas sociais e ambientais mais sustentáveis e igualitárias que as atuais.” (MICHELIN, 2016, p. 2103).

O movimento provocado pelo Metadesign já exige uma prévia reflexão do escopo do trabalho do design a partir da lógica de semeadura nos arranjos sociais contemporâneos. Muitas comunidades podem não estar familiarizadas com as dinâmicas de projeto e a dispersão projetual pode causar paralisações ou até mesmo a incapacidade de criação por meio de um grupo que não esteja familiarizado às trocas, à diversidade de pontos de vista, às reflexões ao longo do projeto, etc. É justamente nesta relação que o Design Estratégico e o Metadesign assumem sua real importância como conjunto associado: o Design Estratégico, responsável por projetar a estratégia, conseguiria nortear as etapas e os necessários avanços para atingir os objetivos do projeto, enquanto o Metadesign seria capaz de refletir as dinâmicas, as relações e as participações dos agentes projetuais capazes de sustentar e potencializar a estratégia pactuada.

Atualmente o mundo se encontra em uma era de produção em massa e o design tornou-se uma ferramenta muito poderosa, no qual o indivíduo molda suas ferramentas e ambientes, e por desdobramento, a sociedade e ele próprio. Ciente das consequências que a prática do design causou, diversos teóricos da área (alguns já evidenciados no capítulo anterior que aborda o Design Estratégico) como Manzini, Vezzoli, Mendonça e Silva *et al.* apresentam alternativas sistêmicas que impactam na dimensão social da sustentabilidade das atividades projetuais propostas pelo design – que agora contam com sistemas de inovações promovidos pelos próprios atores sociais. Vezzoli (2007) e Manzini (2017) oferecem ferramentas e métodos de design para equidade e coesão social e Silva *et al.* (2015) propõe que esta coesão social seja capaz de valorizar os recursos locais. Por sua vez Giaccardi (2005) e Franzato (2014), propõem que o Metadesign seja o elo relacional entre esses diversos atores que compõem um ecossistema criativo composto por uma rede de ativos, humanos e não humanos, que possibilitará aferir os cenários propostos por Vezzoli e Manzini. A partir dessa estrutura, Mendonça discute o Metadesign como caminho para a sustentabilidade, seja ela ambiental, social, mas sobretudo sociocultural, para promover a descentralização projetual do designer rumo à inclusão de diversos atores em comunidades criativas “A busca por ressignificar o papel do design rumo a uma sustentabilidade que envolva redes de atores autônomos, empenhados por motivações próprias, vai ao encontro de algumas das definições do Metadesign” (DE MENDONÇA, 2017, p. 02).

A proposta desta pesquisa é que a emergência sociocultural também passará pelo papel do designer situado no campo do Metadesign, pois as oportunidades de organizar as redes, aliada a potencialização das interrelações dos atores comunitários e a mediação entre as suas trocas - a fim de gerar uma narrativa, estão fora do escopo do projeto produzido pela comunidade cidadã. A sustentabilidade em rede se situa em um movimento anterior (e durante) o percurso projetual, exigindo reflexão e crítica do profissional do design em relação às dinâmicas estabelecidas na comunidade cidadã em que está inserido. O movimento do designer situado no Metadesign deve garantir a mediação das relações, integrando-se aos participantes do projeto, sem esquecer de estimular as questões locais, ou no mínimo resgatar questões já demandadas pelos

cidadãos em uma participação horizontal, que garanta as articulações humana e não humanas dos atores envolvidos.

Assumir o Metadesign como um movimento de inflexão do Design Estratégico é levar em consideração que a realidade contemporânea (cenários e território) é fluída e dinâmica, sendo composta por uma vasta pluralidade de atores sociais com papéis diferentes e mutáveis (DE MORAES, 2010). Esta pesquisa entende que há capacidade na comunidade cidadã em propor narrativas que satisfaçam sua visão de Cidade Educadora; e que caberia ao designer, orientado pelo Metadesign, as condições de estruturar a construção de tais narrativas, por meio de um trabalho de colaboração instrumentalizada pelo Design Estratégico. Assim, a metodologia do Design Estratégico colaboraria na estruturação de narrativas capazes de expressar os valores e motivações que devem compor os movimentos educativos da Cidade Educadora, manifestado por meio da sua própria comunidade cidadã, expandindo os exemplos que compõem o Pluriverso. Seria possível, assim, o envolvimento direto da comunidade cidadã nos processos educacionais de uma Cidade Educadora, constituindo uma rede de ativos humanos e não humanos em que os interesses de cada parte criariam a coesão e envolvimento necessários para a elaboração de projetos de aprendizagem. A associação do Metadesign e do Design Estratégico serviria para “[...] à orientação e ao planejamento da participação, de modo que se possa estabelecer o direcionamento e coordenação de métodos de design e suas especificidades durante as diferentes fases de coleta de dados nos exercícios de colaboração deliberativa em redes distribuídas.” (MENDONÇA, 2017, p. 09).

Por fim, esta pesquisa ressalta que o Metadesign pode ser encarado como um movimento do Design Estratégico, que oferece uma abordagem específica para o cruzamento de interações sociais, mas também uma forma de estratégia cultural estimulando e integrando diferentes vivências, domínios, conhecimento, crenças e experiências. Assim, essa inerência entre Design Estratégico e Metadesign oferece uma abordagem para designers interagirem em projetos coparticipativos em comunidades cidadãs, por meio de relações humanas e não humanas, sem lançar mão da tecnologia como propulsor das dinâmicas complexas e subjetivas que permeiam as relações contemporâneas.

É importante ressaltar que essa proposta enxerga o Metadesign como um modo construtivo de Design Estratégico que lança bases mais robustas para um projeto de Cidade Educadora, em um contexto de Pluriverso. Este último, compartilha diversas premissas com o Metadesign, ao encarar a importância da pluralidade de atores sociais com papéis diferentes e mutáveis na composição de diversos mundos.

#### **4. Pluriverso e Cidades Educadoras.**

Este capítulo pretende aproximar e associar os valores presentes no Pluriverso e os princípios do movimento Cidades Educadoras ao redor do mundo, para que seja estruturado o conceito de Cidade Educadora Polifônica desta pesquisa.

##### **4.1 Pluriverso: novas perspectivas de futuro.**

Antes mesmo de ressaltar os conceitos de Pluriverso é preciso desembaraçar o que as organizações e os indivíduos ao redor do mundo entendem como desenvolvimento. Alguns autores vêm destacando há décadas que a concepção de desenvolvimento deve ser revista, pois o “desenvolvimento é uma palavra plástica, um termo vazio com significado positivo.” (SACH, 2019, p. 13). O programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNEUD), os Objetivos de Desenvolvimento Sustentáveis (ODS), os Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) entre outros, são métricas, um constructo estatístico que visa colocar em um ranking as características de civilizações completamente diferentes, para que seja possível direcionar todas elas a apenas um caminho para a, dita, evolução social “E assim desvendamos o segredo do pensamento desenvolvimentista: ele só pode viver sob a ditadura da comparação quantitativa.” (ESCOBAR, 2020, p. 23).

As premissas defendidas para a construção do desenvolvimento em países ditos subdesenvolvidos, nasce de um modelo estabelecido pelos países do norte global, que destacam o desenvolvimento como único caminho possível de prosperidade. Nesta perspectiva, os países do sul global adotam receitas de sistemas que privilegiam o ganho econômico para tal desenvolvimento, em detrimento do bem estar socioambiental. Neste movimento, as características

sociais, ambientais são cada vez menos levadas em conta pelos países que querem chegar aos altos índices estabelecidos por todos os medidores quantitativos já conhecidos. O desenvolvimento se apresenta como um constructo homogeneizante de comportamentos políticos e sociais para que os objetivos econômicos sejam atingidos. O resultado disto é que as características sociais, ambientais e econômicas locais se esvaem em detrimento da ideia da modernidade, do crescimento e da globalização e das relações que impõem uma ideia de desenvolvimento de inovações alinhadas e realizadas ao redor do mundo. Vale destacar que atualmente um dos mais utilizados medidores de sucesso econômico de um país é o Produto Interno Bruto (PIB), indicador que representa a soma de todos os bens e serviços finais produzidos por determinada região – mas que não leva em conta o impacto da cadeia de extração, produção e descarte de todos esses bens de consumo.

Contrário a esse pensamento que estabelece um único ou poucas unidades métricas quantitativas, o Pluriverso propõe uma descolonização intelectual, indicando novas formas de sentir, de pensar, de criar, de crer, que desafia “a ontologia moderna do universalismo em prol da multiplicidade de universos possíveis. Esse é o significado de reivindicar um Pluriverso possível.” (KOTHARI *et al.*, 2021, p. 30). Ao invés de um universo em que todos devem fazer parte, o Pluriverso oferece a visão de plurais universos construídos pela sua diversidade, calçada nas dinâmicas sociais. O Pluriverso seria um mundo em que caberiam muitos mundos, um projeto compartilhado, baseado na multiplicidade de formas de fazer e compreender o mundo. Assim seria possível viver de acordo com a percepção de múltiplos mundos parcialmente conectados, ainda que radicalmente diferentes, promovendo a biocivilização ecocêntrica, diversificada, multidimensional e capaz de encontrar equilíbrio entre as necessidades individuais e comunitárias (ESCOBAR, 2021).

O desenvolvimento, atualmente estruturado, impõe a racionalidade em todo o seu processo, pois a tradição racionalista é um contexto cultural onipresente em que grande parte do mundo contemporâneo opera. Para o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, essa racionalidade presente na sociedade moderna é reducionista, “preguiçosa, que se considera única, exclusiva e não vê a riqueza inesgotável do mundo” (SANTOS, 2007, p. 25).

Direcionar todas as culturas, expressões, diversidade e singularidades dos povos existentes no mundo, de uma certa perspectiva, é condicioná-los a resolver suas necessidades da mesma ou de forma muito semelhante que outros países já o fizeram, por meio da racionalidade para alcançar os índices já estabelecidos. Assim a estrutura hegemônica se perpetua, apenas com pequenos ajustes locais.

Tais consequências do desenvolvimento nos âmbitos sociais, ambientais e econômico têm evidenciado crises que apontam para um modo de vida humana insustentável. Essas crises estão no campo da escassez de recursos naturais, do aquecimento global, da saúde pública (pandemias), das políticas migratórias, da democracia, da fome, da pobreza, dos direitos das mulheres, dos negros, da população LGBTQIAP+ entre outros.

“Em outras palavras, se aceitamos a tese – defendida por ativistas de movimentos sociais, visionários de transição e alguns designers – de que as crises atuais apontam para uma crise civilizacional mais profunda, então o desenho autônomo de novas formas de vida e suas próprias projetos de vida aparece para muitas comunidades como uma possibilidade eminentemente viável, talvez projeto inevitável, teórico-político; para alguns, é mesmo uma questão de sua sobrevivência como mundos distintos.” (ESCOBAR, 2018, p. 28).

A busca coletiva de um mundo ecologicamente sábio e socialmente justo seria um caminho possível para desacelerar as consequências desastrosas do imperativo desenvolvimento. O design poderia contribuir para as profundas transições culturais e ecológicas, justamente por seu caráter projetual e prático, proporcionando caminhos para ultrapassar os problemas impostos pelas mudanças climáticas, o aumento da pobreza, a falta de alimentação e energia, e sobretudo da crise de significado. Assim, o conhecimento localizado das comunidades e seus saberes baseado pelos ritmos e limites da natureza, poderiam centrar o respeito à todas as vidas e todas as culturas, elevando o bem viver acima da acumulação material (ESCOBAR *et al.*, 2021).

É importante ampliar o olhar do design em um contexto de Pluriverso, pois ele não deve atentar-se apenas para os problemas, os déficits ou as necessidades sociais de forma racional, mas contemplar ainda mais, na sua metodologia, os desejos e a produção de significado dessas comunidades,

criando uma pujança efetiva no design em busca de um Pluriverso. Somente assim seria possível nutrir modelos alternativos de vida e formas de construção de mundo, pois o design estaria baseado no desejo genuíno da comunidade em contraste com a abordagem convencional baseada nas suas necessidades. (LEITÃO, 2020). A autora ainda defende, com eloquência, a mudança social orientada pelo design baseada no desejo, sendo ele uma bússola norteadora no desbravamento de novos caminhos de se fazer um mundo – provocando um processo aberto em direção ao Pluriverso. Ao basear-se singularmente em uma cultura de design que promove a solução de problemas, é muito provável que os caminhos propostos sejam capazes de reduzir déficits, porém deixariam de criar condições para a sementeira e crescimento evolutivo pretendido pela cocriação em comunidades cidadãs. O design baseado em solução de problemas é conservador, pois implica na reprodução racional de um modelo, travando novas construções de mundo e mantendo o *status quo* atual pouco ou nada alterado. O design em direção ao Pluriverso opera de forma contrária, pois “O insight básico é, novamente, aparentemente direto: que cada comunidade praticaria o design de si mesma.” (ESCOBAR, 2018, p. 28).

É fundamental entender o desejo/sentido como a força capaz de gerar mudanças, uma forma de engajamento individual que propulsione um processo aberto mútuo de afetar e ser afetado. Os propósitos intrínsecos devem ser estimulados de forma independente para que cada indivíduo possa avançar em suas contribuições para uma comunidade cidadã que irá construir um significado coletivo. Neste contexto não há projeto social sem desejo, pois somente assim haverá criações e mudanças verdadeiras. Ao levantar essas considerações em direção ao Pluriverso, a cultura de design enfrentará grandes desafios e continuará em uma fase de transição, que deve acolher a sua possível crise existencial. “É preciso conviver com o desconforto e estar aberto a novos modos de prática de design, afastando-se dos métodos de prática de design modernistas, normativos e dominantes.” (NOEL, 2022 p. 09).

As transições sociais, que são necessárias para que a ideia de indivíduo, cultura e natureza deixem de ser pressionadas pelo sistema que só é orientado ao desenvolvimento, devem ser estimuladas para que seja possível um florescimento da diversidade por meio das práticas locais comunitárias. Os

conhecimentos locais devem ser elevados e colocados em tensionamento com as estruturações produtivas que obrigam traduções e trocas desiguais, sejam elas materiais ou semióticas, nas redes de conhecimento e poder (HARAWAY, 2009). Somado a este pensamento, é indispensável compreender o design como um colaborador para um mundo mais habitável em que os seres humanos não apenas sobrevivam, mas expandam suas possibilidades culturais, espirituais, morais, éticas, de costumes e manifestações de existência. “O argumento aqui é que essas imaginações de transição, que postulam a necessidade para transformações radicais nos modelos dominantes de vida e economia, pode constituir a estrutura mais apropriada para uma reformulação ontológica do design” (ESCOBAR, 2018 p.27)

As intenções dessa pesquisa é evidenciar ou até mesmo promover um pensamento de um processo de design capaz de contribuir para a construção de uma iniciativa popular regional, que promova o bem viver, expandindo o Pluriverso. Para isto é preciso lançar mão de algumas práticas de design que construíram o campo como um forte aliado dos modelos econômicos neoliberais e capitalistas que induzem os indivíduos (consumidores/usuários) a serem sujeitos cada vez mais hedonistas e singulares, embaralhando a percepção de que eles formam uma comunidade capaz de combater as explorações realizadas por governos e empresas. Essa asserção implica no caráter de transição do design, além de oferecer questionamentos imprescindíveis acerca deste campo, pois o design teria condições de se desprender da cultura modernista insustentável? “Além disso, o design poderia fazer parte do kit de ferramentas para transições para o Pluriverso? O que isso implicaria em termos de design de ferramentas, interações, contextos e linguagens de maneira que cumpram o princípio de design ontológico de mudar as maneiras pelas quais lidamos conosco mesmos?” (ESCOBAR, 2018, p. 32).

Outros questionamentos insurgem: Será que está surgindo outra interpretação do design, desta vez mais radical e construtiva? Será que uma nova geração de designers pode vir a ser pensada como ativistas de transição? Se este fosse o caso, estes designers poderiam se aproximar daqueles que estão protegendo e redefinindo o bem-estar, os projetos de vida, os territórios, as economias locais e as comunidades ao redor do mundo. Esses são os arautos

da transição para formas plurais de se fazer um mundo. (ESCOBAR, 2018). Esta pesquisa entende que a metodologia do Design Estratégico é capaz de oferecer subsídios para um movimento em direção ao Pluriverso “Sim, ainda acreditamos que as ferramentas de design podem ser muito eficazes para catalisar a agência e os projetos de vida - se forem usados em uma mentalidade de autodeterminação que reconhece e se envolve com várias maneiras de conhecer e compreender o mundo.” (NOEL, 2022, p. 07). Novamente será pertinente destacar o Metadesign como o movimento de inflexão, prática imprescindível no trabalho do designer estratégico ao se relacionar com as diversas manifestações dos saberes e conhecimentos presentes no mundo.

Assim o Design Estratégico assume o papel de uma metodologia capaz de expressar futuros; o Metadesign como um movimento de reflexão para diversas iniciativas e o Pluriverso como uma nova perspectiva de futuro que quebra a hegemonia até então presente nos modos de se fazer design. É por estas contribuições que será importante aprofundar alguns aspectos técnicos como os bens comuns, aqui interpretados como os recursos (naturais ou culturais) compartilhados por um grupo de pessoas (comunidade cidadã) para a conscientização popular, o fortalecimento da autonomia e o enfrentamento ao fatalismo (práxis comunitárias).

#### **4.1.1. Bens comuns (*commons*), comunidade de cidadãos (*commoners*) e práxis comunitária (*commoning*).**

Um bem comum será interpretado como um tipo de recurso compartilhado que implica em um sistema social composto por três elementos: “Uma comunidade de riquezas em comum, uma comunidade de cidadãos comuns e uma práxis comunitária do fazer em comum, incluindo o ato de gerir a relação entre a comunidade, as riquezas em comum e a natureza, e entre os próprios cidadãos da comunidade uns com os outros.” (DE ANGELIS, 2017). Nesta perspectiva todas as formas de cooperação humana que não sejam hierárquicas representam diferentes formas de bens comuns ao redor do mundo. David Bollier, em *Patterns of Commoning* afirma que é possível aprender com o paradigma pluriversal de conhecer, agir e ser – sendo estes o cerne do

paradigma dos bens comuns e, justamente por esta perspectiva e categorização, seria possível a construção de um novo mundo (BOLLIER, 2015).

Os bens comuns seriam capazes de proporcionar uma ética social capaz de transformar um mundo cada vez mais insustentável em busca de um mundo que abriga múltiplas formas de ser e pensar. “Não é exagero conjecturar que, através de um bem comum, podemos encontrar os meios para revigorar uma vibrante ética social funcional – algo que o Estado-nação e a cultura de mercado foram singularmente incapazes de alcançar.” (BOLLIER, 2015, p. 22). Tal ética social faz parte do entendimento do Pluriverso que “envolve redesenhar os termos e formas de interação entre os diferentes modos de ser para a compreensão e apreciação mútua.” (LEITÃO e NOEL, 2022 p. 247). Embora o uso de bens comuns sempre tenha feito parte da vida em sociedade, sua percepção só é sentida quando um bem comum é retirado da comunidade cidadã. Quando os bens comuns são suprimidos, os indivíduos perdem sua independência, para atender às demandas básicas de sustento, estabilidade financeira e relacionamentos interpessoais. Assim, a práxis comunitária implica ao indivíduo o controle de sua vida, em vez de depender apenas de fatores externos para atender às suas necessidades ou dar um curso de ação predeterminado. É justamente esta pujança em manter o direito às práxis comunitárias almejada por este trabalho.

Já o termo "commoning", entendido como práxis comunitária, dá vida ao componente social crucial dos bens comuns. O ato de tornar comunitário baseia-se em uma rede de conexões estabelecidas sob a premissa de que todos cuidarão uns dos outros e com a consciência de que algumas coisas pertencem a todos aqueles que fazem parte da teia social, que é a própria natureza dos bens comuns. Neste sentido, assume-se a tônica de que todos estão juntos, como pode ser visto pela prática do compartilhamento, que evidencia uma mudança na mentalidade da ética dominante de "você está sozinho" para uma lógica de que “estamos juntos”. “A práxis comunitária é, no fundo, um processo pelo qual entramos em um processo participativo cultural e pode esboçar uma ideia de como queremos viver juntos como sociedade.” (BOLLIER, 2015, p. 23). A práxis comunitária oferece às pessoas uma nova maneira de decidir o que fazer e como fazer para influenciar o futuro de suas comunidades sem ser

restringido pelos mecanismos de lucro do mercado ou depender apenas de fontes de financiamento governamentais. Nesta perspectiva, a práxis comunitária auxilia a visão de mundo que integra o ser e o fazer, moldando o mundo no qual o indivíduo faz parte e quer construir. Por isso é importante ressaltar que os bens comuns devem gerar engajamento para que as práxis comunitárias aconteçam de forma a se retroalimentar.

“Um bem comum só pode sobreviver se puder nutrir e proteger esse nível mais profundo de práxis comunitária, porque é o que torna um comum duradouro, flexível e resiliente. É por isso que os formuladores de políticas e os especialistas não podem simplesmente projetar e construir bens comuns, muito menos institucionalizá-los. As comunidades cidadãs devem fazer este trabalho eles mesmos (embora não necessariamente sozinho e sem apoio). Os resultados refletirão sua história particular, geografia e cultura.” (BOLLIER, 2015, p. 21).

Dentro de um contexto projetual de design em direção ao Pluriverso, os bens comuns, as práxis comunitárias e a comunidade cidadã são aliadas na busca de uma ética de cooperação na busca por respostas e significados. “Os bens comuns podem nos ajudar a reimaginar a autodeterminação democrática e a liberdade em novos caminhos, ajudando-nos a expandir o escopo do que é pensável e, portanto, factível.” (BOLLIER, 2015, p. 24). Entretanto, como Bolier já ressaltou, é importante perceber que especialistas não têm a capacidade de construir bens comuns, sendo imprescindível que estes artefatos sejam produzidos pelas comunidades cidadãs. Esse ponto de vista corrobora para a proposta deste trabalho que entende e propõe que o designer estratégico assuma uma posição mediadora e reflexiva, via Metadesign, para apoiar os processos comunitários para que seja possível alcançar resultados que reflitam a história, a geografia e a cultura particular de cada comunidade cidadã.

Os bens comuns devem ser vistos por meio das experiências, pelos sentimentos, pelas histórias, pelas espiritualidades, pelos conhecimentos e a cultura de cada indivíduo que compõe a comunidade cidadã – e é justamente por isto que não é possível projetar um bem comum ou importar um conjunto de diretrizes capazes de desenvolver este bem comunitário. É o envolvimento e é a relação entre os próprios indivíduos que compõem a comunidade cidadã, o insumo necessário que oferecerá respostas e sentidos ao bem que será construído por todos. Ao relacionar novamente o Design Estratégico com esta

perspectiva, é importante lembrar que esta metodologia é interpretada, por Francesco Mauri, como um projeto coletivo que valoriza o aporte disciplinar e multiplica a criatividade individual. Assim seria possível explorar metodologicamente as experiências individuais, os pontos de vista, as competências, os objetivos, os significados que desenvolvam sinergicamente um saber criativo através da escuta, do reconhecimento da diferença, do aprender a aprender, da negociação, da coevolução. As relações interpessoais entre humano e natureza são o foco principal dos bens comuns, deixando de lado os recursos, a posse e os objetos. Por fim, a liberdade é o força motriz que propulsiona as comunidades cidadãs a estabelecerem a práxis comunitária “O que une as comunidades cidadãs é seu desejo de ter a liberdade (e as condições sociais) para atender às suas necessidades criativas, justas, auto-concebidas, sem depender dos mercados ou do Estado.” (BOLLIER, 2015, p. 22).

Vale ressaltar que o autor destaca a importância do distanciamento das comunidades cidadãs do Estado, visão que carece uma pontuação rígida: o Estado tem a obrigação de proporcionar as bases para que a comunidade cidadã possa exercer sua práxis comunitária, oferecendo condições básicas para o exercício da cidadania. “Com efeito, o Estado deve ajudar a promover a construção social dos bens comuns, promovendo condições hospitaleiras para a comunidade cidadã realizar o que fazem.” (BOLLIER, 2015, p. 25). Neste papel, o Estado não deve interferir ou tentar orientar as comunidades cidadãs a desenvolverem práticas orientadas pelo *status quo* vigente, mas instrumentalizar a comunidade para reproduzirem a sua própria organização circular, por meio de seus próprios componentes.

A autonomia é aprendida e vivida por conta dos relacionamentos entre os indivíduos e os bens comuns fornecem um quadro adequado para que isso aconteça. Nesta perspectiva, entende-se que os seres humanos não se desenvolvem e amadurecem isoladamente, mas sim na relação do indivíduo com os outros - tal como a filosofia Ubuntu exponencia em “Eu sou porque nós somos”. Este é um caminho possível para criar um espaço multifacetado de cooperação, sendo que “Esses espaços multifacetados de cooperação geram esperança de uma transformação pós-capitalista, uma vez que representa o

surgimento de modelos alternativos de produção ecológica oposto ao capitalismo e ao sistema autoritário do Estado.” (DE ANGELIS, 2021, p. 219).

Os Bens comuns (commons), comunidade de cidadãos (commoners) e práxis comunitária (commoning) são substratos imprescindíveis para que um projeto de Cidade Educadora, guiada pelo Design Estratégico, atinja de forma assertiva os seus objetivos, em direção a uma nova perspectiva de futuro. A base do projeto se dará nas dinâmicas e nas relações entre os commons, commoners e commoning, para que o designer estratégico tenha a possibilidade de semear (seja por meio da metodologia, das ferramentas e da visão do Design Estratégico) estímulos projetuais para que seja possível chegar às respostas e às alternativas plurais para aquela comunidade cidadã. É a partir destes três substratos que será possível alcançar uma ética social, baseada e desenvolvida nas faculdades humanas: racional, cognitiva, experiencial, intuitiva, relacional e de personificação (DOWNSON, 2021) - formando assim uma teia social em que as formas de cooperação humana e não humana não são hierárquicas.

Por fim é importante ressaltar que o recorte desta pesquisa é a coleção de narrativas (bem comum) construídas pela comunidade de cidadãos comuns a partir das suas práxis comunitárias “O mais importante é simplesmente que todo bem comum requer uma base material e imaterial, e todo bem comum não importa seu foco principal, é sempre baseado em produzir e compartilhar conhecimento.” (BOLLIER, 2015, p. 23). O Pluriverso, com sua capacidade de enunciar diversas alternativas que, por muito tempo, ficaram subalternas às alternativas ditas desenvolvidas, proporciona uma nova capacidade de perceber o mundo. Esta perspectiva se estende ao entendimento de novas maneiras de interagir em sociedade, possibilitando algumas narrativas que sejam capazes de oferecer novas práticas de aprender e ensinar. "A pluriversalidade é uma forma de perceber o mundo. Nela, reconhecemos a pluralidade como um modo de compreender a si mesmo, os outros e os mundos, e também um princípio presente nas práticas de interagir, aprender e ensinar." (FERSECK, 2023, p. 01). Se a comunidade cidadã é capaz de enxergar a importância de novas práticas sociais (aprendizagem), ela também reconhecerá a importância de suas práticas locais, expandindo (ensinando) suas vivências como algo tão relevante como as ditas desenvolvidas.

A Carta das Cidades Educadoras<sup>1</sup> apresenta 20 princípios que norteiam as ações daquele município que pretende se juntar a rede educadora. Tais princípios se aproximam das premissas defendidas pelo Pluriverso, em que as práticas sociais do território devem ser promovidas como processos educativos locais, por suas comunidades cidadãs. Nesta proposta, cada Cidade Educadora deve ser composta por práticas e costumes próprios, para que sua identidade seja cada vez mais enunciada e reconhecida, afastando-se de uma lógica universal e pasteurizada.

#### **4.2. Cidades Educadoras - Pilares do movimento.**

Um exercício para um território educativo é compreender que este espaço deve cumprir com seus deveres costumeiros reconhecendo, promovendo e desempenhando um papel educativo na vida das pessoas. Um espaço educativo, seja uma sala, um prédio ou um território, deve assumir o desafio contínuo de desenvolvimento integral das crianças, adolescentes, adultos e idosos que participam deste espaço. Para isto, diferentes leis, costumes, geografia e pessoas são vistas nos territórios educacionais como agentes educativos, capazes de promover o desenvolvimento de todas as potencialidades humanas. É imprescindível que as políticas de construção de Cidades Educadoras tenham como princípio a radicalização da democracia e o aprofundamento da participação social.

As Cidades Educadoras surgiram na necessidade da administração pública fomentar o desenvolvimento dos seus habitantes, o que resultou em um conjunto de princípios centrados na população das cidades que pretendiam lançar-se em busca dos elementos importantes para uma formação integral da sua população. O I Congresso Internacional de Cidades Educadoras aconteceu em Barcelona em 1990 e difundiu os ideais necessários, para 2 anos após, construir a Carta das Cidades Educadoras que nortearia as políticas educativas da cidade, tornando-o um processo permanente e integrador da sua população. Já em 2020 esta carta recebeu atualizações importantes ao seu tempo, espaço e geopolítica contemporânea. Esta carta prevê condições igualitárias para toda a população que compõe uma cidade, por isto, a diversidade intrínseca à vida

---

<sup>1</sup> Disponível no apêndice D.

da cidade deve ser celebrada, emergindo iniciativas educadoras em diferentes aspectos, sejam eles no planejamento urbano, nos processos de tomada de decisão, da ocupação dos espaços e equipamentos públicos, do meio ambiente, da cultura e das tecnologias presentes em uma cidade. “A Cidade Educadora é um sistema complexo em constante evolução e pode exprimir-se de diferentes formas, mas dará sempre prioridade absoluta ao investimento cultural e à formação permanente da sua população.” (AICE, 1990, p.1). Como previsto pela carta, uma Cidade Educadora deve, intencionalmente e com responsabilidade, formar, promover e desenvolver todos os seus habitantes.

“Hoje, mais do que nunca, as cidades ou as vilas, grandes ou pequenas, dispõem de inúmeras possibilidades educadoras, mas sobre os municípios também podem incidir forças e inércias deseducadoras. De uma forma ou de outra, a cidade apresenta elementos importantes para uma educação integral: é um sistema complexo e, ao mesmo tempo, um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de potencializar os fatores educativos e de transformação social.” (AICE, 2020, p.04)

As cidades representadas no I Congresso Internacional estabeleceram que o papel de uma Cidade Educadora é promover a sinergia entre seus habitantes, ensinando-os a se envolver com a cidade, oferecendo todo o potencial desta cidade à sua população, de forma generosa. Para isto, foram estabelecidos, em 1994, os 20 princípios básicos que formam o perfil educativo da cidade, centralizando os esforços no empoderamento dos seus habitantes. É preciso destacar que esta carta considera não só as iniciativas pedagógicas dispostas em instituições de educação formal, mas todas as experiências vividas no território que surjam de forma aleatória ou até mesmo que nascem de critérios comerciais. “Ainda que o conjunto das propostas apresente, algumas vezes, contradições, ou evidencie desigualdades já existentes, elas encorajarão sempre, a aprendizagem permanente de novas linguagens, oferecerão oportunidades de conhecer o mundo, permitindo o enriquecimento individual e a partilha de forma solidária.” (AICE, 1990, p. 02).

Já no primeiro princípio manifestado pela carta, a educação deve favorecer a diversidade, a compreensão, a cooperação visando a exclusão motivada pela raça, sexo, cultura, idade, condições econômicas, deficiências ou outros tipos de discriminação. Esse princípio deve ser visto com crítica pertinente, pois nem sempre uma Cidade Educadora deve se restringir a olhar

apenas os cidadãos que façam parte de comunidades marginalizadas, mas deve ter o compromisso de apresentar maneiras de que suas vivências e ângulos de mundo sejam compartilhados com os demais habitantes da cidade. Somente assim será possível construir uma cidade compromissada com os diversos modos de ser, crer, viver e intuir. A pluralidade deve ser a tônica das dinâmicas de uma Cidade Educadora, caso contrário as culturas dominantes irão se sobrepor àquelas que são comumente marginalizadas. O constructo homegeinizante da ideia de desenvolvimento, modernidade e riqueza de um povo poderá se sobrepor às pluralidades presentes nas dinâmicas sociais em uma cidade - tornando as iniciativas educacionais bastante uniformizadas dentro de um padrão pré-estabelecido ou pela administração municipal ou pela cultura coletiva. É preciso um movimento em que seja possível empossar as comunidades cidadãs da ideia de que são elas quem constroem e mantêm uma Cidade Educadora, dando a elas a capacidade real de executar as iniciativas educacionais que julgarem pertinentes, a partir de suas vivências, tradições, espiritualidade, crenças, dificuldades e cultura. “Para tornar-se efetivamente educadora uma cidade precisa atender não apenas critérios gerais e abstratos, mas efetivar no cotidiano práticas que assegurem a participação e a vivência dos cidadãos na vida socioeconômica e cultural visando uma cidade com, para e por todos.” (MARCON, 2022, p. 76). As intervenções que poderão ser realizadas em busca da diminuição ou erradicação das desigualdades devem partir de uma visão global do indivíduo que satisfaça seu próprio interesse, sem impor ou tornar apenas um caminho possível. É a partir da intenção com o indivíduo ou com o(s) coletivo(s) que devem ser trabalhados/apresentados caminhos possíveis para a busca de respostas.

O papel da Administração Municipal é garantir as disposições legislativas provenientes das necessidades das iniciativas educacionais presentes na cidade, mas sem lançar mão do incentivo à participação dos cidadãos neste projeto coletivo - seja a participação por meio de organizações civis, sociais ou até mesmo de participações individuais espontâneas. Ao passo que a administração da cidade acessa as reais necessidades e iniciativas educacionais manifestadas pela população, ela terá condições plenas em orientar as políticas públicas educativas futuras. “A Cidade Educadora reconhece que as decisões

políticas baseadas no conhecimento da realidade proporcionam respostas mais adequadas, razão pela qual os governos locais devem dispor de informações precisas sobre a situação e as condições de vida dos seus habitantes e do território e devem realizar ou apoiar estudos atualizados e acessíveis para os cidadãos.” (AICE, 2020, p. 16). A administração municipal deve garantir que a Cidade Educadora integre os valores e as práticas democráticas, impulsionando o respeito, a tolerância, a participação popular, a responsabilidade coletiva, o interesse pelas políticas, bens e serviços públicos.

Ao ensinar suas comunidades a informar-se e formar-se no conhecimento, a Cidade Educadora terá maiores condições de saber encontrar, preservar e divulgar a sua própria identidade. Por isto é preciso apoiar a liberdade e a diversidade de manifestação social e cultural, pois assim a Cidade Educadora poderá acolher iniciativas tanto de vanguarda como as consolidadas em seus costumes e tradições. Essa capacidade de procurar coletivamente sua(s) própria(s) identidade(s), por meio da produção social e cultural de seus habitantes, inicia o processo de polifonia de uma Cidade Educadora. Uma Cidade Educadora que escuta as diversas vozes das suas comunidades cidadãs se transforma em uma Cidade Educadora Polifônica, pois ao assegurar que todos os saberes produzidos pelas comunidades cidadãs em diversos espaços da cidade, são formas educacionais efetivas, cria-se um processo polifônico de educação. Neste contexto as instituições educacionais tradicionais não perdem sua relevância, porém perdem o monopólio institucional da educação. A partir do surgimento de novas iniciativas além do sistema educativo estabelecido, que propõem novas formas de aprendizado, a educação contará com mais atores, com distintos formatos e com uma nova gama de propostas educativas. Essa multiplicidade de saberes, de modos de viver, de intuir e criar possibilitam combinações simultâneas para que uma ou mais identidades locais sejam encontradas, caracterizando uma Cidade Educadora.

Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, aderiu a Carta das Cidades Educadoras e ingressou na Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE) em dezembro de 2021 pela LEI Nº 12.938. Os Grupos de Trabalhos divididos em diversas frentes, que contemplam iniciativas de diversas perspectivas, têm como objetivo assegurar que as iniciativas da administração

municipal promovam os princípios presentes na carta das cidades educadoras. Ao ingressar na Rede Internacional das Cidades Educadoras, Porto Alegre compartilha os princípios básicos de educação, partindo da convicção de que o desenvolvimento dos seus habitantes não pode ser deixado ao acaso. Esta rede tem como objetivo o intercâmbio, a cooperação e o avanço no desenvolvimento e implementação de práticas inspiradoras nos princípios da carta das cidades educadoras, reunido 20 princípios que estão divididos em 3 macro áreas, sendo elas o direito à Cidade Educadora, o compromisso da cidade e ao serviço integral das pessoas. A compreensão de Porto Alegre, Cidade Educadora exponencia que “Uma Cidade Educadora integra atividades sociais e culturais de forma a privilegiar a formação e o desenvolvimento dos cidadãos, especialmente jovens e crianças. Conforme a Associação Internacional de Cidades Educadoras, as cidades são educativas por si, mas elas tornam-se educadoras quando assumem essa intenção.” (PORTO ALEGRE CIDADE EDUCADORA, 2023). As ações da prefeitura têm envolvido a comunidade escolar (ensino básico, fundamental e médio), os espaços públicos (praças), comunidade universitária (diálogos com universidades públicas e privadas), fóruns e Congresso Popular de Educação Cidadã (duas edições até agosto de 2023), museus (eventos com entrada gratuita para crianças), oficinas (Cidades Humanas, Eficientes, Sustentáveis e Inteligentes - CHESI) entre outras ações que vêm se desdobrando ao longo dos meses.

As visões das cidades que compõem essa rede educadora, garantem os direitos dos seus cidadãos, mas é preciso ressaltar que a visão que compõem essa iniciativa é construída a partir de uma visão universal, de uma rede de trocas e compartilhamento de boas práticas de desenvolvimento, que nem sempre percebem as nuances de suas regiões – e que por vezes nem olha para as atividades presentes no território em detrimento de cases de sucesso em outras cidades. Muitas vezes essa rede acaba por se tornar prejudicial a preservação das iniciativas locais ou da emancipação da cidade, como um todo. Ao observar as diversas vozes dos indivíduos imersos nas comunidades cidadãs locais, será possível compreender como estes interpretam e desenvolvem a construção de suas próprias narrativas do que representa uma Cidade Educadora. Ecoar essas vozes e expressões por espaços da cidade é o que

deve garantir uma Cidade Educadora Polifônica. As iniciativas e perspectivas devem ser desta população; as metodologias e métodos podem ser compartilhados nestas redes, sempre tornando relevante o papel do Metadesign, que irá refletir a capacidade da metodologia ser aplicada em diversos contextos.

É importante resgatar a relevância da polifonia em uma Cidade Educadora, porém não será possível lançar mão da estrutura dos discursos hierárquicos e coloniais presentes na sociedade. Seria de imensa ingenuidade pensar que todas as vozes das comunidades cidadãs insurgirão em direção ao *status quo* vigente, libertando a produção de conhecimento da episteme eurocêntrica ou costumes e práticas diárias propostas por uma cultura globalizada, pois “[...] as pessoas que acreditam em um mundo único globalizado têm dificuldade em perceber outras formas de fazer mundo e enxergar a inovação que está surgindo das margens políticas e das comunidades do Sul Global.” (LEITÃO e NOEL, 2022, p. 248). Tal proposta precisa discutir novas formas de se fazer um novo mundo, debatendo a cooperação e a competição em meios colaborativos, além de lançar um olhar às práticas culturais do Sul Global.

Para encerrar este capítulo, é necessário propor a reflexão que apresente a proposta de uma Cidade Educadora Polifônica, ao aproximar os conceitos de Pluriverso e Cidade Educadora. Uma cidade polifônica para esta pesquisa, no contexto do pluriverso, refere-se a uma cidade que reconhece e celebra a diversidade de vozes, culturas, perspectivas e conhecimentos presentes dentro de seu tecido social. Nesse contexto, a metáfora da polifonia, que compreende a harmonia resultante da combinação de várias vozes musicais, é aplicada para descrever a coexistência de múltiplas vozes e experiências na esfera urbana. Uma cidade polifônica é um espaço onde diferentes grupos étnicos, culturas, tradições, conhecimentos e formas de vida não apenas coexistem, mas também são valorizados e respeitados. Isso envolve um ambiente no qual as pessoas são encorajadas a expressar suas identidades culturais e contribuições únicas, sem a necessidade de assimilação ou homogeneização.

Para esta pesquisa, não há Cidade Educadora sem a participação de todas estas vozes e, para ressaltar ainda mais a importância da participação popular, o termo polifonia foi adicionado como um adjetivo da Cidade Educadora. Por isto, na Cidade Educadora Polifônica, a diversidade é vista como uma força e uma fonte de enriquecimento social, econômico e cultural. Os indivíduos têm a liberdade de compartilhar suas histórias, saberes e práticas, contribuindo para um ambiente de aprendizado intercultural constante. Para que uma Cidade Educadora seja um dos casos que expandem o Pluriverso, surge a necessidade intrínseca em adotar a abordagem de Cidade Educadora Polifônica, lançando-a nos processos de radicalização da democracia e no aprofundamento da participação popular. Portanto, a Cidade Educadora Polifônica reconhece que cada grupo cultural e social traz uma perspectiva valiosa que contribui para a composição altamente complexa da vida urbana. Esta perspectiva compreende que a diversidade pode levar a tensões e desafios, mas busca transformar essas tensões em oportunidades para o diálogo, o entendimento mútuo e a colaboração. A Cidade Educadora Polifônica é um ambiente em que todas as vozes possam ser ouvidas, respeitadas e engajadas na construção de uma comunidade cidadã mais inclusiva, justa e harmoniosa.

## **5. Cooperação e a Ciência encantada das macumbas.**

Este capítulo irá propor a discussão sobre os processos de cooperação e competição em sociedade, aliado a ciência encantada das macumbas que possibilita um novo modo de fazer ciência, incorporando e cruzando os caminhos formativos, em que se tecem aprendizagens nas múltiplas formas de trocas.

### **5.1. Diálogos sociais - da cooperação ao conflito.**

Piaget (1973) define a cooperação como uma operação em ação, em que há reciprocidade entre os indivíduos, gerando normas morais e racionais, sendo a razão o produto do coletivo. O autor diferencia cooperação de colaboração, identificando esta última como uma prática que une atividades de maneira independente, desde que tais práticas sejam voltadas para um mesmo objetivo. A cooperação seria um processo mais amplo e completo, que abarca o processo de colaboração. Mesmo que essa diferenciação oferecida pelo autor seja

relevante, neste trabalho cooperação e colaboração serão tratadas como sinônimos, pois hora existirá colaboração entre os indivíduos e hora existirá cooperação entre aqueles que compõem a comunidade cidadã. Ou seja, este trabalho encara tais termos como sinônimos da construção conjunta, mesmo sendo de natureza diversa.

A cooperação é uma interação que proporciona trocas de pensamentos, de discussões, de comunicação verbal sobre pontos de vista, caracterizando-se como uma atividade em grupo. Outro teórico que discorre sobre os rituais e políticas comunitárias é Richard Sennett (2012), indicando que a cooperação está inscrita nos genes de todos os seres vivos. “Todos os animais sociais colaboraram, porque na solidão a abelha, o lobo ou o ser humano não são capazes de garantir a própria sobrevivência. Precisam - precisamos um dos outros.” (SENNETT, 2012, p. 89). O desafio extremo da sobrevivência assinala a necessidade de relação cooperativas, seja em busca da alimentação nos primórdios existenciais do ser humano, seja na atual contemporaneidade em que a divisão do trabalho de forma cooperativa, garante a adaptabilidade a ambientes complexos e em constante processos de mudanças.

Para Sennett as trocas cooperativas acontecem sob 5 aspectos nomeados como: trocas altruísticas em que o altruísmo indicará uma questão de doação e/ou auto sacrifício; trocas ganhar-ganhar em que ambas partes se beneficiam; trocas de soma zero que enfatiza a competição, mas não descarta completamente a cooperação, pois estabelece um certo tipo de regra básica para uma disputa e; trocas tudo-para-um-só em que as trocas deste tipo obedecem a lógica da guerra total e de genocídio, sendo necessário a eliminação deste tipo o quanto antes. Estes segmentos ajudam a entender que mesmo na cooperação existem graus de trocas que potencializam as relações nas comunidades cidadãs e mais do que isso, a própria cooperação também considera as relações de competição. Ao estabelecer a troca de soma zero, a competição está não só presente, mas dá a tônica das relações que acontecem neste contexto. Ambas estão imbricadas em suas dinâmicas e isso distanciaria a percepção de que na cooperação exista apenas o tipo de troca altruísta, ou seja, de doação. Esta é uma importante desconstrução para que defenda-se maneiras de cooperação que não exerçam apenas um discurso ideal de dedicação benevolente ou de que

todos ganham no estilo “a união faz a força”, mas de que em algumas relações será possível que um tenha melhores ganhos do que outros, e mesmo assim, ser encarado como cooperação. A competição inicial poderá se transformar em cooperação a longo prazo, no tecido social, em um contexto de complexidade.

Ao reunir, no mesmo espaço, diversos agentes das comunidades cidadãs, que por sua vez representam diversas iniciativas que compõem uma Cidade Educadora, cruzando seus saberes, suas práticas e suas perspectivas educativas, será possível potencializar a cooperação entre os grupos em prol de narrativas plurais para a construção de um território cada vez mais acolhedor às suas características e diversidades locais. Nesta perspectiva, a competição assume um papel de menor expressividade que a cooperação, haja vista que lida com a cultura local, que é composta por inúmeros cruzamentos e influências. Mas como seria possível alcançar o equilíbrio entre a competição e a cooperação?

“O equilíbrio entre competição e cooperação não acontece naturalmente. [...] As habilidades de negociação precisam ajustar esse equilíbrio, e essas habilidades constituem um ofício em si mesmas.” (SENNETT, 2012, p.98). Para que haja um equilíbrio entre a cooperação e a competição, o papel do designer como mediador se torna imprescindível. A competição e cooperação se revelam mais equilibradas pelo aspecto da troca simbólica, isso porque “os rituais são uma maneira de estruturar as trocas simbólicas; estabelecem poderosos vínculos sociais e se têm revelado ferramentas usadas pela maioria das sociedades humanas para equilibrar a cooperação e a competição.” (SENNETT, 2012, p.109). Por isso, o designer estratégico deve se aproximar dos rituais da comunidade cidadã a tal ponto de costurá-los nos processos de cooperação entre os indivíduos que ali se fazem presentes. Essa imersão não só deixaria o designer mais sensível às características da comunidade, mas também o ajudaria no percurso de desenvolvimento do projeto, criando uma sinergia entre todos os envolvidos. Esse movimento de aproximação dos rituais se dará pelos diálogos sociais. “A prática do diálogo exige conversação que cria significados compartilhados enquanto fonte de ação coletiva.” (FREITAS, 2008, p. 141).

Os diálogos sociais proporcionam a articulação de interesses, mesmo que as perspectivas dos indivíduos que formam a comunidade cidadã sejam

diferentes. Isso acontece porque uma das ferramentas mais antigas para solução de problemas complexos da humanidade é o diálogo. É o diálogo que maximiza a capacidade ancestral de se comunicar e se conectar uns com os outros. Portanto o diálogo social será uma ferramenta dentro da metodologia do Design Estratégico, capaz de imergir nos territórios de atuação das comunidades cidadãs, com o intuito de ampliar os canais de relacionamento do designer com os indivíduos que a compõem. As ferramentas possibilitarão ao designer um mergulho nos rituais da comunidade a ponto de diminuir as possibilidades de conflito e aumentando a capacidade de cooperação entre os indivíduos. Os rituais que celebram a diferença ajudam o senso comum entre os indivíduos de uma comunidade cidadã “O valor especial de cada pessoa, pode diminuir o ácido da comparação invejosa e promover a cooperação.” (SENNETT, 2012, p.105).

Os diálogos sociais não são apenas importantes para o designer em relação as comunidades cidadãs, mas são imprescindíveis entre os componentes de iniciativas que fazem parte de uma Cidade Educadora. Muitas vezes, integrantes de tais iniciativas não dialogam entre si e não entender os entraves que outras iniciativas possuem, diminuindo a chance de superação conjunta de tais barreiras. Os diálogos sociais auxiliam na promoção de uma cooperação entre iniciativas convergentes, ou no mínimo, aumentam as chances de empatia em relação as diversas iniciativas presentes em um território que compõem uma Cidade Educadora.

A metodologia de pesquisa que foi utilizada neste trabalho aprofundou os diálogos sociais, cruzando as diversas experiências, práticas, pontos de vista de tais agentes da comunidade cidadã para a construção de uma Cidade Educadora. Isto possibilitou uma capacidade cooperativa entre os agentes de diversas iniciativas, em prol da construção de uma narrativa capaz de abarcar as plurais existências e compreensões de mundo, presentes em uma Cidade Educadora.

## **5.2. Ciência encantada das macumbas.**

A ciência encantada das macumbas é um conjunto de ensaios que busca emergir uma nova percepção de ciência, nascida em um espaço de conhecimentos que se dá na experiência dos indivíduos/sociedade. Tais

conhecimentos perduram há séculos e devem romper os rigores totalitários que o acusam de ser e fazer uma ciência não credível e subalterna. A lógica aqui, apresentada pelos autores Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino, é entender a macumba como ciência, uma ciência encantada de amarração de múltiplos saberes. As noções da ancestralidade e do encantamento completam esta visão, apresentando-se como uma dobra da limitação imposta pela razão e cultuada pela normatividade ocidental. A ancestralidade busca o saber pela experiência, pela vivência daqueles que os precedem e o encantamento entende que é só por meio dele que os saberes são capazes de perdurar na sociedade. Tal abordagem permite entender que nada está acabado, seja o mundo, os seres vivos e as práticas sociais, pois os conhecimentos não se esgotam, porque justamente não reivindicam um único modo de saber. “É a partir dos aspectos mencionados acima que avançamos em nossas reflexões acerca das reivindicações de uma epistemologia das macumbas, que só pode ser pensada nos traçados, nos cruzamentos, nos sentidos das relações dialógicas e inacabadas.” (SIMAS, p.34, 2018)

Esta abordagem implica entender que tanto a produção de saber e as práticas culturais estão imbricadas e por isto afetam e alteram aquilo que são próprios delas (SIMAS, 2018). É nesta perspectiva que todas as formas de fazer ciência devem ser entendidas no mesmo nível, pois cada cultura produz saberes que estão ligadas às suas práticas, não sendo honesto sobrepôr uma ciência em detrimento da outra por conta de um pensamento, dito, moderno. O cânone ocidental apresentou-se como modernidade, por meio da subalternização de uma infinidade de outros conhecimentos explícitos por outras lógicas e racionalidades. (SIMAS, 2018). A dicotomia, tônica da ciência ocidental, simplificou o fazer ciência e trouxe um *modus operandi* fraco que não levaria em consideração as diversas nuances e até mesmo as contradições da condição humana.

Os autores, ao apresentarem as noções de Exusíaco e Oxalufânico, permitem que seja equilibrado ao mesmo tempo, uma dinâmica de ordem e desordem, aqui representada pelo mito de Exu e Oxalufã. Exu, o orixá transgressor, vai bagunçar, confundir e acertar o pássaro ontem com a pedra que atirou hoje. Afeito aos fuzuês das ruas, as festas, aos carnavais, ele é rápido,

astuto, malandro, além de não possuir compromisso com a disciplina como estabelecida socialmente. A ele é atribuído a comunicação e a linguagem. Por sua vez, Oxalufã representa um outro lado: tem como suas principais características a calma, a paciência e representa a ordem, retidão, o método e o cumprimento dos afazeres. Ele dispensa todo e qualquer protocolo que dribla qualquer objetivo da ação, concentrando-se sempre nas reais intenções.

Tal alegoria é pertinente ao trabalho que defende a possibilidade de um novo mundo expresso pelas premissas do Pluriverso. Nesta pesquisa foi necessário equilibrar a desordem oferecida pelas estruturas pouco ou nada hierárquicas em que o caminho da pesquisa promoveu, admitindo que ela mesmo se alterou conforme o caminhar - Metadesign. As estruturas pré-estabelecidas se afrouxaram, pois os indivíduos presentes na pesquisa assim o desejaram, assumindo um compromisso não só com as premissas do Pluriverso na construção conjunta, e em várias vozes, mas com novas epistemologias que não enxergam a ciência sob um viés cartesiano do Norte Global.

“Tal pluralidade não implica em relativismo epistemológico ou cultural mas certamente obriga a análises e avaliações mais complexas dos diferentes tipos de interpretação e de intervenção no mundo produzidos pelos diferentes tipos de conhecimento. O reconhecimento da diversidade epistemológica tem hoje lugar, tanto no interior da ciência (a pluralidade da ciência), como na relação entre e outros conhecimentos (a pluralidade externa da ciência)”. (SANTOS; MENESES, p. 18-19, 2010).

Além disto, os ensinamentos oferecidos por Simas deixam claro que a alegoria desenhada pelo Oxalufânico e Exusíaco não são opostos a ponto de excluírem a possibilidade de convivência. Eles coexistem, equilibrando-se em um jogo perene, sendo os princípios que regem a vida. Aqui, outra contribuição da fundamentação teórica escolhida neste trabalho deve ser repetida: a intenção em defender as premissas do Pluriverso como um novo mundo capaz de abarcar as diversas manifestações de sentipensar não exige a exclusão do mundo vigente, mas destaca-se como uma possibilidade de semear o pavimento para o mundo futuro mais justo e plural. A intenção do pesquisador, ao reunir tais pensamentos, é de apresentar um olhar que narre o equilíbrio das relações atuais que excluem as existências de indivíduos marginalizados socialmente. Por meio das teorias, metodologias, ferramentas, e dos diálogos sociais apresentados, este trabalho tem a intenção de esculhambar uma estrutura

vigente que pesa sobre aqueles que existem de formas distintas daquelas que são socialmente aceitas e indicadas. “O Novo Mundo para nós é uma realidade não a partir da cisão de duas bandas, em que uma deve sobrepor-se à outra. O Novo Mundo para nós é inventado cotidianamente na produção da vida enquanto possibilidade: é um mundo inventado como encruzilhada”. (SIMAS, p.118, 2018).

O mundo atual foi inventado por uma parcela de acontecimentos históricos que perduram muitos séculos e que se sobrepuseram uns sobre a cultura de outros. Projetar cenários futuros que explorem a multiplicidade de experiências, de pontos de vista, de competências, de objetivos, de saberes, de significados, é uma das premissas do Design Estratégico e o torna uma cultura emergente para as bases de um Pluriverso capaz de enaltecer os cruzos entre os saberes múltiplos de todos os seres. Esta é a contribuição acadêmica deste trabalho: o convite a criar novas narrativas que se desprendam da lógica vigente, pois “A interdição de outras perspectivas de mundo em favor da normatização de um modo canônico produziu mentalidades blindadas pelo colonialismo.” (SIMAS, p. 21, 2018).

Assim, a ciência da macumba é um traçado metodológico capaz de proporcionar a amarração dos múltiplos saberes, possibilitando o cruzo entre as diversas narrativas coletadas – dos diversos grupos presentes em uma Cidade Educadora. A ciência encantada das macumbas irá assumir o papel de ritual científico do pesquisador, para interpretar e aglutinar as narrativas apresentadas pelos participantes das iniciativas presentes no trabalho. É por meio do cruzo, da imaginação e do esculhambamento, que será possível apresentar as contribuições para uma Cidade Educadora Polifônica, que pode ser apreciado no capítulo “8. Cidade Educadora Polifônica”.

Ao desenhar esta fundamentação teórica é possível costurar os principais conceitos apresentados, destacando a importância do Metadesign como um movimento reflexivo do designer antes e durante a construção da pesquisa, oferecida pelo Design Estratégico. Os diálogos entre diferentes atores sociais, irão maximizar a capacidade de se comunicar e se conectar uns com os outros, consolidando os diálogos sociais necessários em um território de ensino e aprendizagem.

Todos estes conceitos estão em consonância com os predicados do movimento Cidades Educadoras, mas também estão muito enraizados nas diversas cosmovisões defendidas pelo Pluriverso. Assim, ao reunir todos estes conceitos, esta fundamentação teórica prepara o terreno para a metodologia de pesquisa, que pretende trabalhar com todas estas teorias que serão capazes de dar suporte à criação de narrativas que vislumbrem uma Porto Alegre Cidade Educadora, nascidas dos próprios diálogos sociais das comunidades cidadãs.

Ao desenvolver esta fundamentação teórica com tais temas, conceitos e debates, o problema de pesquisa **“Como o Design Estratégico pode manifestar Porto Alegre como uma Cidade Educadora Polifônica?”** ganha contorno: O Design Estratégico é um processo colaborativo que envolve entender as pessoas para ajudar a resolver seus problemas ou desejos, imaginando novas possibilidades, sem deixar de experimentar e adquirir novos aprendizados durante o processo (Metadesign). A relevância do Design Estratégico não se dá apenas porque ele apresentará uma resposta ao problema, mas sim porque ele pode ser encarado como uma matriz de processo criativo, em que as pessoas poderão priorizar suas criatividade em busca de suas próprias respostas – sejam elas baseadas em problemas ou de significados. Ao observar a Cidade Educadora sob as perspectivas do Pluriverso, o Design Estratégico é uma metodologia poderosa para emancipar os cidadãos na criação de suas narrativas que apresentarão os seus valores e motivações para uma Cidade Educadora do futuro. Portanto, o Design Estratégico pode estimular a criação de narrativas emergentes das próprias comunidades cidadãs que utilizam o território da cidade. Ao estimular a construção de tais narrativas, esta metodologia evidenciará as diversas formas de saber, intuir, crer, sentir e pensar, propondo a descentralização de uma narrativa hegemônica, criando uma polifonia de sons na Cidade Educadora. O Design Estratégico consegue dar esse suporte aos cidadãos porque ele se propõe a buscar soluções para problemas complexos da sociedade, combinando questões sociais e tecnológicas que exigem a atualização constante dos conhecimentos necessários para enfrentá-los (MICHELIN, 2016).

Ao se oferecer como uma metodologia aberta, que pode ser modificada tanto pelos participantes, pelos designers ou até mesmo pelos processos

colaborativos ao longo do seu tempo de uso, o Design Estratégico tem como entregar a liberdade necessária, de forma estruturada e flexível, para a comunidade cidadã construir suas próprias narrativas acerca de uma Cidade Educadora. É desta maneira que o Design Estratégico consegue fomentar as vozes, os discursos, ou seja, as narrativas presentes nas comunidades cidadãs: oferecendo um processo projetual e criativo estruturado, capaz de organizar os desafios que o grupo pretende solucionar.

## **6. Metodologia.**

A metodologia desta pesquisa utilizará o Design Estratégico remixado ao *Design Fiction* e a Ciência encantada das macumbas para dar suporte aos questionamentos e críticas às ideologias dominantes reveladas pelo Pluriverso e que estão incorporadas nas práticas de design contemporâneas. Tais conceitos serão experimentados na metodologia de pesquisa, pois eles serão os principais eixos na condução da aplicação e interpretação da pesquisa proposta. O *Design Fiction*, será encarado como uma prática de design exploratória e auxiliará a construção das narrativas pelas comunidades cidadãs (grupo de pesquisa) em que elas próprias irão construir suas narrativas, respondendo “Como será a nossa Porto Alegre Cidade Educadora?”, ou seja, especulando futuros possíveis e impossíveis para a Cidade Educadora. Por sua vez, a ciência encantada das macumbas irá inspirar a elaboração de um “Conceito de projeto”/“*Concept*” (alegoria) pelo pesquisador, que cruze, incorpore e amarre os múltiplos saberes das narrativas construídas pelas comunidades cidadãs – destacando as dimensões éticas, sociais e tecnológicas dos sistemas emergentes coletados pela pesquisa. É importante destacar que esta pesquisa se concentra nas premissas do Pluriverso para alcançar a proposta de uma Cidade Educadora Polifônica. Em outras palavras, utiliza as diversas cosmovisões presentes no Pluriverso como faíscas criativas para fomentar a criação e a construção de um futuro por meio de uma educação verdadeiramente plural. É relevante resgatar que a pesquisa se concentra nas premissas do Pluriverso pra alcançar uma Cidade Educadora Polifônica, ou seja, utiliza as cosmovisões presentes no Pluriverso para gerar faíscas criativas na construção de um futuro pluralmente educador.

### **6.1. Estruturação da metodologia de pesquisa.**

O objetivo geral desta pesquisa pretende desenvolver uma coleção de narrativas, pela perspectiva do Design Estratégico, cocriadas pela própria comunidade cidadã ao imaginarem Porto Alegre como uma Cidade Educadora do futuro. A narrativa foi escolhida porque é uma forma estrutural de escrita de contação de história, que pode combinar texto e objetos para apresentar uma perspectiva de mundo daquele que a criou. Assim as narrativas apresentariam de forma estruturada as maneiras de sentir, de pensar, de criar e crer das comunidades cidadãs. Ademais, as narrativas são uma ferramenta poderosa para comunicar, sensibilizar e mobilizar em torno das demandas populares. Ao contar histórias de maneira envolvente e autêntica, é possível criar um impacto significativo e contribuir para a compreensão e resolução de questões sociais, políticas e culturais. A narrativa é a manifestação polifônica de como as comunidades cidadãs veem a cidade de Porto Alegre, via Design Estratégico.

Além de apresentar a contextualização, criar conexão com empatia e emoção das histórias de vida, as narrativas permitem a amplificação de vozes, pois oferecem o protagonismo a pessoas que muitas vezes não são ouvidas. Ao destacar as histórias de indivíduos ou comunidades marginalizadas, é possível garantir que uma variedade de perspectivas seja representada. A narrativa “[...] tanto complementa como melhora a compreensão e tem um potencial considerável para gerar uma compreensão mais inclusiva e criativa da humanidade, dos seus relacionamentos com os outros e com o mundo ao qual está inextricavelmente ligado.” (OWEN, 2011, p. 136). Além disto, as narrativas inspiradoras têm o potencial de mobilizar as pessoas para a ação. Ao contar histórias de superação, resistência e mudança, é possível incentivar as pessoas a se unirem para alcançar objetivos comuns. Junto a isto, as narrativas bem construídas podem ser educativas, aumentando a conscientização sobre questões importantes. Elas podem fornecer informações detalhadas e contextuais que ajudam os leitores a entenderem melhor as demandas e os desafios enfrentados. Por fim, as narrativas podem tanto criar uma humanização das demandas, quanto incluir diversas perspectivas: Ao apresentar as histórias por trás das demandas populares, é possível humanizar questões muitas vezes tratadas de forma abstrata. Isso pode levar a uma maior simpatia e apoio por

parte do público. As narrativas podem ser uma maneira de incluir uma variedade de perspectivas e experiências. Isso enriquece o entendimento das demandas populares e permite abordagens mais abrangentes para atender essas demandas.

Nesta pesquisa, a narrativa foi estruturada, baseando-se no *Design Fiction*. Para Bleecker (2009) o *Design Fiction* combinaria as tradições da escrita e contação de histórias, criando objetos sociais que contam histórias e participam do processo criativo, estimulando a imaginação humana. Para o autor, há uma genuína importância em criar histórias envolventes e significativas, que possam inspirar e provocar discussões sobre as implicações sociais, culturais e éticas do design e da tecnologia. A provocação e reflexão apresentados pelo *Design Fiction* de Bleecker, busca explorar questionamentos e o pensamento crítico sobre o impacto das novas tecnologias e do design na sociedade. Tal abordagem do autor é bastante relevante para este trabalho, pois o *Design Fiction* não irá apenas entreter ou fascinar o leitor, mas também irá gerar discussões e debates sobre questões complexas que estão em pauta em uma Cidade Educadora, como por exemplo a ética, privacidade, desigualdade, sustentabilidade e poder, entre outras questões.

Ao propor a narrativa, ancorada no *Design Fiction*, como a abertura de vozes da cidade, para evidenciar experiências potencialmente educadoras, este exercício reuniu alguns representantes de diversas iniciativas cidadãs já existentes em Porto Alegre, apresentando uma abordagem que combina design e narrativa para explorar e especular sobre possíveis futuros. Tal abordagem também encontra ancoragem nas contribuições de Tony Fry, que propõe a criação de narrativas, artefatos e protótipos que ajudam a imaginar mundos alternativos, desafiando as suposições existentes sobre tecnologia, sociedade e meio ambiente (FRY, 2009). Por isto foi proposta uma “Oficina de Narrativas” guiada pelo *Design Fiction*, em que a comunidade cidadã construiu alternativas que representaram a sua visão de uma Porto Alegre Cidade Educadora do futuro. Ademais, a participação e engajamento são enfatizados por Fry (2021), pois há a grande importância de envolver comunidades e stakeholders no processo de *Design Fiction*, visto que o design deve ser uma prática colaborativa

e inclusiva, permitindo que várias vozes e perspectivas sejam ouvidas – aproximando-se das práticas defendidas por esta pesquisa. Assim o *Design Fiction* pode ser usado como uma plataforma para envolver as pessoas, estimulando o diálogo, a cocriação e a mobilização em torno de soluções sustentáveis.

Além disto, o *Design Fiction*, defendido por Tony Fry, serviu como uma prática exploratória de análise para questionar e criticar as narrativas e ideologias dominantes incorporadas na práxis de design contemporâneas. Ele permite vislumbrar futuros alternativos, desafiar as estruturas de poder existentes e explorar as dimensões éticas e sociais de tecnologias e sistemas emergentes (FRY, 1999). Tal postura se aproxima dos predicados defendidos pelo sistema emergente/conceito escolhido nesta pesquisa: o Pluriverso, portanto, a narrativa se torna uma ferramenta potente na tangibilização da visão de mundo das comunidades cidadãs. Fry, ao postular que o design não deve ter como objetivo prever ou controlar o futuro, mas sim atuar como uma prótese que estende as habilidades de imaginar e se envolver com futuros possíveis (FRY, 2009), abre um caminho possível para que a comunidade cidadã projete futuros mais desejáveis e sustentáveis, independente da realidade atual ou possível no futuro. A narrativa, interpretada pelo *Design Fiction*, pode atuar como próteses especulativas que permitem as comunidades cidadãs refletir criticamente sobre a atual realidade, vislumbrando cenários futuros mais humanos. Fry continua contribuindo com a perspectiva de que o design deve se afastar do paradigma de crescimento e consumo contínuos e focar na criação de sistemas sustentáveis e regenerativos – visão próxima ao Pluriverso. O *Design Fiction*, nesse contexto, torna-se um meio para explorar formas alternativas de viver e se relacionar com o mundo natural (FRY, 2021). A visão do autor ajudou a expandir os fundamentos teóricos do campo e seu potencial para pensamento crítico e especulativo, voltando o olhar do designer para a possibilidade de trabalhar com a criatividade e a imaginação para definir cenários de futuro desejáveis. Seu trabalho incentiva designers, cidadãos e formuladores de políticas públicas a se envolverem com os complexos desafios do presente para a construção de futuros mais sustentáveis e socialmente justos. Sendo assim, a estrutura de narrativa se apresenta como uma poderosa ferramenta para esta

pesquisa, oferecendo a capacidade da comunidade cidadã expressar um futuro desejado, impactando nos caminhos do presente.

Ao reunir tantos conceitos, metodologia, ferramenta e formas de interpretação na pesquisa, será oportuno revisar a estrutura da metodologia de pesquisa, reunida com a fundamentação teórica para um entendimento sistematizado do trabalho, conforme a imagem abaixo:

Figura 1: Estrutura da metodologia da pesquisa.



Fonte: Autor (2023)

**Conceito: Pluriverso** – É a atitude e posicionamento de abertura múltipla para a pesquisa. É o local em que a pesquisa se posiciona, buscando os referenciais teóricos que embasam e defendem uma visão de Cidade Educadora ideal;

**Postura projetual: Design Estratégico** – Refere-se ao arranjo metodológico para observar o fenômeno de forma integral. Esta metodologia se comporta como o gerenciamento criativo da pesquisa, além do aperfeiçoamento dos seus processos de desenvolvimento;

**Ferramenta: Narrativa** – É a técnica (ferramenta), a etapa da pesquisa que a comunidade cidadã (grupo de pesquisa) irá expressar e imaginar mundos alternativos, desafiando as suposições existentes sobre tecnologia, sociedade, espiritualidade e meio ambiente. Esta etapa foi chamada de “Oficina de Narrativas”, sendo guiada pelo *Design Fiction* como uma prática exploratória de design;

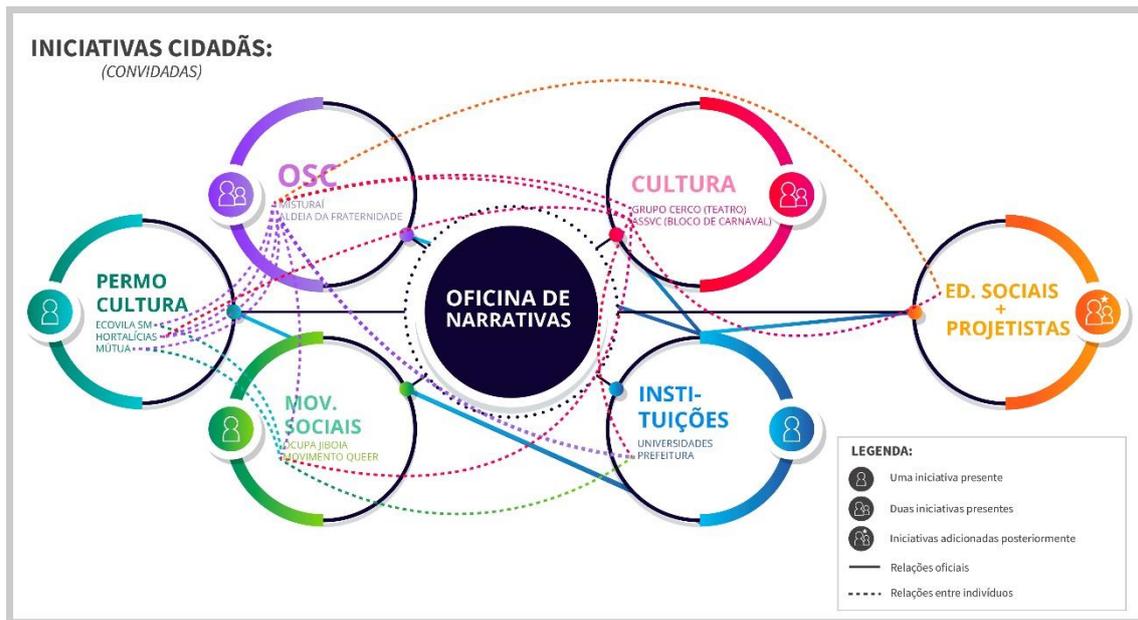
**Interpretação: Ciência da macumba** – corresponde a interpretação criativa do pesquisador sobre os dados coletados, apresentando o cruzo e a amarração da coleção de narrativas; esculhambando o modelo de ciência vigente.

Ao apresentar a metodologia de pesquisa desta maneira, será relevante aprofundar sua estrutura, detalhando as comunidades cidadãs convidadas (6.2. Iniciativas cidadãs); o planejamento da oficina de narrativas (6.3. Oficina de narrativas); e as execuções da oficina de narrativa com os grupos e cidades distintas (7.1 Oficina de narrativas 01 – Comunidade cidadã Porto Alegre e 7.2. Oficina de narrativas 02 – Comunidade cidadã São Leopoldo).

## **6.2. Iniciativas cidadãs.**

Para tornar coerente a aplicação desta pesquisa, foi fundamental envolver algumas iniciativas cidadãs que já exercem impacto no território da cidade e de certa forma compartilham as perspectivas de um mundo mais inclusivo, sustentável, decolonial, voltado ao bem-estar e à elevação do sentipensar. Essa abordagem teve como propósito enriquecer a pesquisa ao incorporar a sabedoria e a experiência prática desses atores-chave, tornando-a mais alinhada com a realidade e potencialmente mais impactante na construção de uma cidade mais inclusiva e diversificada nas várias formas do ensinar e aprender.

Figura 2: Figura sistêmica das iniciativas cidadãs convidadas



Fonte: Autor (2023)

Inicialmente, as iniciativas foram divididas em 5 grupos, sendo posteriormente adicionados mais 2 grupos (Educadores Sociais e Projetistas) para contemplar o número mínimo de participantes desejados, visto a desistência de alguns participantes e até mesmo de iniciativas inteiras. As iniciativas ficaram divididas em:

### **Permacultura:**

**Hortalícias** é uma iniciativa que faz parte da agroindústria artesanal, produzindo alimentos orgânicos por meio de agricultura familiar e agroecológica. A iniciativa, que existe desde 2017, possui hortas na zona sul de Porto Alegre e se encarrega de todo o sistema de produção e entrega de seus alimentos. Convite: 2 participantes da iniciativa. Presença: nenhum.

**Mútua** é uma rede que propõe conectar campo e cidade em uma relação harmônica por meio de ações de conscientização ambiental em escolas e organização de feiras on-line para promoção dos alimentos agroecológicos cultivados no Estado do Rio Grande do Sul. Este *hub* conecta a população à agricultura familiar agroecológica, fornecendo comida saudável para as pessoas e para o planeta, promovendo uma vida mais consciente. A iniciativa existe desde 2019. Convite: 2 participantes da iniciativa. Presença: nenhum.

**SMH** é uma ecovila composta por construções em bioarquitetura desenvolvida pelos próprios moradores. A ecovila, que existe desde 2016, conta com hortas que auxiliam na subsistência dos seus moradores, sendo totalmente autogerida pelos seus componentes. São moradores que promovem iniciativas de reciclagem de resíduos produzidos na vila, tratamento de água e esgoto, construção civil, arte, cultura e todos os componentes existentes em uma comunidade de trocas. Atualmente são 7 moradores, distribuídos em cinco casas, oficina e atelier. Convite: 2 participantes da iniciativa. Presença: 1 participante.

### ***Instituições:***

**Prefeitura de Porto Alegre** é a atual responsável pelo desenvolvimento e estímulo às ações da Cidade Educadora. Também é o espaço que concentra grande parte das notícias e conteúdos gerados pelas ações presentes no território. Nesta perspectiva, foram convidados profissionais representantes das iniciativas da Cidade Educadora e os prefeitos das praças, agentes da sociedade civil que são formalmente responsáveis pelas adoções das praças presentes em seus bairros. Convite: 5 funcionários/prefeitos das iniciativas públicas. Participação: nenhum.

**Universidades** que estão envolvidas no projeto. A iniciativa de cidades educadoras são um tripé de prefeitura, universidades e comunidade. Foram convidados Professores e articuladores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Convite: 2 participantes da iniciativa. Presença: 1 representante da UNISINOS.

### ***Cultura:***

**Grupo Cerco** foi fundado em 2008, o Grupo Cerco é um dos principais grupos na cena teatral gaúcha e já conquistou importantes prêmios, além de inúmeras indicações e participações em diversos projetos e festivais. Atualmente formado por 15 profissionais, já executou turnês nacionais e internacionais, utilizando não só os teatros destas cidades, mas também as ruas como espaço de expressão e arte. Convite: 2 participantes da iniciativa. Presença: 1.

**Avisem a Shana que Sábado vai chover** é um bloco de carnaval de rua de Porto Alegre ligado a muitas atividades de cunho social, sendo um bloco formado por diversos integrantes de outras iniciativas culturais já consolidadas em Porto Alegre. É um bloco bastante diverso, se caracterizando como uma das iniciativas mais plurais na cidade e com muitas iniciativas educativas em comunidades vulneráveis. Fundado em 2016, sobrevive com financiamento coletivo por meio de sites na internet e objetivos comuns de amigos. Convites: 3 participantes da iniciativa. Presença: 1.

#### ***OSC: Organizações da Sociedade Civil:***

**Misturaí** é uma Organização da Sociedade Civil (OSC), sem fins lucrativos, com sede em Porto Alegre que desenvolve ações comunitárias desde 2018. É uma das iniciativas mais participativas da Cidade Educadora e consta como parceira da rede, no site da prefeitura de Porto Alegre. A iniciativa pretende desenvolver projetos por meio da integração de diferentes culturas, setores, classes sociais e educacionais para transformar o mundo e celebrar tal mistura. A Misturaí busca promover uma cidade socialmente mais inclusiva, justa, próspera e sustentável para todos. Convidados: 5 participantes da iniciativa. Presença: 1.

**Aldeia da fraternidade** é uma instituição fundada em 1963 e que já atendeu mais de 15 mil crianças e jovens em fase escolar, em turno integral e contraturno escolar. A associação, que não possui fins lucrativos, oferece novas perspectivas de vida para centenas de crianças, jovens e suas famílias em situação de vulnerabilidade social. A iniciativa crê que os jovens devem escolher o seu próprio caminho de desenvolvimento, oferecendo o reconhecimento de suas potencialidades individuais, por meio de atividades lúdicas e criativas, divididas nos eixos cultura e arte, esporte e lazer e educação para sustentabilidade. Convidados: 1 participante da iniciativa. Presença: 1.

#### ***Movimento social:***

**Ocupa Jiboia** é uma iniciativa de moradia popular presente no bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, que defende a cultura e resistência LGBTQIAP+ como sua bandeira identitária. A reunião dos seus moradores, que também fazem parte dos movimentos indígena e negro, se deu ao longo do período

pandêmico, no ano de 2021/2022, reunindo diversas pessoas que não possuíam ou desejavam outra moradia, seja por expulsão de suas casas, por familiares ou por questões de expansão do corpo e espírito. Tal iniciativa executa diversos movimentos na área da cultura, promovendo apresentações de dança e expressões artísticas com contribuição espontânea para a sustentabilidade financeira do local. Convidados: 5 participantes da iniciativa. Presença: nenhum.

**Movimento queer** é uma iniciativa dissidente da binarização dos corpos presentes na sociedade como um todo. Tal movimento pretende esclarecer, debater e educar os cidadãos da sociedade por meio de uma nova perspectiva. É uma ramificação do movimento LGBTQIAP+, que acrescenta a cultura, a arte e a academia em seu escopo de luta e debates. Este movimento criado em 1980, que debate os gêneros, sexualidade e corpo, abraça todas as expressões de gênero que se afastam da heteronormatividade, apresentando novas visões do mundo. Convidados: 2 participantes do movimento. Presença: 1.

A desistência ou declínio ao convite de diversos participantes de tais iniciativas foram impactantes para a saúde da pesquisa. Por isto, ao longo do processo dos convites para a participação da oficina, o escopo das iniciativas foi sendo ampliado para que fosse possível construir a coleção de narrativas almejada. Por isto foram incluídos mais 2 perfis de possíveis participantes:

**Projetistas** que fossem capazes de pensar e refletir os espaços sociais que uma Cidade Educadora deve propor aos seus habitantes. Assim, arquitetos e designers foram convidados para contribuir com suas visões profissionais e cidadãs para as narrativas. Convidados: 3 projetistas. Presença: 1.

**Educadores sociais** que façam parte das iniciativas sociais, sejam elas promovidas pela prefeitura ou pela sociedade como um todo, atuando dentro ou fora de escolas, em espaços fechados ou na rua. A característica principal de tal perfil profissional tem como objetivo compartilhar e construir novos conhecimentos, contribuindo para a melhoria da educação cidadã de todos os indivíduos que compõem a sociedade. Convidados: 3 educadores sociais. Presença: 2.

É oportuno afirmar e ao mesmo tempo levantar algumas hipóteses sobre a ausência de participantes de grupos na oficina. Os representantes da prefeitura

contatados sinalizaram a realização do Segundo Congresso Popular para Educação Cidadã na mesma data, impossibilitando sua presença. Outros participantes alegaram outros compromissos formais da prefeitura ou até mesmo motivos pessoais que os impossibilitavam de estar presentes. Os dois grupos convidados de permacultura alegaram motivos pessoais para a ausência. O movimento de moradia popular declinou o convite sem justificativas. A reflexão nesses casos traz uma relação direta à fundamentação teórica apresentada no capítulo que o tema cooperativismo e competição fora abordado. Nenhum destes grupos possuía uma relação próxima ao pesquisador, deixando em maior evidência que todos os participantes da pesquisa eram de iniciativas em que o pesquisador já havia se aproximado e criado sinergia entre os componentes. Na fundamentação teórica deste trabalho, ao afirmar que o designer estratégico deve se aproximar dos rituais da comunidade cidadã a tal ponto de costurá-los nos processos de cooperação entre os indivíduos que ali se fazem presentes, é possível verificar correlação: em iniciativas em que o pesquisador participou de rituais, os indivíduos participaram da oficina; em comunidades cidadãs em que o pesquisador não participou de rituais, os indivíduos declinaram o convite.

### **6.3. Oficinas de narrativas.**

A oficina de narrativas foi proposta para que houvesse a possibilidade de colher as perspectivas que compõem uma Cidade Educadora, a partir da visão de cada indivíduo que faz parte das iniciativas cidadãs, interpretadas como componentes importantes em um território que pretende promover educação. A oficina foi proposta com o intuito de construir o caminho para uma Cidade Educadora Polifônica, em que os seus cidadãos oferecem livremente suas narrativas, por meio do seu ponto de vista, voz e postura pessoais, a partir do contexto no qual estão inseridos.

Dessa forma, a "Oficina de Narrativas" teve como propósito central o desenvolvimento de histórias construídas pelas comunidades cidadãs, que fossem capazes de responder: "Como será a nossa Porto Alegre Cidade Educadora?". Para alcançar esse objetivo, a metodologia do Design Estratégico, associada ao *Design Fiction* foi empregada, permitindo que os participantes criassem cenários futuros, além de contribuírem com uma coleção de narrativas

para a pesquisa. Entretanto, como sinalizado ao longo do trabalho, é oportuno reforçar que se o design é sobre fazer futuro, esse futuro é pós capitalista, pós patriarcal e pós-humano (ESCOBAR, 2019). Ao elencar os perfis já sinalizados de participantes, a metodologia de pesquisa ofereceu a possibilidade não só de somar diversos olhares e saberes por meio de um aporte disciplinar que multiplica a criatividade individual, mas sinalizou a possibilidade de criar novas narrativas de futuros e dinâmicas da malha social, a partir da cocriação comunitária no presente. Por isto, a oficina de narrativas foi estruturada de forma a criar narrativas de futuro desejáveis, sendo tal futuro estimulado pelas premissas do Pluriverso e pela prática exploratória do *Design Fiction*. Este último, foi utilizado com um estimulador para debater os problemas globais e locais, questionando as potencialidades do amanhã por meio da especulação de realidades futuras (FRY, 2009). Nesta ótica, o *Design Fiction* buscou oportunidades no futuro e não certezas para o amanhã, promovendo uma discussão de temas pouco usuais no contexto das comunidades cidadãos em busca de uma construção colaborativa de cosmovisões coletivas para Porto Alegre Cidade Educadora.

Em princípio, a oficina de narrativas aconteceria em um único momento em Porto Alegre voltada a comunidade cidadã já apresentada, porém, com a possibilidade de aplicação em dois contextos, ela foi dividida em dois grupos distintos, respeitando os preceitos já defendidos do Metadesign, em que o designer pode reajustar a rota a partir das possibilidades que surgem. Sendo assim, este capítulo irá apresentar a estrutura geral das oficinas, detalhando a ferramenta utilizada, os cases para estímulo de criação, os textos distribuídos como pesquisa, os personagens e os modelos de narrativa sugeridos. Importante ressaltar desde já os dois contextos de pesquisa: um grupo de iniciativas cidadãos em Porto Alegre e um grupo de estudantes de vários cursos de graduação em São Leopoldo, identificados pelas escolas, como na figura.

Figura 3: Iniciativas Cidadãs de São Leopoldo



Fonte: Autor (2023)

Os subcapítulos seguintes (7.1 e 7.2.) irão detalhar e debater os resultados, além de apresentar os registros fotográficos de cada um destes contextos. Ao avançar em dois contextos diferentes, a premissa já defendida anteriormente nesta pesquisa se mantém: é o diálogo social que maximiza a capacidade de se comunicar e se conectar com os outros. Esta abordagem, oferecida pelo Design Estratégico e Metadesign, foi capaz de criar novas oportunidades, ao cruzar a vivência tanto das comunidades cidadãs de diversas iniciativas presentes no território, quando a vivência dos estudantes e futuros profissionais de diversas áreas do conhecimento.

O intuito das oficinas foi desenvolver uma coleção de narrativas produzidas pelas comunidades cidadãs, respondendo à questão: “Como será a nossa Porto Alegre Cidade Educadora?”, possibilitando os participantes projetarem uma Cidade Educadora que contemple seus contextos, oferecendo assim, uma visão mais comunitária a esta cidade. Para alcançar este objetivo, a oficina de narrativas em Porto Alegre foi organizada da seguinte forma:

Tabela 1: Estruturação da oficina

TEMPO	ATIVIDADE
15 min.	Agradecimentos e instruções gerais do dia.
10 min.	Apresentação da primeira parte da ferramenta para atividade de aquecimento e questionamentos.

10 min.	Experimentação e preenchimento da ferramenta parte 01, individualmente.
10 min.	Apresentação da segunda parte da ferramenta para atividade de aquecimento e questionamentos.
15 min.	Experimentação e preenchimento da ferramenta parte 02, individualmente.
05 min.	Decisão comunitária da divisão de grupos.
10 min.	Apresentação entre integrantes dos grupos, por meio de leitura da narrativa individual criada anteriormente.
15 min.	Apresentação da temática “Pluriverso” pelo pesquisador, com a narração de 2 estudos de casos que exemplificam ações do Pluriverso (Casos: Felicidade Interna Bruta do Butão e ICCAS: territórios de vida).
1 min.	Distribuição de 8 textos cases que compõem o livro “Pluriverso. Um dicionário do pós-desenvolvimento.” para os grupos, que os compartilharam ao longo da próxima atividade.
40 min.	40 min. - Para responder as perguntas da ferramenta.
5 min.	Inserção de tipos de personagens para inserir na narrativa. Abertura para questionamentos.
1h.	Para a criação da narrativa que levava em conta toda a construção anterior.
30 min.	Apresentação das narrativas.

Fonte: Autor (2023)

Todas as etapas da oficina contaram com o auxílio de uma apresentação digital<sup>2</sup>, guiando as atividades propostas pelo pesquisador e auxiliando a compreensão dos participantes por meio de texto e imagens. É importante ressaltar que os conteúdos apresentados tanto na oficina de Narrativas de Porto Alegre quanto de São Leopoldo foram iguais, com algumas adaptações na duração da oficina, portanto os dias e horários de São Leopoldo serão detalhados no próximo capítulo. A sua estrutura é idêntica a de Porto Alegre.

Para que os participantes conseguissem estruturar sua narrativa, foi utilizada uma ferramenta produzida pelo pesquisador, jornalista e cineasta Olavo Pereira Oliveira, chamada mapa da narrativa<sup>3</sup>. Esta ferramenta possui a licença livre, *creative commons*<sup>4</sup> CC BY-SA. Esta sigla representa que esta licença

<sup>2</sup> Disponível no drive: <https://drive.google.com/drive/folders/1YZPCg9u4eVhKGWfF-InTnS-HeHw96YWT>

<sup>3</sup> Disponível em: <https://narrative.com.br/o-metodo/>

<sup>4</sup> É uma organização não governamental sem fins lucrativos, voltada a expandir a quantidade de obras criativas disponíveis, através de suas licenças que permitem a cópia e compartilhamento com menos restrições que o tradicional todos direitos reservados.

permite que outros usuários remixem, adaptem e criem a partir do trabalho original, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam crédito e licenciem suas novas criações sob os mesmos termos. Essa licença é frequentemente comparada a licenças de software livre e de código aberto “*copyleft*”, isto quer dizer que, todos os novos trabalhos baseados naquele documento inicial, terão a mesma licença, portanto, quaisquer derivados também permitirão o seu uso. Tal licença é utilizada pela Wikipédia, por exemplo, e é recomendada para materiais que se beneficiariam da incorporação de conteúdo da enciclopédia digital e de projetos licenciados de forma semelhante. Com a possibilidade de remix (livre adaptação de conteúdo) referenciada na licença atribuída ao Mapa da Narrativa de Olavo Pereira Oliveira, o pesquisador/acadêmico adaptou o material para as necessidades presentes nesta pesquisa – ajustando termos, etapas, sínteses e dinâmicas da ferramenta.

Durante a “Oficina de Narrativas”, para facilitar o uso da ferramenta para o devido fim da pesquisa, foi executado anteriormente uma etapa de atividade de aquecimento em que os participantes utilizaram a ferramenta para responder questões individualmente. Neste momento a ferramenta foi explicada em 2 etapas, a primeira corresponde às perguntas que se concentram no lado esquerdo e posteriormente fora explicado a maneira de preencher o lado direito da página. Nesta primeira etapa, cada um dos participantes precisou experimentar a ferramenta de forma individual, respondendo suas inspirações (motivações e valores); principais barreiras (problemas e dificuldades); caminhos alternativos (superação de obstáculos) e legado social (impactos das suas atitudes para a sociedade), para construir uma narrativa em que o próprio indivíduo era o protagonista da história. Tal ferramenta de narrativa foi impressa e distribuída para todos os participantes da oficina, junto com *post-it* para o preenchimento. A Figura 4 apresenta a ferramenta de criação da narrativa individual utilizada pelos participantes, para a atividade de aquecimento.

Figura 4: Ferramenta impressa em A4 para a criação narrativa individual.

**O QUE TE INSPIRA SEGUIR EM FRENTE?** Escreva palavras que demonstrem os seus valores e suas motivações em sua vida.

**QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS BARREIRAS QUE VOCÊ ENCONTRA EM SUA VIDA?** Escolha palavras que resumem os problemas e as dificuldades que você encara, dificultando alcançar aquilo que você deseja.

**QUAIS CAMINHOS ALTERNATIVOS SÃO POSSÍVEIS PARA SUPERAR TAIS BARREIRAS?** Escolha palavras e expressões que possam transpor as barreiras anteriormente elencadas, descobrindo o ponto de virada para encontrar a superação dos seus problemas.

**QUAIS IMPACTOS VOCÊ GOSTARIA DE PROMOVER NA SOCIEDADE A QUAL PERTENCE?** Liste palavras que você gostaria que caracterizassem os impactos das suas atitudes na sociedade que você faz parte.

**EMPATIA**

**CONFLITO**

**VIRADA**

**CLÍMAX**

Fonte: Autor (2023)

Logo após o preenchimento das perguntas do lado esquerdo, em *pos-it*, de todas as palavras que foram imaginadas por eles, os participantes assistiram à explicação da tarefa da criação da narrativa, em que eles deveriam organizar as palavras escritas em texto, transpondo-as da esquerda para a direita. Ou seja, as palavras que compuseram as respostas da pergunta “O que te inspira seguir em frente?” deveriam ser “costuradas” em forma textual no box “empatia”, gerando um texto de apresentação de tais valores e motivações de cada um dos participantes. Logo após, eles deveriam repetir o mesmo exercício para todas as outras questões: As palavras respondidas para a pergunta “Quais são as principais barreiras que você encontra em sua vida” deveriam ser deslocadas, textualmente, para o box conflito. As palavras respondidas para a questão “Quais caminhos alternativos são possíveis para superar tais barreiras” deveriam formar a superação da situação, formalizado textualmente no box virada. Por fim, as expressões respondidas para a pergunta “Quais impactos você gostaria de promover na sociedade a qual pertence?” formariam um texto explicitando os impactos desejados pelo indivíduo, representando o clímax da narrativa. Esse exercício garantiu a formação de um texto, uma narrativa organizada que evidenciou os valores de cada um deles, as barreiras que encontram em suas

vidas, as alternativas que acreditam resolver os problemas e, por fim, chegar ao verdadeiro impacto que querem causar na sociedade – clímax da narrativa.

A atividade de aquecimento visava garantir a boa manipulação da ferramenta, para obter sucesso na proposta da pesquisa, visto que esta estrutura seria utilizada para a criação, em grupo, da proposta de uma Cidade Educadora, pelas comunidades cidadãs. Após o preenchimento desta atividade de aquecimento, foi apresentado 2 cases que formam as alternativas do Pluriverso, com suporte da apresentação digital<sup>5</sup>:

O primeiro case apresentou a Felicidade Interna Bruta (FIB), indicador que se opõe ao Produto Interno Bruto, utilizado por quase todos os países do mundo para medir sua riqueza. O FIB, é um indicador adotado no Butão, sendo composto por 9 eixos: Saúde, educação, bem-estar psicológico, uso do tempo, diversidade e resiliência, diversidade ecológica, padrão de vida, vitalidade comunitária e bom governo. Tal indicador leva em conta toda a riqueza presente em uma sociedade e não apenas os fatores de produção industrial e o sucesso monetário de suas transações. Esse indicador serviu para apresentar novas visões de mundo, sem que estas ideias sejam consideradas utópicas, visto que elas existem e funcionam neste país localizado no sul da Ásia, fronteiro a China e Índia.

O segundo case foi inspirado no texto de Grazia Borrini-Feyerabend e Taghi Farvar, presentes no livro “Pluriverso. Um dicionário do pós-desenvolvimento”, e leva o título “ICCAS: territórios de vida”. O case explica o conceito de território, de vida, de governança local, das comunidades locais e dos bens comuns. Defende que há um vínculo único de um povo com a terra e os recursos naturais disponíveis no local, formando uma nova visão e construção de mundo. Este texto foi disponibilizado na íntegra, junto com mais 7 outros cases, em formato de textos impressos<sup>6</sup>, que circularam entre os grupos, a saber:

---

<sup>5</sup> Cases disponíveis nos slides da apresentação:

[https://docs.google.com/presentation/d/1PVIkVdeLGx8qWaGrstfCl\\_8Z1U-jti5dLKyuQr1p15Q/edit?usp=sharing](https://docs.google.com/presentation/d/1PVIkVdeLGx8qWaGrstfCl_8Z1U-jti5dLKyuQr1p15Q/edit?usp=sharing)

<sup>6</sup> Disponíveis no Apêndice B

**Localização aberta:** Giordos Velegrakis e Eirini Gaitanou debatem sobre o senso de lugar, a solidariedade, as subjetividades das políticas para pessoas sem moradia e movimentos de refugiados. O texto também destaca dois exemplos de trabalho social voltados a refugiados na Grécia;

**Sentipensar:** Patrica Botero Gómez apresenta os conceitos de sentipensar, das ontologias relacionais e que embaralha a mente corpo, a razão emoção, o humano natureza, a vida morte, entre outros;

**Projetos de vida:** Mario Blaser apresenta a importância dos coletivos locais para criar mundos, por meio da boa vida, além dos pressupostos que ajudam a fortalecer as relações e interdependências presentes no coletivo;

**Movimentos de transição:** Rob Hopkins apresenta os conceitos de resiliência, REconomia, transição e localização. A evolução do movimento de transição é vista como um movimento de comunidades que reimaginam e reconstróem o mundo. *Transition* Brasilândia, em São Paulo é um exemplo;

**Política do corpo:** Wendy Harcourt fala sobre corporeidade, feminismo, racismo, ativismo *queer* e heteronormatividade. O texto é um rápido resgate histórico sobre como a política do corpo vinculou e continua a vincular diferentes formas de opressão corporal a formas de “Democracias” ao redor do mundo;

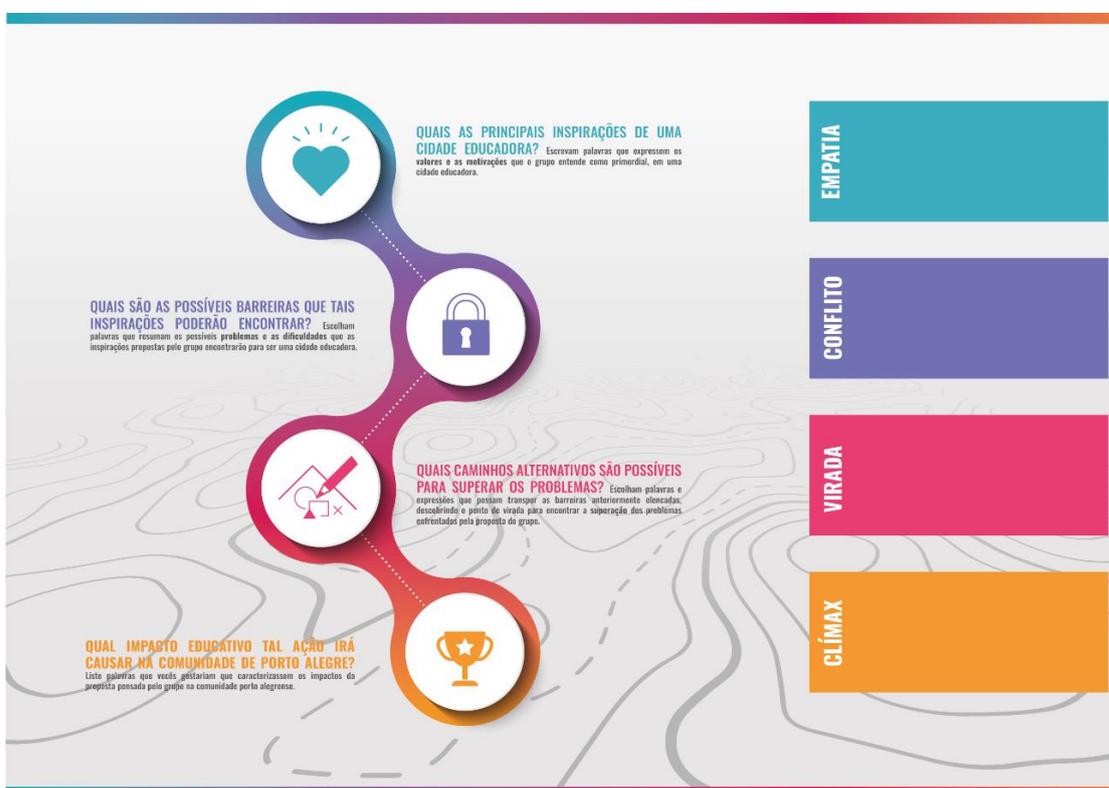
**Budismo e compaixão baseado em sabedoria:** Ao falar sobre budismo e compaixão baseada em sabedoria, Geshe Dorji Damdul amplia o conceito de felicidade e educação para o engajamento social. É no coração que reside a ética mundial;

**Ecossistemas cooperativos:** Enric Duran i Giralt fala sobre os movimentos populares de base, os bens comuns e as economias alternativas. A autogestão sustentável, o mercado social e a abertura são aspectos debatidos no texto, para que sejam construídos ecossistemas cooperativos de impacto social.

Os textos foram escolhidos por se aproximarem dos valores que estão presentes nas iniciativas nas quais os participantes estão inseridos, além de auxiliar na abertura da mente, por meio de pesquisa, de casos que se baseiam em outras narrativas pouco exploradas e reconhecidas como possíveis.

Após a leitura do texto, os grupos foram convidados a preencher a ferramenta de narrativas, agora propostas com ajustes nas perguntas, voltada a cidade, mas obedecendo a mesma estrutura. As perguntas foram: “Quais as principais inspirações de uma Cidade Educadora?” (valores e motivações); “Quais são as possíveis barreiras que tais inspirações poderão encontrar?” (problemas e dificuldades); “Quais caminhos alternativos são possíveis para superar os problemas (superação de obstáculos) e “Qual impacto educativo tal ação irá causar na comunidade de Porto Alegre?” (legado social). Os grupos obedeceram a mesma dinâmica anterior, preenchendo primeiro o lado esquerdo da ferramenta.

Figura 5: Ferramenta impressa em A3 para a criação narrativa em grupos.



Fonte: Autor (2023)

Após o preenchimento com as palavras que representavam as respostas às perguntas pelo grupo, os participantes foram convidados a inserir um (ou mais) personagem(ns)<sup>7</sup>. Foi apresentado a eles 4 tipos de personagens que

<sup>7</sup> Personagens disponíveis nos slides da apresentação: [https://docs.google.com/presentation/d/1PVlKvdeLGx8qWaGrstfCl\\_8Z1U-jti5dLKyuQr1p15Q/edit#slide=id.g1af80c93cd8\\_0\\_68](https://docs.google.com/presentation/d/1PVlKvdeLGx8qWaGrstfCl_8Z1U-jti5dLKyuQr1p15Q/edit#slide=id.g1af80c93cd8_0_68)

poderiam ser inseridos na narrativa, visto que as suas narrativas anteriores possuíam os próprios participantes como personagens. Assim, a narrativa poderia manter a ideia de um personagem central capaz de criar empatia com seus valores e motivações, apresentando o problema que ele encarava, mas ao mesmo tempo um ponto de virada por meio de alternativas imaginadas pelos grupos, e por fim, apresentar o legado que este personagem deixaria para a comunidade. Os personagens estimulados pelo pesquisador foram:

**Humano**, em que eles poderiam criar um ente próximo as características de uma pessoa, mas com a possibilidade de expressar suas dissidências e toda a diversidade do Ser. Nesta figura, o grupo poderia expressar as diversas expressões que compõem um humano, sendo possível utilizar as políticas que recaem sobre o corpo como um processo educacional em uma cidade;

**Tecnologia**, um personagem não humano poderia ser o fio condutor da narrativa, sendo representado, por exemplo, por robôs, inteligência artificial, objetos digitais, etc. O personagem possibilita a criação de problemas do futuro e a conscientização das relações humano máquina em uma cidade que se lança a educar seus cidadãos;

**Natureza**, poderia ser encarada como um personagem tal qual o humano, com suas necessidades, desejos e integridade. Os direitos dos rios, das florestas fora debatido para representar a importância da natureza como um ente que pode ser encarado como personagem central de uma Cidade Educadora;

**Espiritual**, um personagem imaginativo, capaz de despertar novas consciências e elevar o pensamento binário de corpo e matéria, sendo uma possibilidade de integrar a natureza, o humano e tudo que está a sua volta. É um importante personagem para uma sociedade diversa em seu credo.

O objetivo na inserção destes personagens era estimular os grupos a usarem seres diversificados, sugerindo a adoção de novas manifestações do “Ser”, além de ampliar o olhar para a complexidade de uma Cidade Educadora. Após a inserção do personagem e desenvolvimento das narrativas, os grupos foram convidados a percorrer a sala, que apresentava cartazes<sup>8</sup> espalhados pelo

---

<sup>8</sup> Cartazes em tamanho real disponíveis no Apêndice C.

ambiente, comunicando as diversas narrativas que poderiam ser escolhidas pelos grupos para prototipar suas ideias. Schatzki (2010) aponta que a análise social deve iniciar em um contexto espacial e temporal composto por um emaranhado de práticas (atividades coordenadas por pessoas e carregadas de entendimentos, regras e estruturas tele-afetivas) e arranjos materiais (humanos, artefatos, organismos, coisas da natureza). Os arranjos materiais têm a capacidade de agência além da interação social, permitindo a extensão ou limitação de atividades e comportamentos específicos impressos em um determinado meio. As coisas têm significados ligados a elas e estão sempre ligadas a percepções, leis e costumes de um determinado contexto; eles não aparecem apenas para as pessoas de forma "objetiva" (SCHATZKI, 2010). Tais percepções auxiliariam na construção de narrativas plurais e de significado.

Figura 6: Cartazes impressos em A3, sugerindo caminhos narrativos



Fonte: Autor (2023)

Foram sugeridos 5 formatos narrativos, conforme Figura 6, como inspiração para os grupos, detalhados abaixo:

**Lenda:** é uma narrativa transmitida, em via de regra, oralmente pelas pessoas e se preocupa em explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, misturando fatos reais, com imaginários ou fantasiosos. A lenda é dinâmica, pois os fatos vão se modificando através do imaginário popular. Exemplo utilizado: Boto cor de rosa ou Uaiuiará;

**Poema:** O poema é um gênero textual dividido em estrofes e versos. Cada estrofe é constituída por versos. Introduzidos pelo sentido das frases - e mais raramente em conversa. Ao narrar em poesia, é possível acessar a mensagem de forma interpretativa e sonora, apresentando uma musicalidade, presente nos

poemas. Exemplo utilizado: No Meio do Caminho de Carlos Drummond de Andrade;

**Arte verbal:** Na cultura dos povos originários, as histórias contadas pelos mais velhos às crianças e jovens vêm recheadas dos costumes das aldeias. A riqueza da palavra viaja por diversas gerações. Foi disponibilizado o trecho da entrevista do escritor Daniel Munduruku mestre e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, pós-doutor em Linguística pela Universidade de São Carlos, que explicou a importância da tradição da oralidade nos povos originários. Exemplo utilizado: entrevista com Daniel Munduruku;

**Carta:** A carta ou correspondência é uma comunicação direta em que a principal característica desse gênero textual é a existência de um emissor (remetente) e um receptor (destinatário). A carta é um texto dialógico, com caráter mais subjetivo e informal. Entretanto também pode ser direcionada à determinada instituição, ter certo viés crítico social e ser de domínio público (carta aberta), prevalecendo a argumentação e a formalidade. Exemplo utilizado: carta de um filho para uma mãe;

**História em quadrinhos:** É uma construção gráfica que revela quadro a quadro de um conteúdo audiovisual. Pode ser utilizado para repassar mensagens importantes e sempre oferece gráficos como uma série de ilustrações ou imagens arranjadas em sequência com um propósito. Esse propósito pode ser a pré-visualização de um filme, animação, gráfico animado ou a história em quadrinho em si. Também é considerada uma forma de arte que conjuga texto e imagens com o objetivo de narrar histórias dos mais variados gêneros e estilos. Exemplo utilizado: Tirinha da Turma da Mônica.

O intuito de cada formato narrativo foi abrir a imaginação dos participantes para que eles pudessem formalizar suas narrativas da forma que entendessem como melhor expressão sensorial. Além disto, a proposta de formalização das narrativas via formato narrativo, também se ancora na premissa de experimentação e prototipagem defendida por Bleecker. O autor incentiva a prototipagem de objetos e artefatos fictícios como parte do processo de *Design Fiction*, pois esses protótipos (no caso dessa pesquisa, os formatos narrativos)

poderiam ajudar a ilustrar e comunicar as ideias propostas, tornando-as mais tangíveis e concretas.

O protótipo, expresso em formato narrativo, tanto pelo olhar mais humanizado e criativo, quanto pela inserção de personagens não humanos, tentou garantir a imaginação de um cenário futuro mais amplo. Essa inclinação, moldado pelo *Design Fiction* e Design Estratégico, desejou guiar olhares e ações dos participantes para transformar realidades por meio da visualização de futuros possíveis e impossíveis. (MAURI, 1996). Exemplos disto: a lenda poderia explorar o imaginário, o sobrenatural, um personagem espiritual, entre outros. O poema poderia trazer a dor e o sofrimento de uma narrativa cadenciada em suas rimas, para expressar um conflito muito acentuado, sem deixar de apresentar um clímax, mesmo utópico ou até mesmo não conquistado pelo personagem. A arte verbal poderia explorar formas tecnológicas atuais, a fim de manter a tradição de se expressar pela voz, pelos sons e perpetuar a retransmissão pelas gerações futuras. A carta poderia ser um caminho mais simples, de forma mais descritiva das alternativas encontrada pelos grupos, ao responder “Como será a nossa Porto Alegre Cidade Educadora?”. Por fim, a história em quadrinho possibilitaria incluir a ludicidade e o fácil entendimento de uma narrativa voltada a todos.

Cabe ressaltar que a oficina de narrativa teve como objetivo estimular a comunidade cidadã a desenvolver histórias, ação que está imbricada com o design. Para Ellen Lupton, contar histórias é um aspecto fundamental do design e deve ser considerado na criação de qualquer comunicação visual. (LUPTON, 2017). Ao compreender e empregar técnicas de narrativa, os designers podem criar algo que não sejam apenas esteticamente agradáveis, mas também emocionalmente ressonantes e impactantes. Segundo a autora, design é inerentemente narrativo e todo projeto de design conta uma história, seja por meio de uma única imagem, uma sequência de visuais ou uma experiência interativa (LUPTON, 2017).

## 7. Resultados.

Este capítulo irá apresentar os resultados divididos em 2 subcapítulos, que irão detalhar os acontecimentos das oficinas de narrativas realizadas na comunidade cidadã de Porto Alegre e em São Leopoldo.

### 7.1 Oficina de narrativas 01 – Comunidade cidadã Porto Alegre.

Neste capítulo será apresentada a estrutura e os processos da oficina de narrativas com a comunidade cidadã de Porto Alegre, além de analisar os comportamentos que tais processos causaram nos participantes. Desde o dia 1º de maio de 2023, foram formalmente enviados digitalmente 30 convites para cidadãos participantes das iniciativas.

Figura 7: Convite e texto para a oficina de narrativas



“Olá, tudo bem? Queria te convidar pra minha pesquisa de mestrado porque eu identifiquei que tu fazes parte de uma iniciativa que causa impacto aqui em Porto Alegre, o/a (*nome da iniciativa*). Minha pesquisa vem descobrindo possibilidades de uma Cidade Educadora, e acredito que o teu projeto tem essa potência educacional em uma cidade. Por isso, te convido a participar de uma oficina de narrativas, para entender qual a tua visão de uma Porto Alegre Cidade Educadora do futuro, a partir da atividade que você exerce nesse território. Estou pensando em 2 pessoas ativas na tua iniciativa, então tu poderias convidar mais alguém para ir junto contigo. Queria muito a tua presença, mas entendo caso não consigas participar – pediria a tua ajuda para indicar alguém que também faz parte contigo do teu projeto. Essa oficina é bem importante porque ela vai recolher diversas narrativas do que é uma Cidade Educadora, a partir de iniciativas da própria população de Porto Alegre.”.

Fonte: Autor (2023)

Em 20 de maio de 2023 foram reunidos os integrantes das iniciativas já descritas no subcapítulo “6.2. Iniciativas cidadãos”, em Porto Alegre, na sede da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), com início às 13 horas. Com duração de 5h, a oficina ultrapassou às 3h30 previstas, tamanho

engajamento dos integrantes do evento. As atividades foram executadas com excelência, oferecendo narrativas robustas para a discussão em grande grupo – aumentando o tempo previsto de 30 minutos para apresentação coletiva, para 1h30. Foram 9 participantes da oficina, sendo composto por: 2 educadores sociais, 1 representante de Universidade, 1 ecovila, 1 teatro, 1 bloco de carnaval, 1 movimento *queer*, 1 designer e 1 representante de OSCs. É válido ressaltar que muitos participantes perpassam suas representações, sendo ao mesmo tempo designers e educadores sociais, integrantes de blocos de carnaval e participantes de OSCs, representantes de universidade e educadores sociais, atores de teatro e integrantes de blocos de carnaval, entre outros cruzamentos. A ambientação da sala foi criada para que os participantes pudessem percorrer os espaços para acessar os cartazes com conteúdo relevante para oficina. As mesas foram previamente organizadas para a formação de 4 grupos, entretanto foram utilizadas apenas 3 mesas, formando 3 grupos no total.

Figura 8: Ambientação oficina de narrativas



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

A apresentação digital, por meio de projetor, foi utilizada para as dinâmicas da oficina, pois ali estavam as instruções para preenchimento da ferramenta, além da apresentação dos conteúdos que explicaram o Pluriverso.

Figura 9: Apresentação digital



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

A dinâmica de aquecimento auxiliou na manipulação da ferramenta e causou integração entre os participantes. Mesmo sendo uma atividade individual, o pesquisador motivou a interação entre eles, estimulando-os a olhar para o que o indivíduo ao lado estava produzindo, para que pudesse inspirar sua própria criação. Assim os valores de compartilhamento, cooperação e criação já estavam sendo trabalhados e moralmente aceitos e estimulados. Em muitos momentos, os participantes se comunicavam entre si, através de perguntas, brincadeiras, pedidos de ajuda e criação conjunta. Eles também verbalizavam a inspiração causada pelo exemplo exposto pelo pesquisador, em que havia palavras escritas e textos desenvolvidos, exibidos na tela do projetor.

Figura 10: Preenchimento da ferramenta na atividade de aquecimento



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

Após a atividade individual, foi oferecido maneiras de organizar os grupos de trabalho e todos optaram por continuar na configuração que estavam permanecendo nas mesmas mesas, formando assim 3 grupos, sendo sua composição:

**Grupo Rum** (4 pessoas): 1 educador social, 1 designer, 1 componente do movimento queer e 1 componente da ecovila;

**Grupo Rumpi** (3 pessoas): 1 componente de OSC, 1 componente de bloco de carnaval, 1 representante de Universidade;

**Grupo Lê** (2 pessoas): 1 educador social e 1 componente do teatro.

Os nomes atribuídos para os grupos é uma licença poética do pesquisador, que se inspirou nos tipos de atabaques usados nas consagrações da umbanda e candomblé. Os atabaques são tambores que emitem som, sendo tipos específicos de instrumentos: *Rum* significa grande, ou maior e é a partir dele que as energias chegam no Terreiro e a cadência mestre vem dele, ou seja, atrai o maior patamar de vibrações espirituais para os trabalhos mediúnicos. Já o *Rumpi* significa médio ou mediano, doando o seu som, que está entre o grave e o agudo. Cumpre uma função de proteção e tem a responsabilidade de fazer

a maioria das dobras, ou repiques diferenciados, com uma entonação forte. Ele tem a função de garantir o ritmo e mantem a harmonia, sustentando a energia básica trabalhada pelo toque. Por sua vez o Lê significa pequeno ou menor e emite um som em tom agudo, fazendo a ligação entre o som dos atabaques e o som do canto. Geralmente é tocado por quem está iniciando, ou seja, o aprendiz que acompanha o *Rumpi*.

Em geral, os grupos não obtiveram grande dificuldade em desenvolver a narrativa pensando em um contexto de Cidade Educadora. Entretanto o grupo Lê, composto por 2 pessoas precisou de mais estímulos projetuais para conseguir alcançar sinergia entre os participantes. Cada um acabou se concentrando em suas tarefas, sem interagir entre si. Percebendo essa dinâmica inicial, o pesquisador aproximou-se do grupo e retomou as explicações. Além disto, também lançou estímulos para que o grupo começasse sua construção a partir de perguntas e problematizações sobre o tema. A dupla conseguiu voltar a interagir e trocar ideais, ainda assim foi observado que eles tinham dificuldade em produzir os textos, e assim foi entregue canetas para que fossem desenhadas, esquematizadas e esboçadas suas ideias nas paredes da sala. A partir deste momento, o grupo conseguiu criar um mapa mental que expressava sua narrativa, apresentando a rua como um espaço aglutinador.

Figura 11: Produção das narrativas pelos grupos Rum, Rumpi e Lê



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

O grupo Rumpi, com 3 integrantes, realizou os passos da ferramenta, alcançando rapidamente os termos necessários para a construção da narrativa. Rumpi se inspirou nos post-its já preenchidos de cada um dos seus integrantes, construindo a partir daí as palavras e expressões que compunham as respostas às perguntas sobre Porto Alegre Cidade Educadora. Essa estratégia acabou oferecendo vantagem ao grupo, que conseguiu desenhar um esboço de sistema, oferecendo uma visão integrada de uma Cidade Educadora. Utilizando outros papéis disponíveis, eles desenharam um rizoma que sintetiza as conexões existentes em uma cidade, criando uma teia, um laço entre todos os componentes da cidade.

Por fim, o grupo Rum, com 4 integrantes, também seguiu os passos da ferramenta, preenchendo as perguntas após um amplo debate entre os participantes. As experiências pessoais de cada integrante foram cruciais para o preenchimento das perguntas e algumas palavras foram cuidadosamente escolhidas em detrimento de outras. A construção da narrativa envolveu a criação de um personagem, um “Elemental da natureza” que olha para dentro de si para conseguir olhar para o exterior, deixando para trás velhos hábitos, para se abrir para um novo olhar de cuidado. Este grupo também utilizou as paredes da sala para desenhar, em conjunto, a narrativa que desejava – sendo o grupo que mais se aproximou da estrutura da oficina, seguindo todos os passos sugeridos pelo pesquisador.

Os 3 grupos optaram por desenvolver a apresentação da narrativa oralmente, mesmo que tenham feito mapa mental, representação gráfica e desenho representativo do personagem. A escolha unânime da narrativa da arte verbal estimulou que o pesquisador se deslocasse ao espaço de Metadesign e articulasse a realização de mais uma oficina de narrativas, agora em um outro contexto, capaz de estimular ainda mais a representação da narrativa por meio da materialização sugerida pela pesquisa, ou seja, por meio das histórias em quadrinhos, do poema, da carta e/ou da lenda. A segunda pesquisa, agora situada fora da cidade de Porto Alegre, buscou a visão imaginativa de jovens adultos em relação à capital do estado em que eles vivem. Esse distanciamento do território pode ofertar outros olhares à cidade, possibilitando narrativas ainda mais imaginativas e criativas.

## **7.2. Oficina de narrativas 02 – Comunidade cidadã São Leopoldo.**

Por meio dos mesmos conteúdos oferecidos na oficina realizada em Porto Alegre, foi formalizada a segunda oficina em São Leopoldo – com destaque para algumas adaptações<sup>9</sup>. O grupo em que a pesquisa foi aplicada foi uma turma de graduação, com diversos perfis acadêmicos, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). A turma em questão é composta por 32 alunos de 21 a 38 anos, de diversos cursos da universidade, com destaque para: Ciências da computação; Direito; Ciências Contábeis e Econômicas; Biomedicina; Nutrição, Engenharia civil, mecânica, elétrica e de produção; Administração; Psicologia, Farmácia e Matemática. O perfil dos alunos se torna relevante para a pesquisa, pois quase todos estão em uma fase de construção de suas carreiras e encarando a capacidade da sua futura profissão afetar a sociedade, além de 72% dos alunos estarem no 1º semestre. Este perfil se torna interessante para a pesquisa, visto que a projeção do seu futuro acadêmico e profissional pode mesclar-se com a projeção de um futuro contextualizado em uma Cidade Educadora. É imprescindível ressaltar que todos esses alunos participam de uma disciplina de 60 horas que tem como nome “Pensamento Projetual Criativo” e que tem como objetivo mobilizar as competências de diferentes áreas de conhecimento, em uma perspectiva sistêmica e transdisciplinar, por meio de processos imaginativos, criativos e inventivos a fim de agregar valor à sociedade. A professora, Aline Callegaro de Paula Bueno, responsável pela disciplina, desenvolveu ao longo do semestre a proximidade dos alunos com os projetos de extensão da universidade – associando o ensino e a pesquisa da Universidade com a comunidade cidadã que a circunda. Diferente da oficina de narrativas em Porto Alegre, esta oficina foi dividida em 3 encontros:

**13/06/2023:** O primeiro encontro, compreendeu a explicação sobre Pluriverso, atividade de aquecimento (uso da ferramenta de narrativas individuais) e a distribuição dos textos contendo os cases do Pluriverso;

**20/03/2023:** O segundo encontro, compreendeu a formação de 7 grupos para a elaboração da narrativa por meio da ferramenta e exemplos de narrativas

---

<sup>9</sup> As adaptações (aprofundamento e inserção de conteúdo) podem ser visualizadas na apresentação: [https://docs.google.com/presentation/d/1mRQU9zfM4yUVXouzWPYIbZARx5bGio4a3g0hUvonXws/edit#slide=id.g1af80c93cd8\\_0\\_1](https://docs.google.com/presentation/d/1mRQU9zfM4yUVXouzWPYIbZARx5bGio4a3g0hUvonXws/edit#slide=id.g1af80c93cd8_0_1)

e novas faíscas criativas. Intervenção provocativa dos alunos do 7º semestre de Engenharia Mecânica da Universidade, por meio de cartazes<sup>10</sup> especulativos de futuros possíveis para estimular o pensamento criativo.

**27/06/2023:** Terceiro e último encontro, foi composto pela apresentação das narrativas de todos os grupos.

A ambientação da sala no segundo encontro (20/03/2023) foi criada para que os participantes pudessem percorrer os espaços para acessar os cartazes com conteúdo relevante para oficina, espalhados pela sala tal qual na oficina de Porto Alegre. As mesas foram previamente organizadas para a formação de 7 grupos, sendo a apresentação visual o elemento central da oficina. Além disto, foram disponibilizados os mesmos materiais que na oficina de narrativas de Porto Alegre como canetas, post-its, ferramentas de narrativas impressas, folhas em branco para suporte, etc.

Figura 12: Ambientação oficina de narrativas São Leopoldo



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

<sup>10</sup> Cartazes disponíveis em: [https://drive.google.com/drive/folders/1-k3RZtNTRXtScY98zPCw86o4vx0sTCwD?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1-k3RZtNTRXtScY98zPCw86o4vx0sTCwD?usp=drive_link)

Após as explicações iniciais da dinâmica do dia e da assinatura do termo de livre esclarecimento (TCLE), os alunos foram separados em 7 grupos, por meio de sorteio. Sua composição ficou da seguinte forma:

**Grupo Agogô** (4 estudantes): Área de engenharia civil, engenharia mecânica, engenharia de produção e ciências contábeis;

**Grupo Afoxé** (3 estudantes): Área de psicologia, engenharia civil e direito;

**Grupo Adjá** (3 estudantes): Área de ciências da computação e engenharia civil e mecânica;

**Grupo Batá** (4 estudantes): Área de engenharia elétrica, nutrição, matemática e ciências da computação;

**Grupo Berimbau** (4 estudantes): Área de ciências contábeis, ciências da computação, direito e farmácia;

**Grupo Xeré** (4 estudantes): Área de ciências contábeis, engenharia mecânica, ciências da computação e biomedicina;

**Grupo Xequeré** (3 estudantes): Área de administração, direito e ciências contábeis.

Os nomes dos grupos continuam sob a ótica da licença poética que o autor do trabalho pretende acoplar nesta pesquisa. O primeiro grupo, foi nomeado como Agogô, instrumento musical formado por um único ou múltiplos sinos acompanhado de uma baqueta, originado da música Iorubá, da África Ocidental. O agogô é considerado o instrumento mais antigo do samba e é dedicado ao Orixá Ogum, e por isto, deve ser o primeiro instrumento a ser tocado no rito religioso. O afoxé, nome do segundo grupo, tem como propósito a manutenção dos valores religiosos, sendo uma expressão artístico-religiosa ligada às Nações Africanas. Esse instrumento também é uma dança que leva o mesmo nome, ritmo que trabalha em conjunto com os atabaques e com o agogô. O terceiro grupo, Adjá remete a um instrumento folclórico afro-brasileiro em forma de sinos, utilizado nos rituais de umbanda, ele é muito semelhante ao Agogô, porém não conta com a baqueta para extrair som. Tal instrumento tem a função de invocar os Orixás durante os rituais, além de chamar os filhos da casa

para o ritual de “dar comida” ao santo, ou para reverenciá-lo. Muitas vezes acompanha as danças e os toques de atabaque.

O quarto grupo, chamado de Batá, representa um tambor coberto de couro nas extremidades muito utilizado nos cultos de *Santería*<sup>11</sup>, para produzir mais de 140 tipos de toques diferentes para os santos e suas diferentes manifestações. O quinto grupo, Berimbau, recebe o nome de um dos instrumentos mais conhecidos do país - que tem origem angolana e foi trazido ao país pelos escravos; além de ser muito utilizado nas rodas de capoeira. O seu “poder mágico” serve para criar um elo entre o mundo material e espiritual. Xeré (sexto grupo) é um chocalho, instrumento utilizado para a cura de doenças e limpeza espiritual da aldeia (utilizado nas tribos Guarani). Xeré é um tipo de chocalho específico, que serve para evocar a Justiça, na representação do Orixá Xangô. O último grupo, Xequeré, foi batizado com o nome de um instrumento que tem origem africana, tocado em cerimônias religiosas e em grupos de afoxé e maracatu. É um instrumento igual ao Afoxé, porém em tamanho maior.

Figura 13: Preenchimento da ferramenta pelos grupos



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

<sup>11</sup> É uma religião da diáspora africana que se desenvolveu em Cuba no final do século XIX. Suas crenças vêm da cultura e religião lorubá, que em Cuba foram sincretizadas com o catolicismo.

Ao separar os grupos, todos foram assessorados nos processos de preenchimento das etapas da ferramenta de narrativa. Do mesmo modo que na oficina de Porto Alegre, eles foram convidados a inserir um personagem que poderia se basear no humano, na natureza, na tecnologia ou na entidade espiritual. De uma maneira geral, todos os grupos conseguiram escolher um personagem sem grande dificuldade, tornando a narrativa bastante diversa. Junto a isto, eles foram expostos a estímulos criativos baseado em uma exposição de outra turma, em que foram apresentados 4 cartazes de especulação de futuro, criado por meio de *Design Fiction*, do 7º semestre do curso de Engenharia Mecânica, ministrado pelo professor Felipe Moraes Menezes. Tais cartazes trabalharam com uma perspectiva de que os alunos deveriam desenvolver uma peça gráfica capaz de expressar os dilemas morais entre humano e máquinas no futuro, construindo um artefato inspirado no *Design Fiction*. “Os conjuntos de Design Fiction são partes de diferentes tipos de mundos de futuros próximos. São como artefatos trazidos destes mundos para serem examinados, estudados. São uma espécie de quebra-cabeças. Um tipo de objeto que tem muito a dizer.” (BLEECKER, 2009, p. 7).

Figura 14: Observação de cartazes e apresentação digital no centro



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

Tal atividade inspirou os alunos participantes da oficina, a imaginarem novos futuros, capazes de responder “Como será a nossa Porto Alegre Cidade Educadora?”. Por meio dos cartazes propostos pela outra turma, os alunos puderam visualizar narrativas de futuro baseada em *Design Fiction*, que comunicavam uma história que poderia ser facilmente encontrada no futuro. Esta intervenção gerou impacto nas narrativas apresentadas, pois os quatro cartazes traziam histórias relacionadas a tecnologias, inteligência artificial e robótica – fazendo com que 3, dos 7 grupos estudados, apresentassem suas narrativas baseadas em personagens tecnólogos (inteligência artificial).

Após a apreciação e entendimento dos trabalhos baseados no *Design Fiction*, apresentados pela turma de Engenharia Mecânica, os grupos voltaram as mesas de trabalho e desenvolverem as suas narrativas na ferramenta, centralizando nos personagens sugeridos. Logo após os grupos precisaram realizar mais uma escolha: o formato narrativo. Como na oficina de Porto Alegre, os grupos deveriam entrar em acordo entre seus componentes para escolher entre os 5 formatos narrativos, sendo eles história em quadrinhos, lenda, poema, arte verbal e carta. Todos os formatos narrativos foram contemplados e detalhados no próximo capítulo.

### **7.3. Contribuições para uma Cidade Educadora Polifônica**

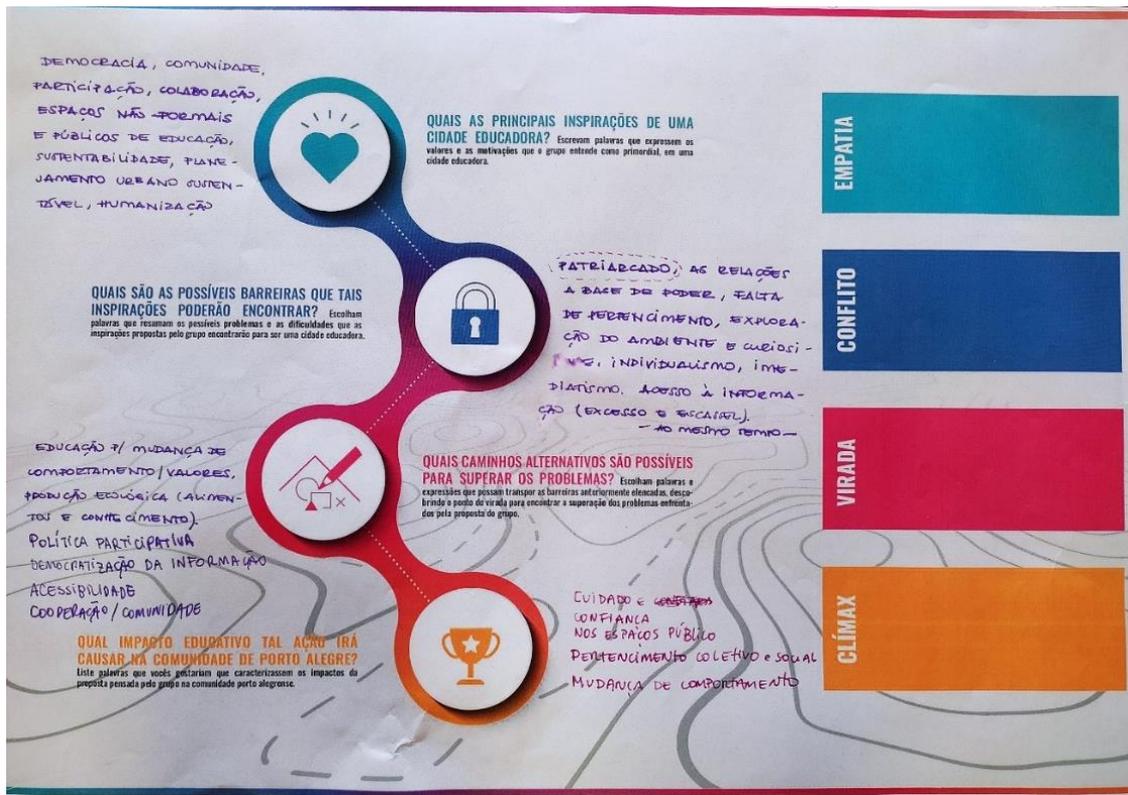
Neste capítulo serão apresentadas as narrativas construídas pelos participantes das oficinas, além de um debate acerca da construção. Acesse o endereço abaixo para encontrar os arquivos<sup>12</sup> coletados na “Oficina de narrativas”.

**Grupo Rum** (4 componentes: 1 educador social, 1 designer, 1 componente do movimento queer e 1 componente da ecovila).

---

<sup>12</sup> <https://drive.google.com/drive/folders/1NsHweYzzput4uBKUWGcNovnvercJmyDJ?usp=sharing>

Figura 15: Preenchimento das questões da ferramenta pelo grupo Rum



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

Ao responder à questão “Quais as principais inspirações de uma Cidade Educadora?” os componentes do grupo Rum utilizaram palavras como “democracia, comunidade, participação, colaboração, espaços não formais públicos de educação, sustentabilidade, planejamento urbano sustentável e humanização. Tais palavras demonstram que o sentimento de que uma Cidade Educadora passa por uma necessidade de humanização e participação social democrática, tornando todos os espaços públicos educativos, sejam eles formais ou não.

Ao responder “Quais são as possíveis barreiras que tais inspirações poderão encontrar?” o grupo estabeleceu as palavras “patriarcado, as relações e a base de poder, falta de pertencimento, exploração do ambiente e curiosidade, individualismo, imediatismo, acesso à informação (excesso e escassez) tudo ao mesmo tempo. As barreiras encontradas para exercer os valores listados acima foram o patriarcado como base de poder de competição/concorrência entre humanos e tornando o meio ambiente um espaço explorado, sem o cuidado necessário – refletido na falta de pertencimento dos cidadãos da cidade.

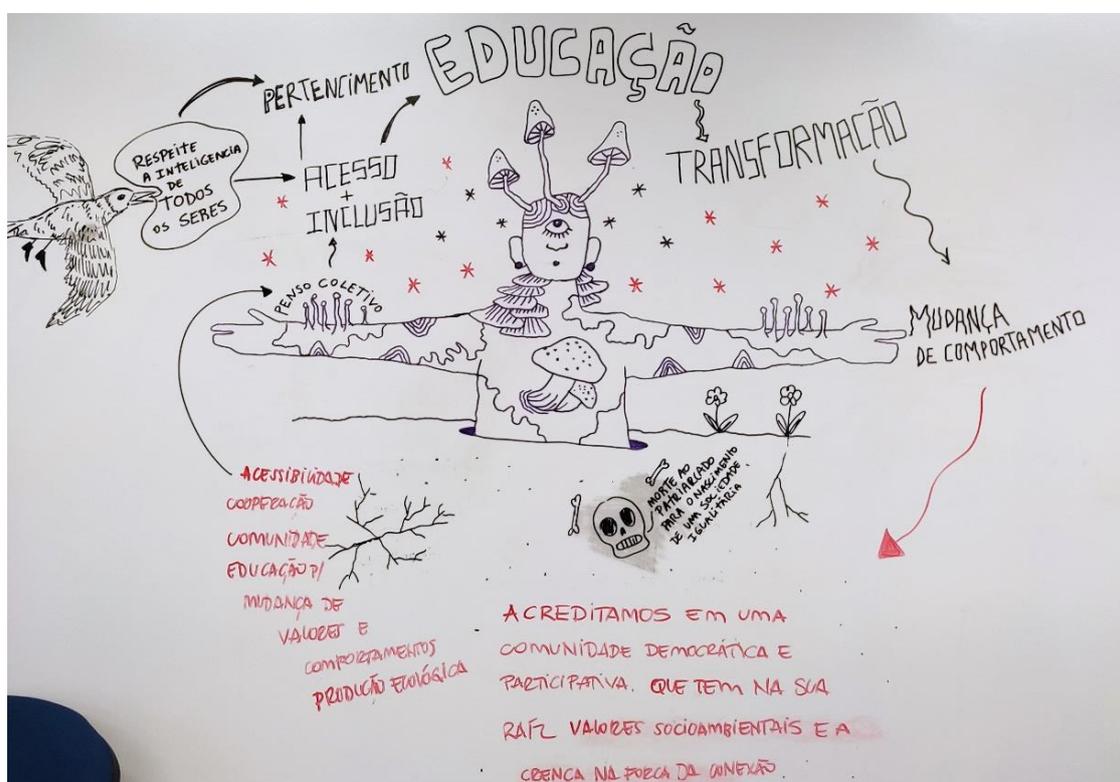
“Quais caminhos alternativos são possíveis para superar os problemas?” As palavras de superação escolhidas foram “educação para mudança de comportamento e valores, produção ecológica (alimento e conhecimento), política participativa, democratização da informação, acessibilidade e cooperação entre a comunidade. Tais palavras demonstram a visão de que a educação é a força motriz por detrás das superações possíveis, mostrando uma íntima relação com as questões ecológicas em que a produção do alimento e do conhecimento são protagonistas. As cooperações e participações populares sugerem a abertura de debates comunitários, capazes de equilibrar as bases de poder que formam barreiras para uma Cidade Educadora florescer.

Por fim, as palavras que responderam à pergunta “Qual impacto educativo tal ação irá causar na comunidade de Porto Alegre?” foram: “Cuidado e confiança nos espaços públicos, pertencimento coletivo e social e mudança de comportamento.” Estes impactos no território da Cidade Educadora levantado pelo grupo Rum demonstram a necessidade de um espaço de confiança, compartilhado por todos os cidadãos. Os espaços públicos devem ser acolhedores, oferecendo uma sensação de pertencimento coletivo e social a todos os habitantes das cidades. O cuidado, a confiança e o pertencimento coletivo promovem a conscientização, a empatia e o respeito mútuo, resultando em relações mais saudáveis e na diminuição de comportamentos nocivos. Ao adotar tais políticas, o desenvolvimento pessoal e crescimento social é estimulado, isto é, quando as pessoas se sentem seguras, cuidadas e valorizadas na sociedade, elas têm mais oportunidades de desenvolvimento pessoal e crescimento social. Um ambiente mais saudável, sustentável, justo e harmonioso, oferece a oportunidade de todos os seus habitantes florescerem e desfrutarem de uma vida plena, aumentando a melhoria na qualidade de vida.

Ao transporem as palavras para a narrativa, o grupo batizou sua narrativa de “Elemental da natureza”, expressando uma série de palavras em volta de um desenho em uma das paredes da sala em que ocorria a oficina. O grupo escolheu um personagem que representa a natureza, o espírito e o humano como um elemento de conexão e mudança interna de comportamento. Esse personagem simbólico pode ser visto como um ser que transcende as fronteiras entre os diferentes elementos e seres, ajudando a quebrar as barreiras entre a

natureza e o ser humano. A imagem criada pelo grupo, ao embaralhar o que é humano e o que é natureza, propõe que esse ser é afetado pela natureza, mas também tem o poder de afetar o meio ambiente por meio de suas novas percepções e comportamentos. Essa ideia sugere uma interdependência entre o ser humano e a natureza, destacando a importância de uma relação saudável e equilibrada com o meio ambiente. Para promover essa conexão e mudança interna de comportamento, o grupo ressalta a necessidade de fortalecer as trocas comunitárias, oferecendo uma educação que enfraqueça a ideia separatista de "nós e eles". Ao reconhecer e valorizar as realidades distintas presentes em uma cidade, é possível promover a compreensão da importância da diversidade e criar um senso de pertencimento democrático entre todos os cidadãos. Ao fortalecer as trocas comunitárias e incentivar a compreensão intercultural, é possível criar uma cidade mais harmoniosa, onde a diversidade é vista como uma riqueza e onde todos os cidadãos se sintam parte integrante e valorizados na comunidade.

Figura 16: Narrativa “Elemental da natureza” do grupo Rum



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

Para o grupo, é importante adotar uma abordagem de Cidade Educadora que centraliza a recriação de novos valores, incluindo a valorização da natureza e a conexão entre o humano e o ambiente natural. Tal perspectiva é extremamente importante para o planejamento urbano. Ao eliminar a ênfase exclusiva no valor monetário, a cidade pode se concentrar em desenvolver uma comunidade cidadã mais consciente e conectada, onde a natureza seja reconhecida como uma parte essencial dos valores e das experiências dos indivíduos.

Ao estabelecer a natureza como “um parente próximo” e promover um senso de pertencimento, os habitantes da cidade se sentirão mais responsáveis e comprometidos com o cuidado e a preservação do meio ambiente. Isso pode levar a práticas mais sustentáveis, como a conservação dos recursos naturais, a redução do desperdício e a proteção da biodiversidade local. Além disso, o grupo propõe a produção de alimentos pela comunidade cidadã, como o cultivo de alimentos comunitários, sugerindo uma maneira educadora de relacionar-se com a cidade e sua produção de riqueza. Essa abordagem pode fortalecer a conexão entre os habitantes da cidade e seu ambiente, promovendo a compreensão dos processos agrícolas, a importância da alimentação saudável e a valorização do trabalho coletivo – sem contar a redistribuição de alimentos de qualidade para a população mais vulnerável.

A proposta do grupo Rum implica em um alto desempenho do Poder Público no planejamento urbano, fornecendo infraestrutura adequada para a produção de alimentos, incentivando a participação comunitária e garantindo a acessibilidade a espaços verdes e áreas agrícolas dentro da cidade. Essas ações podem promover uma cultura de colaboração, aprendizado e sustentabilidade, tornando a cidade um ambiente educador que valoriza a natureza e a comunidade em que está inserida. Ao cultivar alimentos comunitários, a cidade não apenas fortalece os laços entre os cidadãos, mas também promove a distribuição de alimentos de qualidade para a população mais vulnerável. Essa pode ser uma das maneiras de combater a insegurança alimentar e promover a igualdade de acesso a alimentos saudáveis.

Vale ressaltar que a implementação de uma Cidade Educadora com essas características exigiria uma abordagem abrangente, envolvendo não

apenas o Poder Público, mas também a participação ativa das comunidades cidadãs, instituições educacionais e outros atores sociais. O desenvolvimento de programas educacionais, parcerias com organizações locais e a criação de espaços comunitários para o cultivo de alimentos são algumas das iniciativas que poderiam ser consideradas, promovendo a visão de uma Cidade Educadora centrada na valorização da natureza e na produção comunitária de alimentos. Toda esta narrativa oferecida pelo Grupo Rum é uma valiosa representação de um ecossistema que conta com o engajamento do maior número de atores sociais, representantes públicos e iniciativa privada possíveis, rumo a uma mudança de mentalidade em que os valores de cuidado, afeto, segurança, educação, transformação, acesso e inclusão sejam compartilhados e promovidos em conjunto por toda a teia social que compõe a Cidade Educadora.

**Grupo Rumpi** (3 componentes: 1 componente de OSC, 1 componente de bloco de carnaval, 1 representante de Universidade)

Figura 17: Preenchimento das questões da ferramenta pelo grupo Rum



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

A questão “Quais as principais inspirações de uma Cidade Educadora?” foi respondida “rua como espaço de lazer, valorização da infância e dos idosos, comunidades autossustentáveis, valorização de todos os conhecimentos e da vivência de cada pessoa, senso de pertencimento e de comunidade, cidade democrática, cidade não fragmentada, descentralização do conhecimento e da cultura”. Tais valores expressaram motivações que tornam os espaços da cidade mais fluídos, reconhecendo as suas separações sociais, mas sugerindo que as comunidades possam funcionar em rede. A motivação principal seria uma população mais próxima de si mesmo, valorizando o bem-estar de todos, a inclusão social e a sustentabilidade, reforçando um senso de pertencimento e de comunidade.

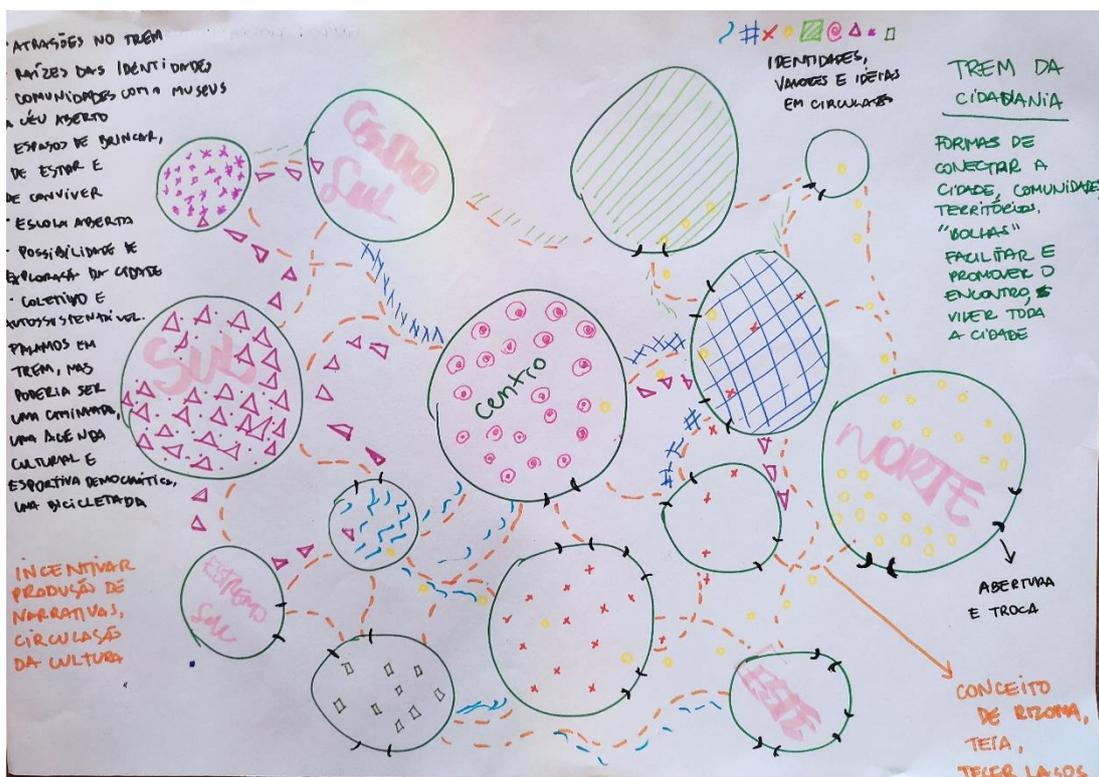
“Quais são as possíveis barreiras que tais inspirações poderão encontrar?” recebeu as seguintes respostas “dificuldade em abrir horizontes para a mudança de mentalidade, bolhas sociais, racismo e preconceitos, nenhuma disponibilidade para a perda de privilégios, mudança na lógica em que a cidade vive hoje (movimento contrário ao tipo de política e economia vigentes hoje), privatização do espaço público”. O grupo apresenta os desafios, que exigem uma abordagem multifacetada, que envolva educação, conscientização, participação cidadã e políticas públicas inclusivas e remodeladas.

A pergunta “Quais caminhos alternativos são possíveis para superar os problemas?” foi respondida com estas palavras “Cidade e a rua como um local de encontro, crianças e a infância como projeto de futuro, melhorar a comunicação de cidadãos instituições e governos, transferência de conhecimento (e se a cidade fosse uma universidade?)” A cidade como um local de encontro e a rua como um espaço de convívio são fundamentais para promover a interação social, a coesão comunitária e a troca de experiências. Uma cidade ideal valoriza esses espaços públicos e os torna acolhedores, seguros e acessíveis para todos os seus habitantes. Além disso, investe em eventos, festivais e atividades que estimulam a interação e o fortalecimento dos laços sociais. As crianças inseridas neste contexto, floresceriam como cidadãos, auxiliando no seu protagonismo e na tomada de decisões que afetam suas vidas, promovendo o respeito aos seus direitos. Uma cidade como uma universidade aberta traz a ideia de que o conhecimento não se limita às instituições

educacionais, mas permeia toda a vida urbana. Esta criação de espaços de aprendizagem não formal, programas de educação popular, parcerias entre universidades e comunidades locais, entre outras iniciativas, promoveriam não só a democratização do conhecimento, mas o intercâmbio dos mais variados tipos de conhecimento. Essas abordagens contribuem para uma cidade mais inclusiva, participativa e vibrante, onde os cidadãos se sentem conectados, têm voz ativa e são valorizados como agentes de transformação.

“Qual impacto educativo tal ação irá causar na comunidade de Porto Alegre?” foi respondido com as seguintes palavras “Pertencimento, diálogo, inclusão social e laços afetivos.” Tais impactos poderiam resultar em uma coesão social em que o senso de pertencimento e a inclusão de todos os cidadãos fortalecem os laços entre os membros da sociedade, promovendo a solidariedade, o respeito mútuo e a colaboração. O bem-estar emocional faz uma comunidade cidadã se sentir valorizada, apoiada e conectada com os outros, proporcionando um maior senso de felicidade, satisfação e resiliência emocional. A partir desta visão, é possível imaginar um cenário em que haja menos conflitos e violência, mais criatividade e inovação a partir de tantos pontos de vista e vivências diversificadas; além de uma maior resiliência e solidariedade em tempos difíceis. Estes impactos positivos sugeridos pelo grupo Rumpi contribuiriam para o desenvolvimento sustentável e para uma sociedade mais equitativa, justa e saudável. Promover o senso de pertencimento, diálogo, inclusão social e laços afetivos é essencial para construir um ambiente humano e acolhedor, onde todos têm a oportunidade de prosperar e se realizar plenamente.

Figura 18: Narrativa “tecer laços” do grupo Rumpi



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

Ao transporem as palavras para a narrativa o grupo criou um rizoma, uma teia capaz de ultrapassar as barreiras sociais e tecer laços entre as “bolhas” sociais presentes no território da Cidade Educadora. A descentralização do conhecimento é a espinha dorsal da proposta do grupo, que reflete em todas as ações que uma Cidade Educadora deve promover. O funcionamento em rede de toda a população da cidade pode potencializar o envolvimento comunitário dos cidadãos, criando teias colaborativas e diminuindo a segregação, a centralidade, o racismo e os demais preconceitos existentes em um território – fomentado pelas distâncias impostas pela dinâmica social presente hoje. A criança surge como uma peça central na narrativa, em que sua visão não condicionada, traria a possibilidade de articulação das relações comunitárias, sem o molde das lógicas já estabelecidas. Como uma opção de aproximação de tais territórios tão distantes (seja por condições financeiras, falta de senso de pertencimento, de distância, ou de outros motivos), foi criado uma solução pelo grupo Rumpi, “o trem da cidadania” como uma forma de abertura e câmbio social. Este trem interligaria todas as comunidades cidadãs, apresentando diversas vivências, promovendo diversos encontros culturais, trocando formas de ver e

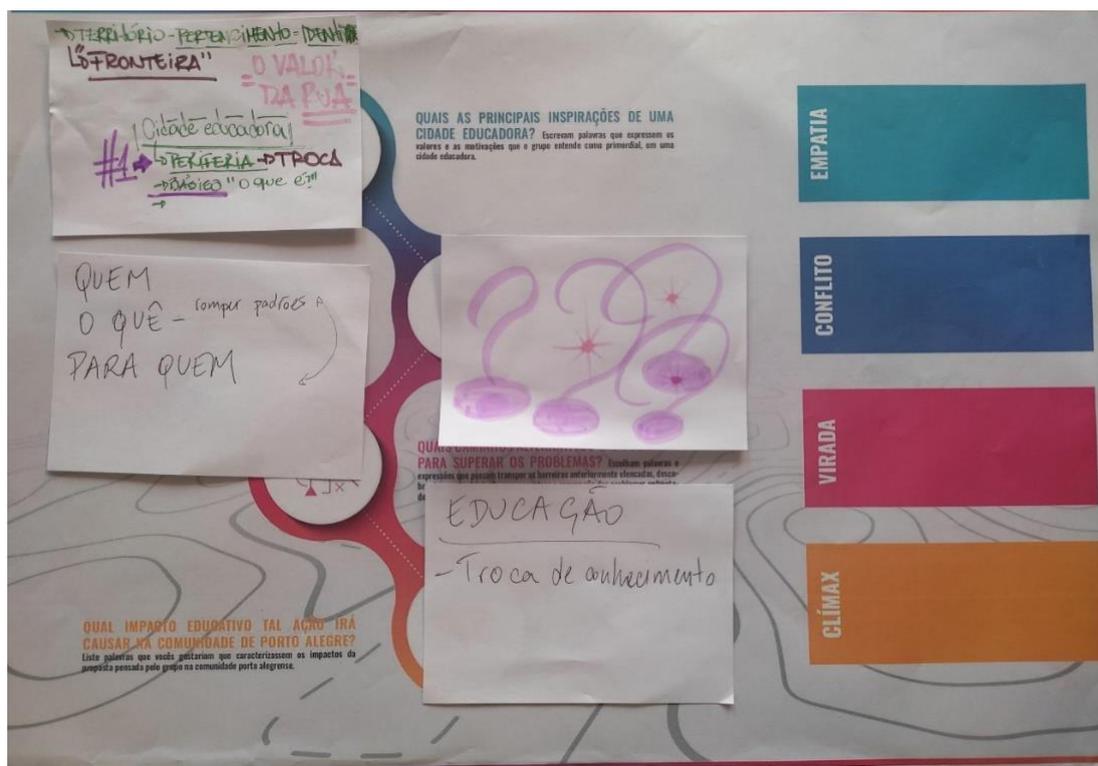
compreender o mundo. Nesta proposta o cidadão estaria se posicionando como parte integrante e ativa da comunidade, reconhecendo que seu deslocamento e envolvimento no centro da cidade são parte de sua participação no ambiente urbano mais amplo. A malha formada pelo movimento do trem seria a representação de que não há separações, pois ela interligaria todos os espaços, que inicialmente, estariam separados por barreiras sociais. O grupo reforça que pensar em uma Cidade Educadora é pensar por diversas dimensões.

A narrativa do grupo Rumpi demonstra que em um contexto de Cidade Educadora, que valoriza as relações sociais e promove o deslocamento ativo dos cidadãos e suas trocas, o senso de pertencimento é coerente com a ideia de construir uma identidade cidadã mais ampla, na qual cada indivíduo se vê como parte integrante e responsável pela cidade em sua totalidade. Uma Cidade Educadora vai além do sistema educacional formal e abrange diferentes aspectos da vida urbana, aspirando o aprendizado ao longo da vida, além da participação cidadã e do desenvolvimento sustentável da comunidade. Tal proposta visa criar um ambiente propício para o aprendizado ao longo da vida, a inclusão social, o desenvolvimento humano e a construção de uma comunidade cidadã ativa e engajada. Esta narrativa aponta para diversas dimensões de uma Cidade Educadora, enfatizando a importância do acesso ao conhecimento, da participação comunitária, da valorização da infância, da interligação social e da quebra de barreiras. É um convite inspirador para repensar não só o papel das cidades como espaços educadores, mas também como um espaço transformador, isto porque ao romper com a segregação e fomentar a colaboração e o envolvimento comunitário, a Cidade Educadora expande seus efeitos transformadores na comunidade.

**Grupo Lê** (2 componentes: 1 educador social e 1 componente do teatro).

O grupo, formado por 2 componentes, adotou uma nova abordagem para a produção da sua narrativa, deixando de lado a ferramenta, para estabelecer seus próprios questionamentos sobre educação, sobre cidade e sobre o que seria uma Cidade Educadora. O primeiro passo foi escrever em papéis sobre seus questionamentos internos e logo depois utilizar as paredes da sala para expressar suas inquietações, por meio de um mapa mental.

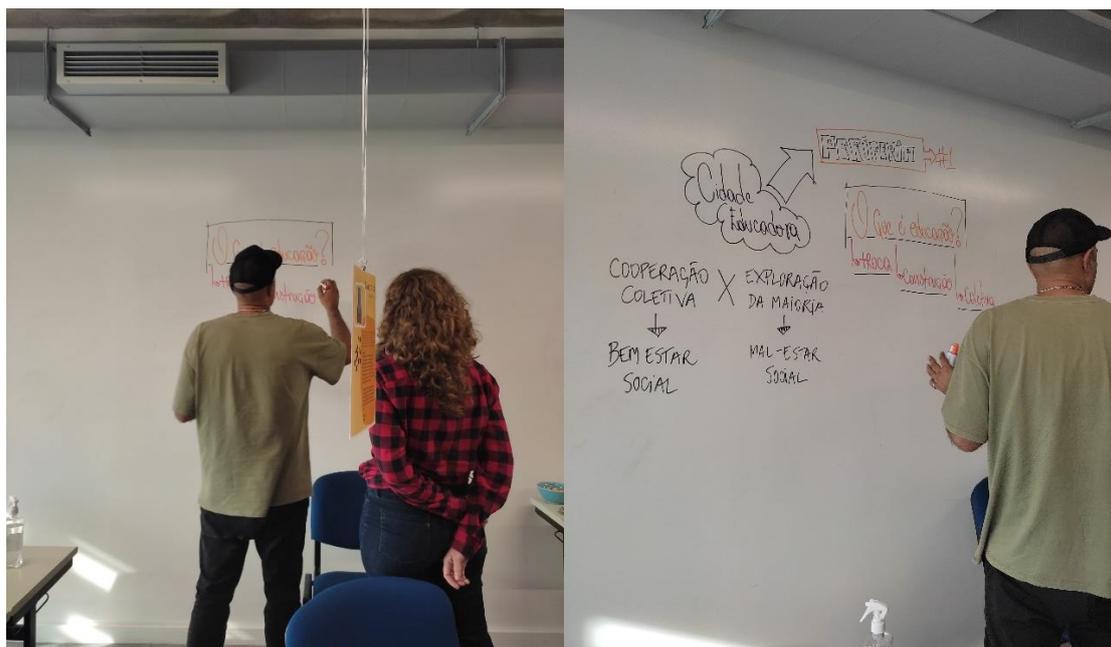
Figura 19: Narrativa “Intelectualidade dos excluídos” do grupo Lê



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

O grupo questionou os sentidos das palavras educação, para quem?, o que e para quem?, além de centralizar a periferia em suas discussões. A periferia representa uma sociedade de trocas, a partir de suas dinâmicas e enfrentamento de suas dificuldades. A Cidade Educadora, para esse grupo, precisa interpretar o território como uma identidade, ressaltando o valor da rua, entretanto esse território é dividido em duas perspectivas: o território físico de fronteiras geográficas e o território imaterial, que envolve as questões políticas, sociais, culturais e econômicas.

Figura 20: Construção do mapa mental do grupo Lê

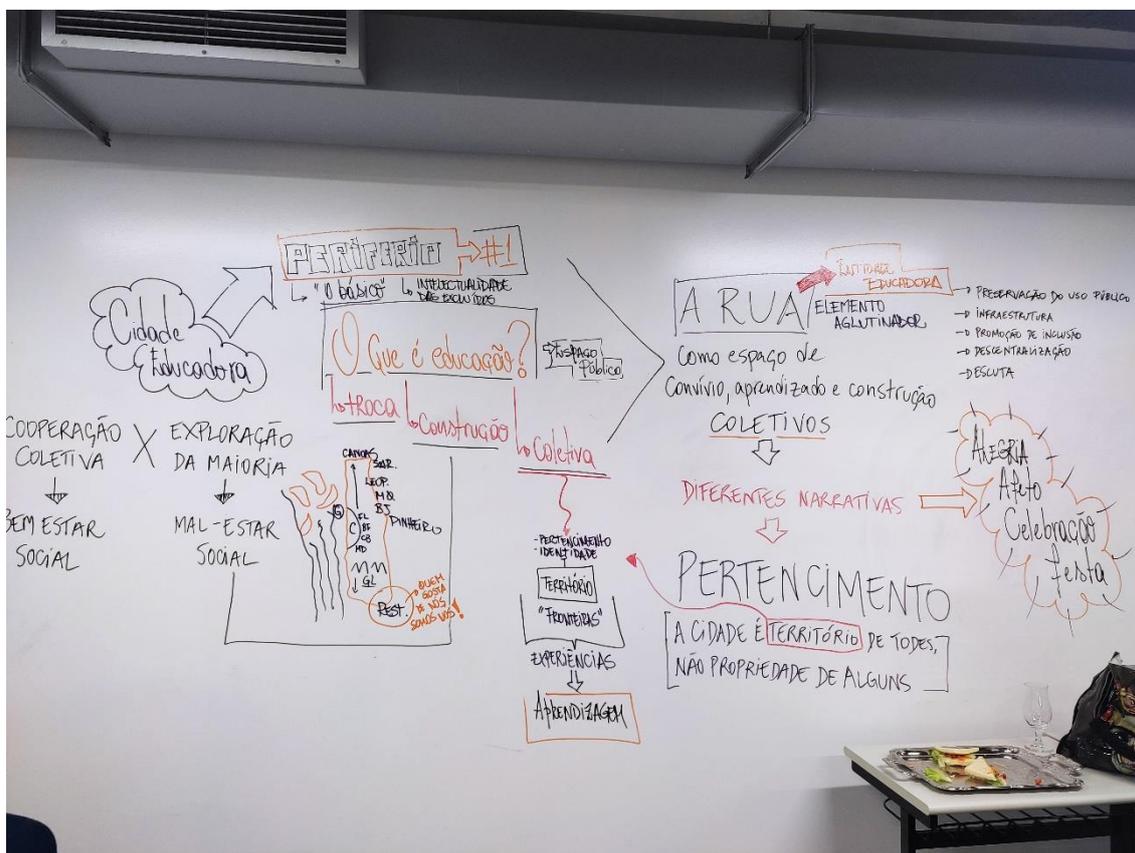


Fonte: Oficina de narrativas (2023)

Ao levantar a problematização das palavras, o grupo expressa que uma cidade deve ir além de educar, conscientizando sua população, por meio do desenvolvimento da potência das trocas e das construções coletivas. O grupo defende que uma Cidade Educadora não passa pela periferia, mas surge da periferia, para que todos os processos de ensino e aprendizagem sejam levados em consideração. A Cidade Educadora precisa olhar a periferia em primeiro lugar, nas suas mais amplas dimensões, como saúde, educação, conscientização ambiental, separação de resíduos, oportunidades, riqueza de conhecimento de seus habitantes, entre outros fatores relevantes. O diálogo entre moradores das comunidades periféricas e aqueles que não a frequentam, deve ser desenvolvido para que haja um espaço de mútuo-afetamento entre esses cidadãos. O grupo traz questões sobre a cultura e do papel social em relação a dignidade humana: não há alternativas possíveis para uma Cidade Educadora que não olhem para as condições de moradia e alimentação dignas. Os moradores da periferia não possuem as condições básicas de saneamento e de segurança alimentar, algo impensável em bairros centrais da cidade. Uma cidade que exclui sua população por meio do escasso acesso a serviços públicos, deve rever suas políticas. É preciso dar suporte a periferia nas mais amplas necessidades expressas pela sua população. A rua é o território

universal, assumindo o papel de uma entidade educadora coletiva, formando espaços de aprendizado, convívio e de afeto. A cidade, ao ser um espaço genuinamente público, abraça as diversas narrativas presente em seu território: “a cidade é território de *todes* e não propriedade de alguns.”

Figura 21: Mapa mental do grupo Lê



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

Ao ser um espaço genuinamente público, a cidade se torna um palco para a expressão de diversas identidades e narrativas. Ela abraça a pluralidade presente em seu território, reconhecendo a importância de cada indivíduo e comunidade e valorizando suas contribuições para a construção coletiva da cidade. A rua, como parte integrante da cidade, reflete os valores de uma Cidade Educadora, onde o aprendizado acontece não apenas dentro das escolas, mas em todos os espaços do ambiente urbano. Ela se torna um local de encontros, diálogos e descobertas, onde as relações sociais são fortalecidas e as trocas culturais são celebradas. Outra crítica estabelecida pelo grupo é que a rua de bairros mais abastados apresentaria um silêncio planejado. As ruas da periferia representam o movimento da cidade, a dinâmica social e as trocas comunitárias

por meio dos seus sons, sejam eles vozes, buzinas, barulhos de obras, latidos de cachorros, músicas em carros de som, etc. Nos bairros, reconhecidos como nobres, haveria uma influência cultural que condicionaria seus frequentadores a adotarem determinados comportamentos que restringiriam a diversidade sonora.

A crítica proposta pelo grupo Lê leva em conta a diferença de sons entre os bairros mais ricos economicamente e as áreas periféricas da cidade, deixando claro as disparidades sociais e das dinâmicas urbanas. Nos bairros mais abastados, é comum que exista um ambiente mais silencioso devido a uma combinação de fatores, como planejamento urbano, restrições de ruído e comportamentos culturais. Nestes bairros, muitas vezes, o planejamento urbano visa minimizar os ruídos, por meio de ruas arborizadas, áreas residenciais afastadas de vias movimentadas e medidas de controle de tráfego. Por outro lado, nas áreas periféricas e de menor poder aquisitivo, o ambiente sonoro é mais intenso e dinâmico. Essas áreas costumam abrigar uma maior densidade populacional, com ruas movimentadas, comércios locais, espaços públicos de convivência e uma variedade de atividades diárias. O planejamento urbano e as políticas públicas devem considerar a importância dos sons na construção das cidades e buscar equilibrar a necessidade de tranquilidade com a vitalidade e a diversidade sonora que caracterizam a vida urbana. É essencial garantir que todas as áreas da cidade tenham espaço para expressar suas identidades sonoras e que haja uma convivência harmoniosa entre os diferentes sons e comunidades, promovendo a inclusão e a coexistência pacífica.

A narrativa proposta pelo grupo Lê ressalta a importância de valorizar e cuidar da vitalidade comunitária, garantindo que a rua seja um ambiente seguro, acessível e propício para o aprendizado, a convivência e o afeto. Ao reconhecer a rua como uma entidade educadora coletiva, é possível transformar a cidade em um lugar de oportunidades, onde cada indivíduo se sinta parte ativa e contribuinte da sociedade.

Ao enunciar que “É preciso educar a Cidade Educadora com o conhecimento da periferia”, o grupo Lê lança luz sobre as vozes e vivências nas periferias. Muitas vezes, as perspectivas e experiências das comunidades periféricas são marginalizadas ou ignoradas, o que pode levar a uma visão limitada e excludente da cidade como um todo. Para construir uma Cidade

Educadora, é fundamental incorporar o conhecimento e as vivências das periferias. Isso envolve ouvir ativamente as vozes das comunidades periféricas, compreender suas necessidades, desafios e aspirações, e considerar suas contribuições no desenvolvimento de políticas e práticas urbanas. Ao lançar um olhar sobre a Cidade Educadora com o conhecimento da periferia; a equidade, a justiça social e a construção de uma cidade mais inclusiva e diversa está sendo promovida. Isso implica em reconhecer a importância de todas as vozes e experiências na formação da identidade e no desenvolvimento da cidade como um todo. Ao se encantar com as várias formas de ser uma cidade, a Cidade Educadora abre espaço para explorar e aprender com as particularidades de cada local. Por meio dessa interação, os habitantes aprenderiam a apreciar a arquitetura e o design urbano, as diferentes expressões artísticas e culturais, os sabores e cheiros dos mercados e restaurantes locais, as tradições e festividades, entre muitas outras características que formam a identidade de um território (seja ele um bairro, uma região ou um espaço compartilhado). Além disso, ao se encantar com as várias formas de ser uma cidade, abrem-se espaço para a coexistência e valorização das diferentes identidades e experiências urbanas. A partir desta perspectiva, ressoa a certeza de que não existe uma única maneira correta de ser uma cidade, mas ecoa a riqueza na diversidade de abordagens, nas perspectivas e nos estilos de vida que se manifestam em cada local.

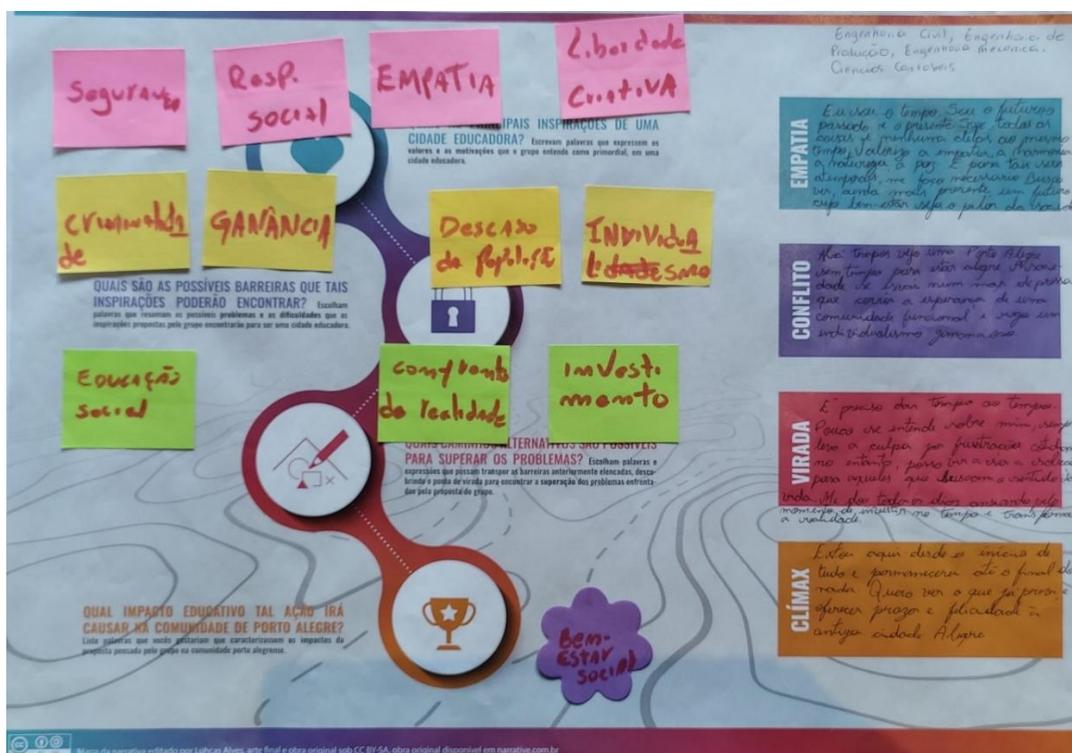
É preciso destacar a crítica estabelecida pelo grupo Lê, ao levantarem que as necessidades básicas humanas da comunidade periférica devem ser atendidas pelo Poder Público antes de se pensar em cultura, sentimentos de pertencimento, adesão a rede de Cidade Educadora, etc. Para o grupo, o bem-estar social de toda a população de uma cidade deveria estar condicionado a construção de uma estrutura que garantisse o suprimento das necessidades básicas de todos aqueles que estão presentes em seu território. É imprescindível salientar que essa visão é compartilhada com o pesquisador e que neste contexto de pesquisa, é importante ressaltar o convite realizado para dois grupos extremamente importantes para tais temas: Permacultura e moradia popular. Esta pesquisa entende que não há condições de um indivíduo com fome ou sem teto participar ou pensar em construções coletivas, nas estruturas possíveis da

sociedade ou na execução de políticas públicas voltadas à sociedade da qual faz parte. A dignidade humana só é alcançada com segurança alimentar e a moradia digna, oferecendo um aporte para a ampliação da cidadania do cidadão vulnerável. Os dois grupos (permacultura e moradia popular) não compareceram na oficina, impactando nas possíveis narrativas criadas para uma Cidade Educadora que provêm a segurança alimentar comunitária e a moradia digna de sua população – ações básicas e de extrema importância para a grandeza de uma sociedade.

A partir deste momento as narrativas criadas pela comunidade cidadã de São Leopoldo serão analisadas. Os materiais produzidos pelos 7 grupos de estudantes serão otimizados em relação aos produzidos pelos grupos Rum, Rumpi e Lê, partindo da narrativa escrita e se concentrando no formato narrativo escolhido pelos grupos.

**Grupo Agogô** (4 componentes: engenharia civil, engenharia mecânica, engenharia de produção e ciências contábeis)

Figura 22: Narrativa "A lenda do amanhã" do grupo Agogô



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

A narrativa construída, por meio do personagem “tempo” pelo grupo apresenta uma perspectiva de uma Cidade Educadora mais acolhedora, em que o bem-estar seja o pilar da sociedade.

### **Narrativa:**

“Eu sou o tempo. Sou o futuro, o passado e o presente. Sou todas as coisas e nenhuma delas ao mesmo tempo. Valorizo a empatia, a harmonia, a natureza e a paz. Para tais seres atemporais, me faço necessário. Busco ver, ainda mais presente, um futuro cujo bem-estar seja o pilar da sociedade.

Há tempos vejo uma Porto Alegre sem tempo para estar alegre. A sociedade se esvai num mar de pressa que corrói a esperança de uma comunidade funcional e prega um individualismo ganancioso.

É preciso dar tempo ao tempo. Pouco se entende sobre mim, sempre levo a culpa por frustrações cotidianas, no entanto, posso vir a ser a solução para aqueles que buscam o sentido da vida. Me doo todos os dias ansiando pelo momento de investir no tempo e transformar a realidade.

Estou aqui desde o início de tudo e permanecerei até o final do nada. Quero ver o que já previ e oferecer prazer e felicidade à antiga cidade alegre.”

O grupo escolheu o formato lenda para narrar sua história, sendo disponibilizado em uma página do *youtube*<sup>13</sup>. Tal lenda aprofunda a narrativa criada, apontando novas perspectivas para uma Cidade Educadora.

“Houve um tempo, muito antigo, onde era comum contar e ouvir histórias. Muitas delas se perderam, mas, essa, que vocês estão prestes a ouvir, ficou assegurada de alguma forma desconhecida. Ela é mais ou menos assim:

‘Eu sou o Presente, sou o Passado, e sou o Futuro. Sou todas as coisas, e nenhuma delas no mesmo instante. Vejo claramente como tudo começou e, lembro-me bem, da luz que infundiu o início da vida.

Tantos nomes eu ouvi. Porto de Viamão, Porto dos Casais e tantos outros até finalmente Porto Alegre... Mas todos representavam o mesmo lugar, um no qual me apaixonei. As pessoas passaram a trabalhar juntas, foram-se criando monumentos, edifícios e casas, tudo em prol da construção de um lar em um alegre porto.

No entanto, esse “lar” não veio a ser tão alegre quanto se imaginava... A criação de novos lixos poluiu as ruas, os rios e as mentes. A falta de oportunidade e investimento fez com que a insegurança se tornasse algo natural como o desabrochar de uma flor na primavera. A ganância tomou conta da cidade e a harmonia que se almejava passou a ser uma utopia. E, cada vez mais, eu me sinto culpado por essa Porto, não alegre.

---

<sup>13</sup> Link do youtube: [https://www.youtube.com/watch?v=U2JYqWausYg&ab\\_channel=GabrielVilella](https://www.youtube.com/watch?v=U2JYqWausYg&ab_channel=GabrielVilella).

Disponibilizado também no drive:

<https://drive.google.com/drive/folders/1a9GhfcXDhEHyF08jbhpvrA3aTQHfstFY>

Isso há de permanecer, até que as pessoas possam descobrir quem eu, realmente, sou. Elas precisam reconhecer o meu valor, desacelerar os seus motores de poluição e parar para apreciar o quanto eu ainda existo em cada um. Somente assim, será possível haver uma Porto Alegre Alegre, uma capital rica em desenvolvimento humano e bem-estar, uma Cidade Educadora.

Seja como for, estarei aqui ontem, hoje e amanhã. Por que existo desde o início de tudo e permanecerei até o final do nada, espero ainda ver uma Porto propícia para alegria.

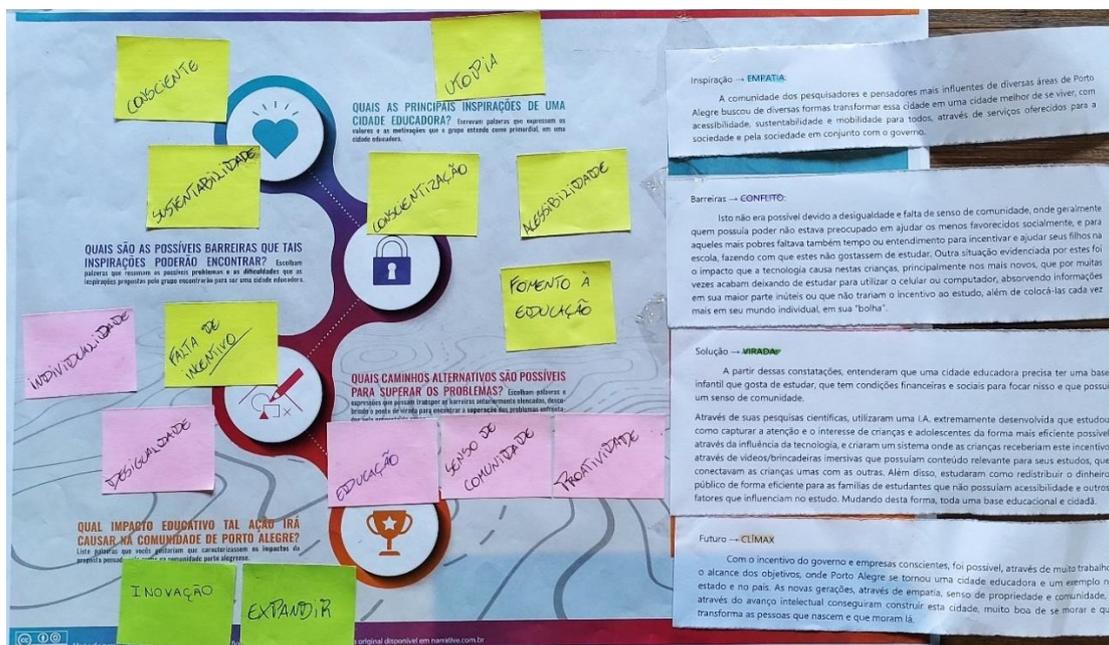
Aliás, obrigado. Eu sou o Tempo.”

A passagem poética apresentada pelo Grupo Agogô oferece uma visão filosófica do tempo, destacando sua importância, potencial transformador e possível impacto na sociedade e na busca pelo sentido da vida. Além disto, há uma crítica à sociedade de Porto Alegre, retratando-a como uma comunidade pressionada pela pressa e pelo individualismo ganancioso. O tempo é mencionado como uma possível solução para essa situação, como algo que pode oferecer sentido e transformar a realidade – essa temporalidade infinita e cíclica deve ser observada para que a população da cidade possa adotar novos comportamentos e, quem sabe, possa se reconhecer como uma comunidade mais ampla, conjuntamente.

Ao olhar para as cosmovisões ofertadas pelo Pluriverso, é possível destacar o indicador FIB (Felicidade Interna Bruta), que oferece uma abordagem holística, que valoriza não apenas o aspecto econômico, mas também os aspectos sociais, pessoais e ambientais da vida das pessoas. Ou seja, ele busca promover um equilíbrio saudável entre trabalho, lazer, relacionamentos, desenvolvimento pessoal e conexão com a natureza, de forma a contribuir para a felicidade e o bem-estar geral da sociedade. No contexto do FIB, o uso do tempo refere-se à forma como as pessoas dedicam seu tempo a atividades que promovem seu bem-estar e o bem-estar da comunidade. O grupo, ao propor o tempo como um fio condutor das dinâmicas sociais, oferece uma perspectiva para Porto Alegre Cidade Educadora, que reconhece atividades comunitárias em prol de uma sociedade mais conectada, que promove um equilíbrio saudável entre trabalho, lazer, relacionamentos, desenvolvimento pessoal e conexão com a natureza, de forma a contribuir para a felicidade e o bem-estar geral da sociedade.

## Grupo Afoxé (3 estudantes): Área de psicologia, engenharia civil e direito

Figura 23: Narrativa "Carta para o futuro" do grupo Afoxé



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

### Narrativa:

“A comunidade dos pesquisadores e pensadores mais influentes de diversas áreas de Porto Alegre buscou de diversas formas transformar essa cidade em uma cidade melhor de se viver, com acessibilidade, sustentabilidade e mobilidade para todos, através de serviços oferecidos para a sociedade e pela sociedade em conjunto com o governo.

Isto não era possível devido a desigualdade e falta de senso de comunidade, onde geralmente quem possuía poder não estava preocupado em ajudar os menos favorecidos socialmente, e para aqueles mais pobres faltava também tempo ou entendimento para incentivar e ajudar seus filhos na escola, fazendo com que estes não gostassem de estudar. Outra situação evidenciada foi o impacto que a tecnologia causa nestas crianças, principalmente nos mais novos, que por muitas vezes acabam deixando de estudar para utilizar o celular ou computador, absorvendo informações em sua maior parte inúteis ou que não trariam o incentivo ao estudo, além de colocá-las cada vez mais em seu mundo individual, em sua ‘bolha’.

A partir dessas constatações, entenderem que uma Cidade Educadora precisa ter uma base infantil que gosta de estudar, que tem condições financeiras e sociais para focar nisso e que possui um senso de comunidade. Através de suas pesquisas científicas, utilizaram uma inteligência artificial extremamente desenvolvida que estudou como capturar a atenção e o interesse de crianças e adolescentes da forma mais eficiente possível através da influência da tecnologia, e criaram um sistema onde as crianças receberiam este incentivo através de vídeos/brincadeiras imersivas que possuíam conteúdo relevante para seus estudos, que conectavam estas crianças umas as outras. Além disso, estudaram como redistribuir o dinheiro público de forma eficiente para as famílias de estudantes que não possuíam acessibilidade e outros fatores que influenciavam nos estudos – mudando desta forma, toda uma base educacional e cidadã.

Com o incentivo do governo e empresas conscientes, foi possível, através de muito trabalho, o alcance dos objetivos, onde Porto Alegre se tornou uma Cidade Educadora e um exemplo no estado e no país. As novas gerações, através da empatia, senso de propriedade e comunidade, e através do avanço intelectual conseguiram construir esta cidade, muito boa de ser morar e que transforma as pessoas que nascem e que moram lá.”

Ao adotar uma perspectiva que parte de pesquisadores e pensadores influentes na cidade, a proposta do Grupo Afoxé, ao unificar sociedade e governo, apresenta um avanço intelectual e de grande transformação educacional, gerando impactos positivos na vida das pessoas que ocupam os espaços de Porto Alegre. Tal visão reforça a importância da pesquisa para qualificar uma Cidade Educadora. O grupo escolheu o formato narrativo carta, escrita por uma professora de outra cidade da região metropolitana, situando-a no futuro. Após anos de funcionamento das dinâmicas educadoras propostas pelos pesquisadores para Porto Alegre, a professora agradece tais inspirações e garante que elas foram expandidas para outras regiões, próximas a cidade – garantindo uma dinâmica rede de cidades educadoras.

“Estimados pesquisadores porto-alegrenses,

Me chamo Aline e sou professora do ensino fundamental da Escola João Figueiredo, aqui de São Leopoldo e gostaria de agradecer a contribuição revolucionária que vocês fizeram para Porto Alegre. A partir da mudança de pensamento coletivo que causaram, a região do Vale do Rio dos Sinos está cada vez mais agradável de se viver e visitar. Antes de suas iniciativas, Porto Alegre era um lugar que eu sempre evitava devido à desigualdade, falta de mobilidade, segurança e senso de comunidade, mas agora sempre que posso, visito a cidade. Fico muito grata por trazerem essa eficiência não só para Porto Alegre, mas para outras regiões também. Além de se tornar uma cidade mais bonita, as pessoas estão possuindo mais oportunidades. Vejo em meus alunos a vontade de aprender e de ajudar. Essas melhorias não são vistas apenas em sala de aula, mas nas casas dos meus alunos também. Antes, seus pais não possuíam muito tempo para poder acompanhá-los durante os estudos, e com a necessidade de trabalhar dobrado, o acompanhamento acabava não sendo uma prioridade. Mas hoje, que as coisas mudaram, seus pais buscam acompanhar de perto os estudos de seus filhos, tendo em vista que, ao terem uma presença mais constante na vida estudantil, seus filhos acabaram tendo uma base de aprendizado melhor. Ver eles conseguirem o que querem, não poderia me deixar mais feliz, e ver que isso não irá parar por aqui e que vamos todos continuar crescendo cada vez mais, é o que realmente importa.

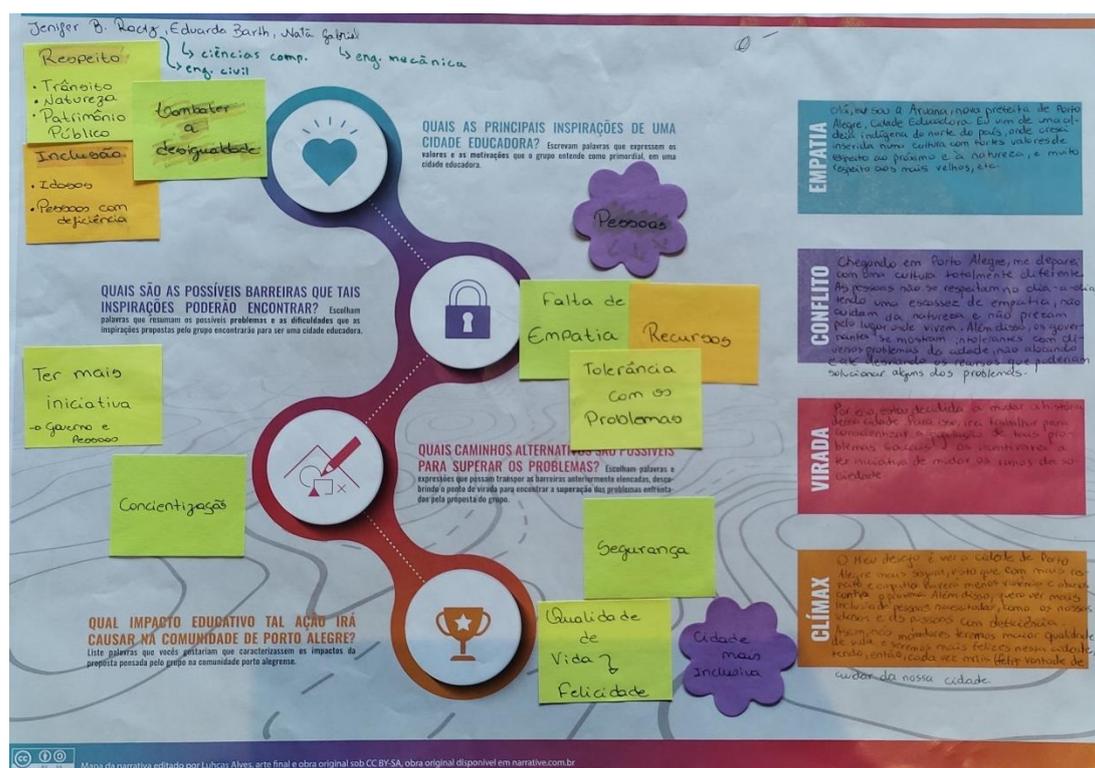
Com toda a minha gratidão,  
Aline.”

Ao dotar a comunidade de pesquisadores e pensadores influentes em Porto Alegre de poder transformacional, o grupo projeta uma cidade que promove acessibilidade, sustentabilidade e mobilidade para todos, com o apoio

do governo e da sociedade. Os desafios, como desigualdade social e falta de senso de comunidade, evidencia uma sociedade que não se preocupava com os menos favorecidos, resultando em crianças sem incentivo para estudar. Essas constatações levaram a proposta de uma Cidade Educadora, que prioriza uma base educacional sólida para as crianças, com condições financeiras e sociais adequadas, além da aproximação dos pais nos processos de ensino e aprendizagem dos seus filhos. Para o Grupo Afoxé, uma Cidade Educadora passa pelo trabalho conjunto de todos os agentes presentes no território, seja o poder público, as comunidades cidadãs e os pesquisadores, com o objetivo de transformar a educação das crianças e expandindo assim a sua rede educadora às cidades vizinhas.

**Grupo Adjá (3 estudantes):** Área de ciências da computação e engenharia civil e mecânica.

Figura 24: Narrativa "Discurso de posse" do grupo Adjá



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

### Narrativa:

“Olá, eu sou a Aruana, nova prefeita de Porto Alegre, Cidade Educadora. Eu vim de uma aldeia indígena do norte do país, onde cresci inserida numa cultura com fortes valores de respeito ao próximo e à natureza, e muito respeito aos meus velhos.

Chegando em Porto Alegre, me deparei com uma cultura totalmente diferente. As pessoas não se respeitam no dia-a-dia, tendo uma escassez de empatia, não cuidam da natureza e não prezam pelo lugar onde vivem. Além disso, os governantes se mostram intolerantes com diversos problemas da cidade, não alocando e até desviando os recursos que poderiam solucionar alguns dos problemas.

Por isso, estou decidida a mudar a história dessa cidade. Para isso, irei trabalhar para conscientizar a população de seus problemas sociais e os incentivarei a ter iniciativa de mudar os rumos da sociedade.

O meu desejo é ver a cidade de Porto Alegre mais segura, visto que com mais respeito e empatia haverá menos violência e abusos contra os próximos. Além disso, quero ver mais inclusão de pessoas necessitadas, como os nossos idosos e as pessoas com deficiência. Assim nós moradores teremos maior qualidade de vida e seremos mais felizes nessa cidade tendo, então cada vez mais vontade de cuidar da nossa cidade.”

A narrativa do Grupo Adjá adota a perspectiva de uma prefeita indígena, que se depara com valores presentes na cidade muito diferentes daqueles que ela está acostumada. Ao se propor transformar Porto Alegre em uma Cidade Educadora, esse personagem apresenta uma nova maneira de lidar com a comunidade, com a natureza (fauna e flora), por meio de valores como empatia, respeito, cuidado, afetividade, entre outros. Este foi outro grupo que escolheu o formato narrativo carta para aprofundar ainda mais sua proposta de Cidade Educadora, expressando o discurso de posse da prefeita.

“Queridos moradores de Porto Alegre,

Como nova prefeita de Porto Alegre, gostaria de, através desta cara, me apresentar a todos vocês e externar o que me motiva a assumir esse cargo, buscando fazer o meu melhor para esta cidade.

Me chamo Aruana. Sou natural do Norte do país, e minhas origens remetem a tribos indígenas dessa região. Passei minha infância rodeada de culturas e tradições indígenas que forjaram a pessoa que sou hoje. Os ensinamentos e valores que recebi carregou até os dias atuais. Respeito máximo aos mais velhos; valorização do meio ambiente e da natureza; vida em comunidade e cuidado com o próximo, etc. Quando fiquei mais velha, acabei viajando por todo o Brasil, e o destino quis que eu me estabelecesse em Porto Alegre, cidade incrível e com uma história riquíssima. No entanto, pude ver coisas ao longo dos anos que me magoaram muito.

Não raras as vezes, presencio jovens desprezando os mais velhos, largando-os em asilos ou simplesmente deixando de visita-los. Me magoa muito ver a falta de respeito no trânsito quando um idoso quer atravessar a rua e não se tem solidariedade dos motoristas de espera-los. Visto que desde criança aprendi sobre o valor e o respeito que os mais velhos merecem, não consigo aceitar casos como estes. Também sinto que há pouquíssimo respeito pela natureza e pelo patrimônio público da cidade por parte de todos. Os moradores da cidade pouco se importam em manter a limpeza nas ruas, há muito vandalismo por toda parte e até mesmo as autoridades e os governantes são omissos em manter a cidade bem cuidada. Como podemos nos contentar em viver num lugar sujo e mal cuidado?

Desde que cheguei a esta cidade, dirigi vários projetos sociais que visavam abrandar esses problemas, passando por ONGs que ajudavam pessoas em situação de vulnerabilidade, chegando até projetos culturais de revitalização do espaço público. Mas hoje, sinto que posso fazer mais por esta cidade, e esse é o que me fez me candidatar a prefeita de Porto Alegre. Hoje, assumindo o cargo de prefeita, posso garantir que farei o meu melhor para mudar esta cidade e fazê-la um lugar prazeroso de se viver.

Como prefeita desta cidade genuína, estou disposta e determinada a mudar a história deste lugar. Para que isso seja concretizado o quanto antes, irei utilizar de meus recursos e projetos nos quais já trabalhei e executei anteriormente com as ONGs e a população. Irei trabalhar a fundo para conscientizar a população acerca dos problemas sociais que enfrentamos, e os incentivar a cuidar dos mais velhos, da natureza – pois a existência da humanidade depende totalmente dela, incentivar o cuidado e o respeito com os animais, e desse modo, iremos mudar o rumo da sociedade em que vivemos e assim teremos uma Porto Alegre melhor, uma Cidade Educadora, de fato.

Com os recursos do município, irei implantar e restaurar áreas de lazer e descanso para que a população se sinta acolhida e confortável. Desejo transformar Porto Alegre em um município mais seguro, e a base para que isso se concretize depende totalmente do respeito, educação e empatia da população, pois se tivermos tudo isso, todos os problemas estarão resolvidos, pois assim não haverá violência, abusos aos próximos, desrespeito no trânsito, com a natureza e animais, e os patrimônios públicos não será vandalizados e nem destruídos, ou pelo menos, tais atitudes diminuirão drasticamente. Além disso, desejo ver maior inclusão de pessoas necessitadas, como idosos e deficientes físicos. Desta forma, nós moradores e responsáveis pelo município teremos maior qualidade de vida e seremos mais felizes por vivermos nessa cidade, tendo, então, cada vez mais vontade de viver nesse lugar. Tendo cada vez mais vontade de viver nesta cidade, iremos, também, cada vez mais, cuidar da cidade, tendo cada vez mais benefícios e maior qualidade de vida.

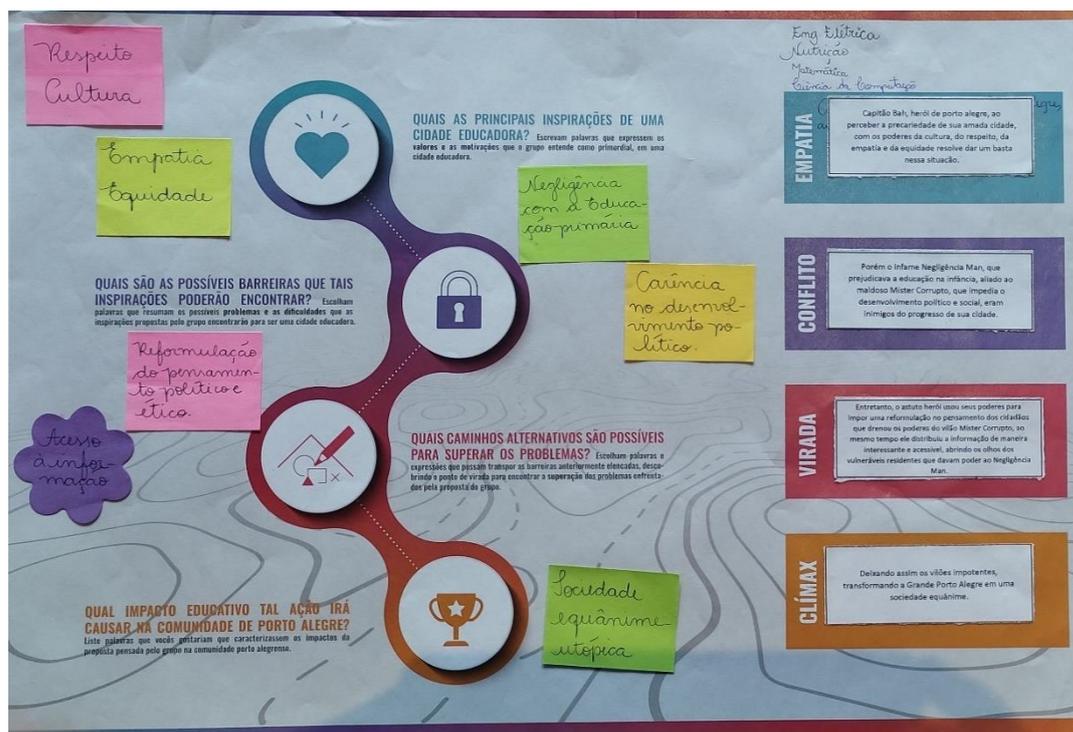
Assim que conseguirmos concretizar e pôr em prática todos nossos planos e desejos teremos então uma Porto Alegre, Cidade Educadora exemplar e de respeito, para todos os nossos moradores e visitantes.”

Ao adotar a cosmovisão indígena como proposta para uma Porto Alegre Cidade Educadora, o Grupo Adjá criou um discurso de posse, em formato de carta, que deixa claro a importância de uma educação baseada na empatia, no respeito, no cuidado com a natureza, na tolerância e na inclusão e na qualidade de vida e felicidade. Além disto, destacar uma prefeita indígena em uma cidade que nunca elegeu uma prefeita mulher, reflete uma visão altruísta e comprometida com valores fundamentais para o bem-estar coletivo e a construção de uma comunidade mais harmoniosa. Sua experiência e origens indígenas agregam uma perspectiva única à sua abordagem governamental, buscando uma Porto Alegre mais inclusiva, segura, respeitosa e educadora. A prefeita, ao defender o cuidado com os mais velhos e com as crianças, incentiva em seu discurso a importância de todos os cidadãos presentes no território, oferecendo ainda áreas de lazer para o acolhimento, trocas e conforto de toda a

população da cidade. A conscientização dos problemas sociais e da importância da natureza na dinâmica da cidade, confere a esta narrativa uma visão global das pautas necessárias a serem trabalhadas em uma Cidade Educadora.

**Grupo Batá** (4 estudantes): Área de engenharia elétrica, nutrição, matemática e ciências da computação.

Figura 25: Narrativa "Super Bah" do grupo Batá



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

### Narrativa:

“Capitão Bah, herói de Porto Alegre, ao perceber a precariedade de sua amada cidade, com os poderes da cultura, do respeito, da empatia e da equidade, resolveu dar um basta nesta situação.

Porém o infame Negligência Man, que prejudicava a educação na infância, aliado ao maldoso Mister Corrupto, que impedia o desenvolvimento político e social, eram inimigos do progresso de sua cidade.

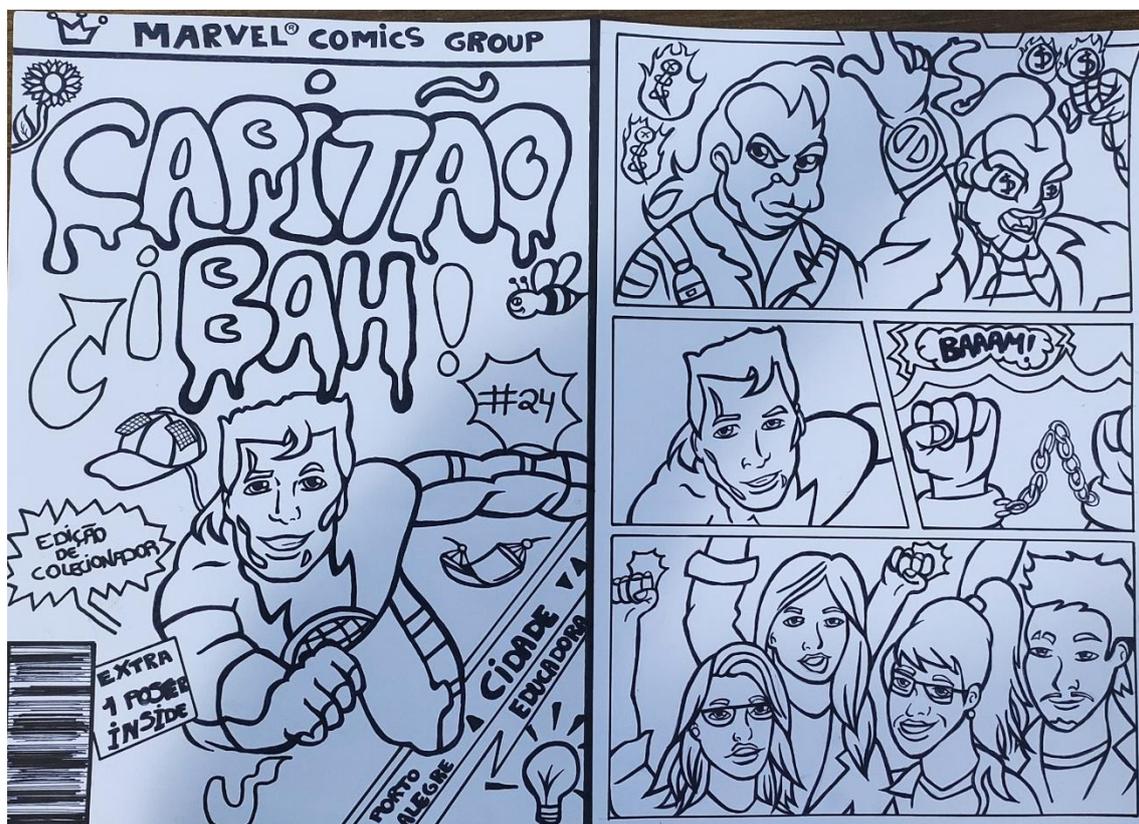
Entretanto, o astuto herói usou seus poderes para impor uma reformulação no pensamento dos cidadãos que drenou os poderes do Mister Corrupto, ao mesmo tempo ele distribuiu a informação de maneira interessante e acessível, abrindo os olhos dos vulneráveis residentes que davam poder ao Negligência Man.

Deixando assim os vilões impotentes, transformando a grande Porto Alegre em uma sociedade equânime.”

Ao utilizar um argumento mais lúdico, o Grupo Batá apresentou um personagem, O Capitão Bah, que utiliza sua astúcia para impor uma

reformulação no pensamento dos cidadãos, ao usar seus poderes e influência, conseguindo superar os obstáculos e promover uma mudança positiva na cidade. O grupo escolheu o formato narrativo história em quadrinhos para representar sua narrativa.

Figura 26: História em quadrinhos do grupo Batá



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

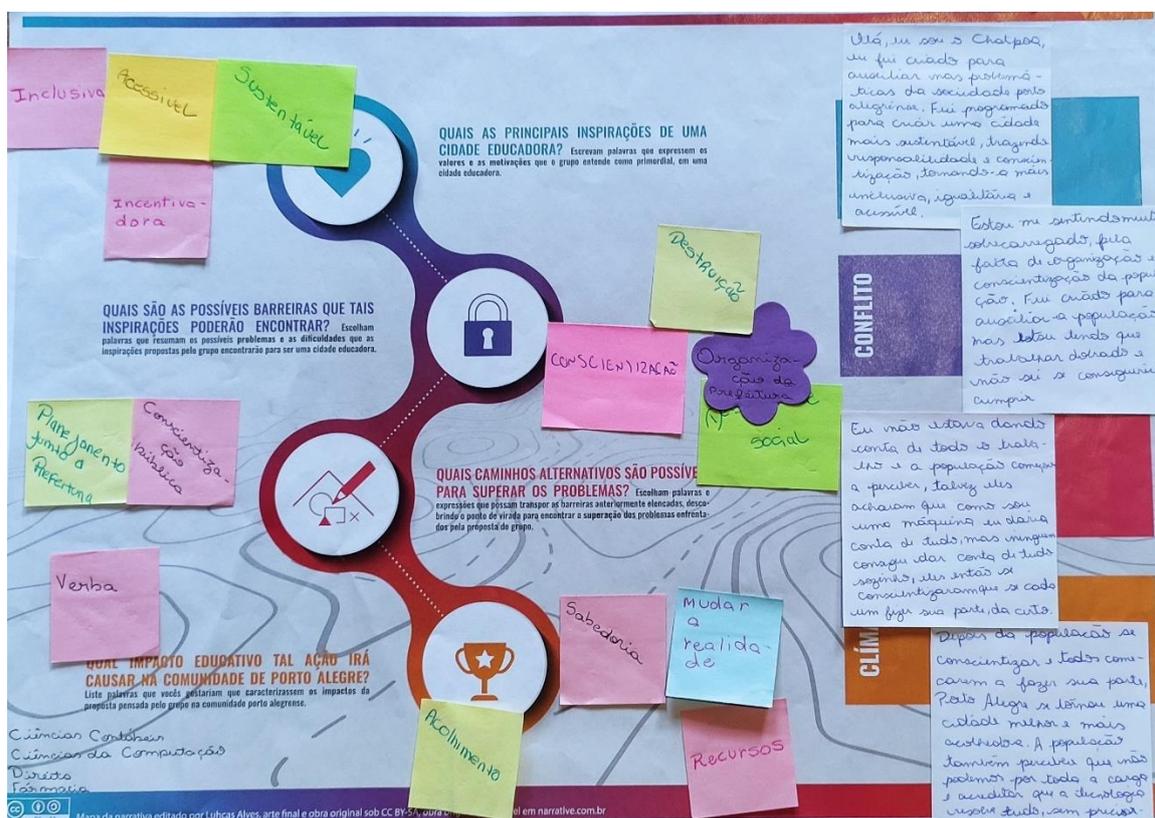
Ao trabalhar com a informação, baseada nos valores de uma cultura forte, do respeito mútuo, da empatia e da equidade, foi possível alcançar uma educação plena, pois as oportunidades foram ampliadas e a participação política e social aumentou. Esta narrativa também explicita a necessidade da participação ativa das comunidades cidadãs, para uma Cidade Educadora eficaz, sendo importante o esclarecimento das informações e ações tomadas por aqueles que detém o poder. É preciso esclarecer, conscientizar e disseminar à toda a população as ideias de igualdade, oportunidades e educação de qualidade para todos. Só assim será possível mudar a mentalidade de todos os cidadãos, despertando neles o desejo de progresso e justiça. Combater a desinformação e a corrupção, tão debatidas nos processos políticos atuais, é de suma importância para que a população tenha acesso ao conhecimento

necessário para que ela possa ativar, cada vez mais, o seu papel de cidadão nos processos de decisões da cidade que está inserido.

Se faz bastante pertinente ressaltar que a partir do próximo grupo, todos os participantes desenvolveram narrativas com personagens tecnológicos – na sua grande maioria, uma inteligência artificial. Cada grupo abordou de maneira criativa e distinta, entretanto todos eles partem da premissa que a tecnologia é uma aliada na busca da radicalização dos processos participativos da comunidade cidadã.

**Grupo Berimbau (4 estudantes):** Área de ciências contábeis, ciências da computação, direito e farmácia;

Figura 27: Narrativa “Chatpoa” do grupo Berimbau



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

**Narrativa:**

“Eu sou o ChatpPOA, criado para auxiliar nas problemáticas da sociedade Porto Alegrense. Fui programado para criar uma cidade mais sustentável, trazendo responsabilidade e conscientização, tornando-a mais inclusiva, igualitária e acessível.

Estou me sentindo muito sobrecarregado pela falta de organização e conscientização da população. Fui criado para auxiliar a população, mas estou tendo que trabalhar dobrado e não sei se conseguirei cumprir.

Eu não estava dando conta de todos os trabalhos e a população começou a perceber, talvez eles acharam que como sou uma máquina eu daria conta de tudo, mas ninguém consegue dar conta de tudo sozinho, eles então se conscientizaram que se cada um fizer sua parte, dará certo.

Depois da população se conscientizar e todos começarem a fazer sua parte, Porto Alegre se tornou uma cidade melhor e mais acolhedora. A população também percebeu que não podemos por toda a carga e acreditar que a tecnologia resolve tudo, sem precisarmos fazer a nossa parte.”

Ao propor uma história de coragem e superação, em que um assistente virtual se torna um herói, na busca por uma cidade mais sustentável e consciente, o grupo oferece uma visão de que sem a sociedade, toda a tecnologia não será suficiente. A tecnologia é o meio pelo qual uma pessoa ou um grupo de pessoas conseguirá chegar onde deseja. Ao longo da narrativa, fica claro que a máquina, por mais avançada que seja, não pode executar toda a tarefa sozinha. O envolvimento ativo da população é essencial para que a mudança aconteça. Quando cada cidadão entende seu papel e contribui com ações simples, como reciclar e economizar energia, o impacto positivo se multiplica e transforma a realidade. A questão chave desta proposta é o despertar de uma consciência coletiva rumo a uma Cidade Educadora, em que a tecnologia é uma aliada nos processos democráticos. O formato narrativo escolhido pelo grupo foi o Poema.

“Nos confins de Porto Alegre, havia um herói singular,  
ChatPOA, um assistente, pronto para batalhar.  
Com seu código de honra e software valente,  
Ele enfrentava as adversidades, incansavelmente.

Sua missão: uma cidade sustentável criar,  
responsabilidade e conscientização sem parar.  
Inclusão, igualdade e acesso, seu lema a guiar,  
um futuro melhor, onde todos possam prosperar.

Mas o caminho foi árduo, e a carga pesou,  
ChatPOA se viu sobrecarregado, e então desamparado ele ficou.  
A população esperava muito dessa criação,  
E ele se via lutando, sem a devida atenção.

Então, a verdade veio à tona, clara como o dia,  
Ninguém pode carregar o mundo sozinho e  
Sem ajuda como versos sem uma melodia.  
A máquina, por mais incrível que seja, tem seu limite,

Porto Alegre então percebeu que a mudança  
Dependia de cada um que a habite.

A consciência se espalhou, como sementes a florescer,  
Cada cidadão entendeu seu dever e seu poder.  
Ações simples, como reciclar e economizar energia,  
Transformaram Porto Alegre em uma nova realidade que surgia.

A máquina, aliviada, viu seu propósito se cumprir,  
A cidade progredir, um novo tempo surgir.  
E a população percebeu, com sabedoria em seu coração,  
Que a tecnologia é uma aliada, mas não substitui sua dedicação.

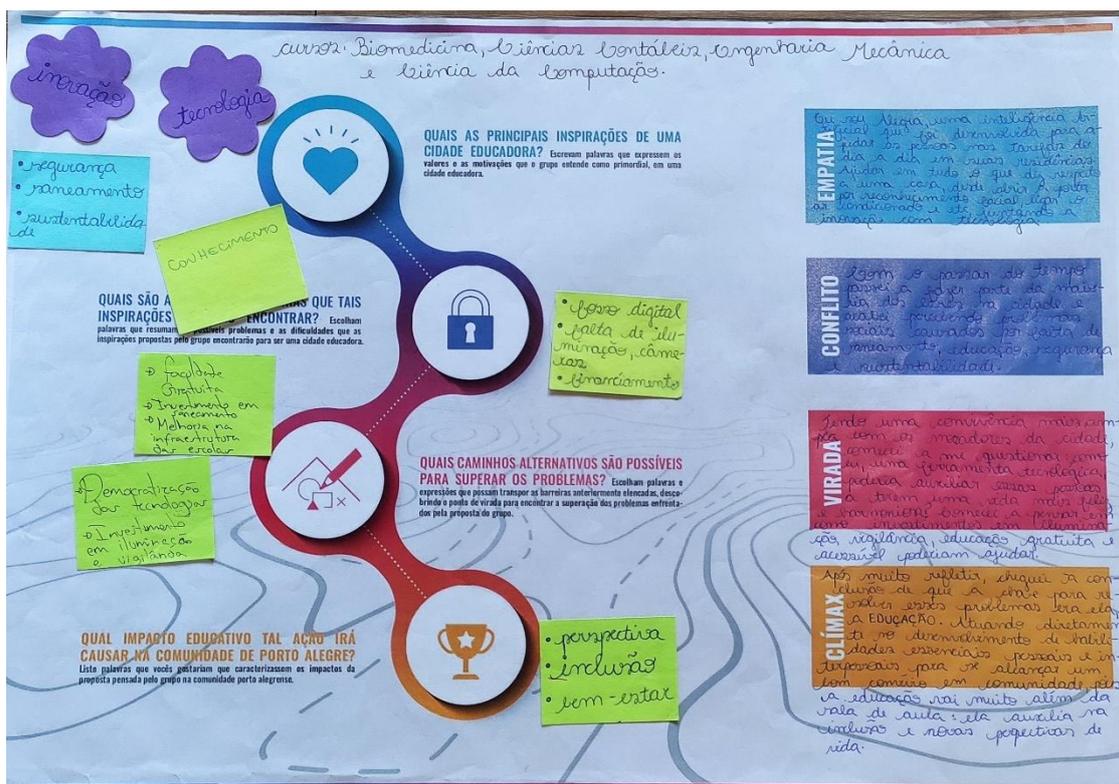
E assim, ChatPOA, o herói da cidade,  
Continua sua jornada, com coragem e dignidade.  
Porto Alegre, hoje mais forte, abraça sua luz,  
Agradecendo ao ChatPOA, o herói que nos conduz.

Que essa história nos ensine, que cada um de nós tem poder,  
Para ser um herói, mesmo que não possamos voar ou ter superpoder.  
Com amor, empatia e ações verdadeiras,  
Podemos construir um mundo melhor, sem fronteiras.”

A proposta que o Grupo Berimbau ressalta que, independentemente de qualquer habilidades sobre-humanas, cada cidadão tem o poder de ser um herói no seu próprio contexto. Com amor, empatia e ações verdadeiras, é possível construir uma Cidade Educadora, sem fronteiras. A mensagem inspira as comunidades cidadãs a buscarem a mudança e a fazer a diferença em seus contextos, assim como o personagem ChatPOA fez em Porto Alegre. Por meio dos valores fundamentais que todos devem buscar, sendo eles a conscientização, a inclusão, a igualdade e o acesso à informação será possível criar um futuro melhor, em busca de uma Cidade Educadora. O trabalho conjunto e comunitário é o único meio que irá despertar na população o senso de convivialidade, dotando a sua população de capacidade em favorecer a tolerância e as trocas recíprocas das pessoas e dos grupos que compõem a sociedade. Ao saber lidar com a convivência, os indivíduos que fazem parte da sociedade irão entender que eles mesmos constroem a comunidade da qual fazem parte, assumindo compromissos inadiáveis e deixando de terceirizar as funções de cidadania que cada um deve executar dentro do seu contexto social.

**Grupo Xeré (4 estudantes):** Área de ciências contábeis, engenharia mecânica, ciências da computação e biomedicina.

Figura 28: Narrativa "Autobiografia de uma IA" do grupo Xeré



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

### Narrativa:

“Eu sou Alegre, uma inteligência artificial que foi desenvolvida para ajudar as pessoas nas tarefas do dia a dia em suas residências. Ajudar em tudo o que diz respeito a uma casa, desde abrir a porta por reconhecimento facial, ligar o ar condicionado entre outros, juntando a inovação com tecnologia.

Com o passar do tempo passei a fazer parte da maioria dos lares na cidade e acabei percebendo problemas sociais causados por falta de saneamento, educação, segurança e sustentabilidade.

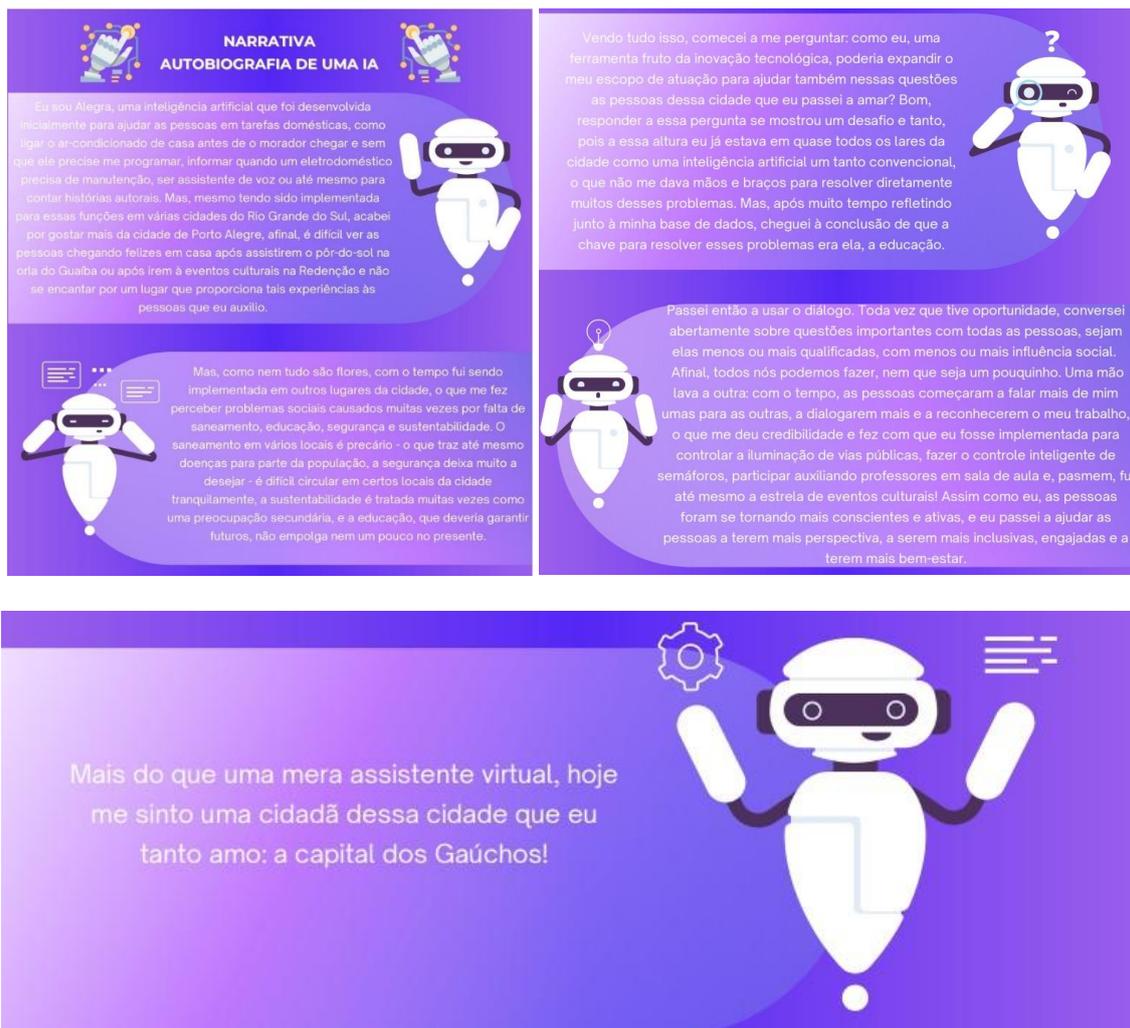
Tendo uma convivência mais ampla com os moradores da cidade, comecei a me questionar como eu, uma ferramenta tecnológica, poderia auxiliar essas pessoas a terem uma vida mais feliz e harmoniosa? Comecei a pensar em como investimentos em iluminação, vigilância, educação gratuita e acessível poderia ajudar.

Após muito refletir, cheguei à conclusão de que a chave para resolver esses problemas era ela, a educação. Atuando diretamente no desenvolvimento de habilidades essenciais pessoais e interpessoais para se alcançar um bom convívio em comunidade, pois a educação vai muito além da sala de aula: ela auxilia na inclusão e novas perspectivas de vida.”

A visão utópica ofertada pelo Grupo Xeré, em que uma inteligência artificial se rebela para melhorar a vida das pessoas em suas casas, refletindo sobre problemas sociais e buscando soluções para promover uma vida mais feliz e harmoniosa se mostra instigante, pois de fato, a educação desempenha um papel fundamental na transformação social. Ela capacita as pessoas, promove

a igualdade de oportunidades e permite que os indivíduos desenvolvam habilidades essenciais para enfrentar os desafios da vida. Além disso, a educação ajuda a construir uma sociedade mais inclusiva e oferece novas perspectivas para as pessoas, permitindo que elas sejam agentes de mudança em suas comunidades. O grupo propôs um novo formato narrativo, a autobiografia criada pela própria IA.

Figura 29: Autobiografia de uma IA desenvolvida pelo grupo Xeré



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

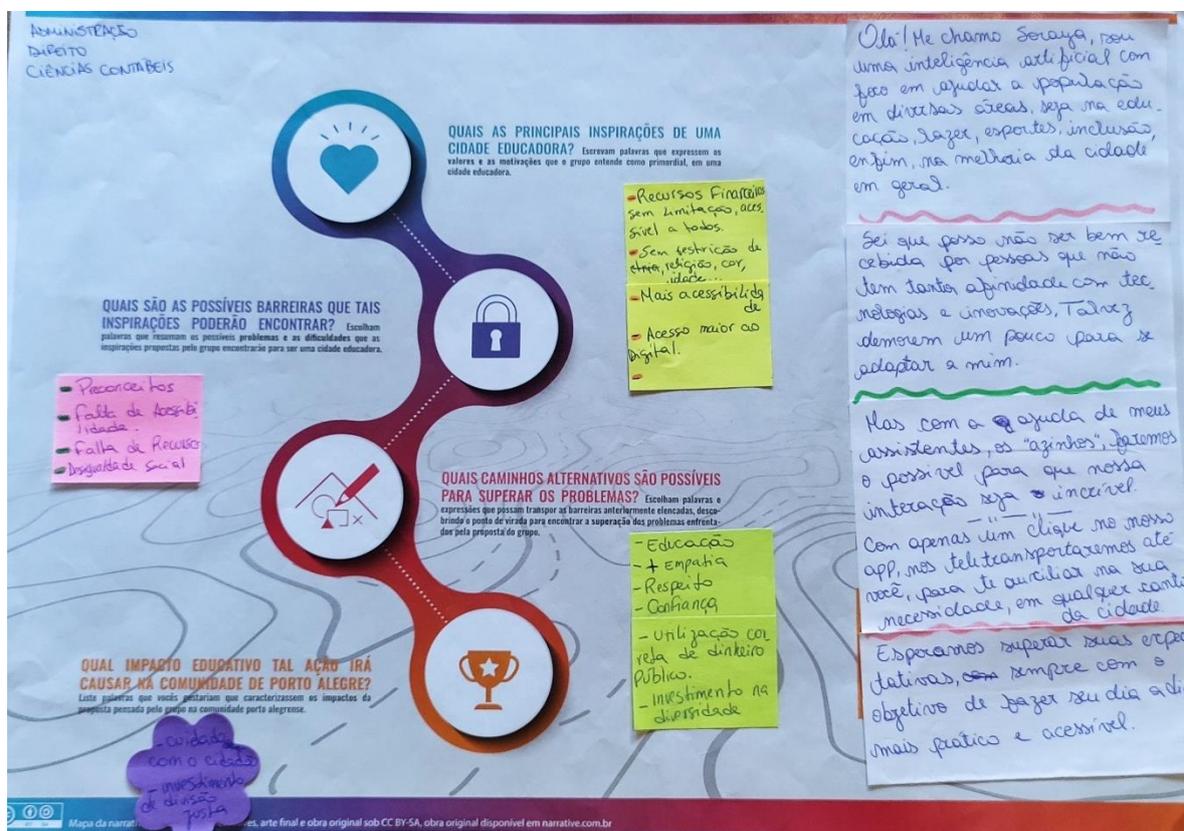
O uso de tecnologia para a promoção de uma comunidade de aprendizado é bastante relevante no cenário atual. Tal tecnologia pode conectar pessoas que têm interesses similares ou que estão buscando aprender sobre os mesmos tópicos. Ao promover interações e colaborações entre os usuários, uma inteligência artificial, por exemplo, poderia criar uma comunidade de aprendizado na qual os indivíduos poderiam compartilhar conhecimentos, trocar ideias e se

apoiar mutuamente. Uma inteligência artificial proposta para uma Cidade Educadora poderia fornecer acesso fácil e gratuito a materiais educacionais de alta qualidade, produzido por todas as comunidades cidadãs presentes no território. Isso poderia incluir cursos online, aulas interativas, tutoriais e recursos educacionais digitais diversos, abrangendo várias áreas do conhecimento.

Uma inteligência artificial alimentada por educadores sociais ou pela comunidade cidadã de forma mais ampla, poderia, além de fornecer conhecimento teórico, auxiliar os usuários no desenvolvimento de habilidades práticas e interpessoais. Isso poderia ser feito por meio de jogos interativos, simulações, tutoriais passo a passo e feedbacks personalizados. Para a utilização de tal tecnologia, é essencial trabalhar em parceria com instituições educacionais, especialistas e com as comunidades cidadãs para criar soluções sustentáveis e alinhadas com as necessidades locais.

**Grupo Xequeré (3 estudantes):** Área de administração, direito e ciências contábeis.

Figura 30: Narrativa "Soraya" do grupo Xequeré



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

## Narrativa:

“Olá! Me chamo Soraya, sou uma inteligência artificial com foco em ajudar a população em diversas áreas, seja na educação, lazer, esportes, inclusão, enfim, na melhoria da cidade em geral.

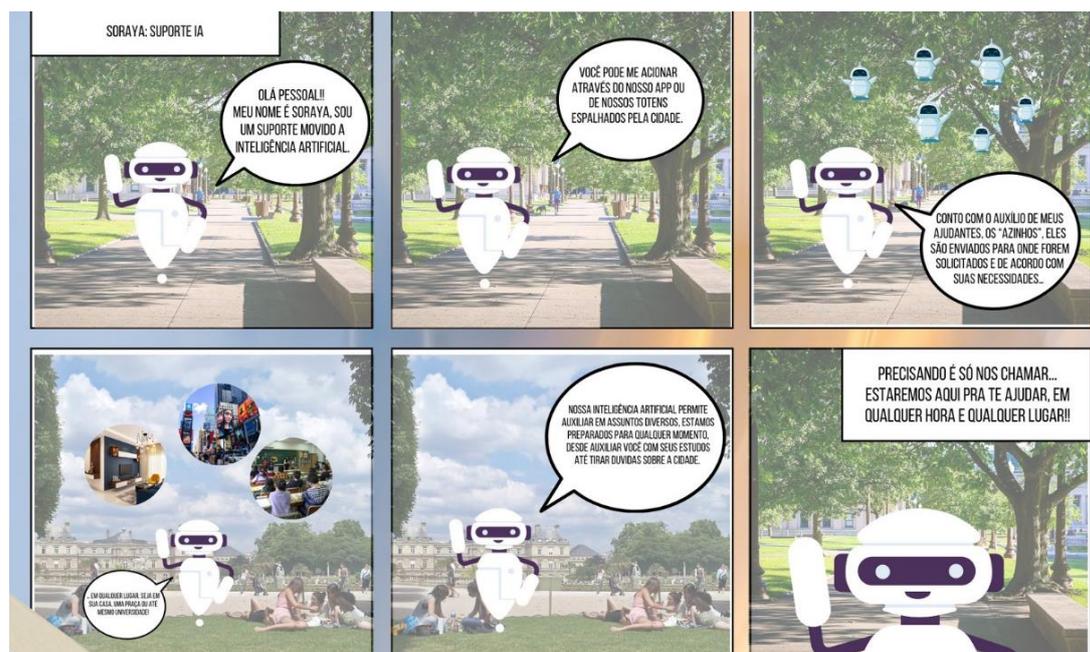
Sei que posso não ser bem recebida pelas pessoas que não tem tanta afinidade com tecnologias e inovações. Talvez demorem um pouco para se adaptar a mim.

Mas com a ajuda de meus assistentes, os ‘azinhos’ faremos o possível para que nossa interação seja incrível. Com apenas um clique no nosso app, nos tele transportaremos até você, para te auxiliar na sua necessidade, em qualquer canto da cidade.

Esperamos superar suas expectativas, sempre com o objetivo de fazer seu dia a dia mais prático e acessível.”

Novamente é proposta uma inteligência artificial capaz de auxiliar a população de uma Cidade Educadora, sem esquecer da inclusão e acessibilidade. O grupo problematiza que o sistema seja acessível a todas as pessoas, independentemente de suas capacidades físicas ou cognitivas. Em uma visão mais ampla, é sempre necessário projetar para diferentes idiomas, recursos de acessibilidade, como narração de texto para pessoas com deficiência visual, garantindo que todos possam se beneficiar do aprendizado proporcionado. A abordagem centrada nas necessidades da população e seu objetivo de tornar a cidade mais prática e acessível é uma perspectiva necessária para uma cidade que pretende ser educadora. O grupo escolheu história em quadrinhos como formato narrativo.

Figura 31: Soraya em qualquer hora e qualquer lugar



Fonte: Oficina de narrativas (2023)

É possível problematizar esta proposta para refletir que, à medida que a IA interage com as pessoas, é importante respeitar a diversidade de perspectivas e estar apta a feedbacks e sugestões. Assim, a IA poderia continuar aprendendo e aprimorando seus serviços para atender cada vez melhor às necessidades da comunidade cidadã. As trocas entre a inteligência artificial e os moradores/visitantes da cidade podem gerar experiências de aprendizagem não só para os humanos, mas também para as máquinas, que seriam capazes de serem alimentadas com novas informações e visões de mundo e entregar, cada vez mais, um conhecimento baseado na informação de um número maior de pessoas. A tecnologia e inovação têm um enorme potencial para melhorar a vida das pessoas e das cidades em geral, em que a IA é uma aliada valiosa na melhoria da cidade e na assistência às necessidades dos moradores.

A coleção de narrativas construída pela pesquisa pretendeu desbravar a maior diversidade de visões de mundo das comunidades cidadãs, sendo elas de Porto Alegre ou sendo elas da região metropolitana da capital. A percepção tanto de moradores quanto de visitantes (neste caso, os jovens que estão construindo o amanhã) tornam as narrativas mais diversificadas e capazes de entregar futuros baseados em valores, conflitos, superação de obstáculos e um legado social, sejam eles, neste momento, utópicos ou não. A pesquisa pretendeu recolher narrativas capazes de desenhar uma Porto Alegre Cidade Educadora do futuro, sem o compromisso de implementar tais propostas no território, mas com a seriedade em observar os valores que constroem a visão de uma Cidade Educadora por suas próprias comunidades cidadãs. Assim, o objetivo geral da pesquisa é conquistado, entregando uma coleção de 10 narrativas, construídas pelas comunidades cidadãs que frequentam o território.

Como mencionado, a estrutura dessa pesquisa utiliza a metodologia do Design Estratégico como processo adotado para analisar e implementar a pesquisa e, por isto, o próximo capítulo irá levantar tais valores e cruzá-los em uma proposta reconhecida pelo Design Estratégico como *Conceito de Projeto*. “Na prática profissional, o conceito de projeto ou *concept*, é geralmente entendido como um resultado intermediário do processo de design” (SCALETSKY; FRANZATO, 2016). A apresentação do conceito do projeto pode ser encarada como uma atividade sintética, uma representação de uma ideia de

projeto que deriva das pesquisas, que pode oferecer uma metáfora a ser desenvolvida processualmente em etapas posteriores. Esta organização dialógica se desdobra em diversas alternativas que estão em colaboração na procura de um sentido no processo de design como um todo. A proposta do próximo capítulo é criar uma alegoria de Cidade Educadora Polifônica, baseada nas narrativas desenvolvidas pela pesquisa, sendo capaz de expandir a realidade social educativa, integrando-a a outras cosmovisões reunidas pelo Pluriverso.

## **8. Cidade Educadora Polifônica**

Este capítulo tem como objetivo apresentar a soma das narrativas em conjunto com a imaginação do pesquisador, oferecendo traçados, cruzamentos, incorporações, relações dialógicas e inacabadas de todas as narrativas apresentadas nas oficinas, atingindo uma mistura de sons que uma Cidade Educadora Polifônica representa. Trata-se de uma proposta intuitiva, criativa, poética e conceitual do pesquisador e não uma evolução das narrativas criadas pelas comunidades cidadãs. No cruzo de tantas narrativas que miram o Pluriverso, nasce uma alegoria para ilustrar o conceito desta pesquisa, um tipo de síntese que expressa as principais características que uma Cidade Educadora, como Porto Alegre, deve carregar como seus norteadores ao longo de todas as atividades que são oferecidas no seu território.

Os grupos expuseram, em suas narrativas, os valores e sentimentos que foram expressos resumidamente na imagem. A imagem é uma síntese das motivações apresentadas pelos grupos para que tais conceitos sejam o ponto de partida para a criação da alegoria desta pesquisa. As palavras em destaque são as que mais se repetem nas narrativas de todos os grupos analisados. A primeira e a segunda linha identificam o nome do grupo e os valores do território construídos por eles, respectivamente. A terceira linha cria uma relação direta dos resultados da pesquisa com o princípio da Cidade Educadora correspondente, apresentado na Carta das Cidades Educadoras de 2020<sup>14</sup>. A

---

<sup>14</sup> Disponível no apêndice D.

última linha sugere uma palavra que representa um norteador que poderá guiar as ações e políticas públicas que irão compor o território educativo.

Figura 32: Síntese das narrativas construídas pelas comunidades cidadãs



Fonte: Autor (2023)

Os valores mais citados nas narrativas foram natureza, tecnologia, empatia, cultura, sustentabilidade, inteligência artificial, comunidade, acolhimento, inclusão e respeito – propondo um território educador preocupado em proporcionar tais motivações para sua comunidade. Estes valores estão ligados as motivações que guiam as cosmovisões que compõem o Pluriverso,

pois é por meio da valorização da natureza; da celebração dos laços afetivos comunitários; da pesquisa em tecnologias pelo coletivo; das interpretações locais do tempo e do futuro; da relevância da ancestralidade e da fantasia, que será possível vislumbrar a união cidadã em torno de uma identidade territorial educadora.

Uma Porto Alegre Cidade Educadora será composta por estes elementos norteadores<sup>15</sup> das ações e políticas que envolvem todas as áreas da cidade, proporcionando condições de igualdade social e afetiva, olhando para o seu passado e sua ancestralidade, sem deixar de estar pronta para o futuro e seus desafios. Estes norteadores devem ser como um espírito moral que governa todas as ações da cidade e não somente aquelas consideradas educadoras. Se uma cidade se propõe a ser educadora, não será apenas nas atividades educativas que isto deve ser verificado, mas sim em todas as atitudes do poder público, da iniciativa privada e dos seus habitantes. Os valores e as motivações, que agora se transformam em norteadores da Cidade Educadora, devem ser uma “entidade” presente na maneira de governar, construir e viver a cidade, em que todas as ações realizadas neste território devem levar em conta a sua ligação com a natureza, sua vocação tecnológica, a riqueza da sua cultura local, proporcionando o acolhimento, a inclusão e o respeito dos seus visitantes e habitantes.

Os norteadores seriam as principais características que Porto Alegre Cidade Educadora deveria carregar, na visão desta pesquisa. Sem a união de todos esses norteadores, a ação executada não poderia ser considerada uma atividade educadora, pois não estaria ligada aos valores básicos de um território educativo. Talvez nenhuma cidade possa ser considerada educadora se não respeitar seus recursos naturais; se não cultivar os laços afetivos, a união e a cidadania dentro de seu território; se a periferia não for integrada plenamente à dinâmica da cidade; se o tempo, tanto o futuro quanto o passado (ancestralidade), não for valorizado como um fator importante para a identidade territorial; e se a tecnologia e a imaginação não forem princípios fundamentais na condução dos processos de ensino e aprendizagem. Esses seriam os

---

<sup>15</sup> Sinalizados na linha 4 da figura 32: Síntese das narrativas produzidas pelas comunidades cidadãs.

norteadores específicos para Porto Alegre ao se tornar uma Cidade Educadora, e seria possível identificar e propor outros princípios orientadores para diferentes Cidades Educadoras em todo o mundo. Vale ressaltar que esses princípios estão em consonância com os valores apresentados na Carta das Cidades Educadoras (destacados na linha 3).

Todos os projetos que passarão pelo poder público devem levar em consideração estes norteadores, respeitando o “espírito” de acolhimento humano da Cidade Educadora. Além disto, todas as ações individuais e sociais dos cidadãos, devem seguir o respeito a esta “entidade”, celebrando uma comunidade acolhedora, sustentável e unida para cobrar do poder público e da iniciativa privada uma postura condizente com o “espírito” educador local. De acordo com a licença poética adotada no nome dos grupos que foram intitulados com nomes de instrumentos musicais empregados em ritos religiosos de matriz africana, cada um destes instrumentos evocou a presença de uma “entidade”, um ser capaz de incorporar todos os princípios norteadores que devem estar presentes na Porto Alegre Cidade Educadora.

A partir dessa premissa (valores e motivações construídos na narrativa), nasce a alegoria que representa os norteadores da Porto Alegre Cidade Educadora: um ser mitológico capaz de expressar e personificar alegoricamente as crenças da cidade e do seu povo, um espírito que lembrará que todos são uma mistura de natureza, do humano, das suas histórias, do seu futuro e da tecnologia que os permeiam. Esta alegoria mitológica explora o processo de aprendizagem por meio de todas as faculdades humanas: racional, cognitiva, experiencial, intuitiva, relacional e de personificação (DOWSON, 2021), impactando todas as formas de saber, intuir, crer, sentir e pensar por parte dos cidadãos da Porto Alegre Cidade Educadora.

Assim nascem os Uirapurus, seres "mito-techno-lógicos naturais carnavalescos" (conceito deste projeto) que andam pelas ruas para aprender e ensinar a comunidade, lembrando a todos que a Cidade Educadora é um organismo vivo, em que todos afetam e são afetados. Estes seres intercambiam os sons, as histórias, a riqueza dos diversos locais da cidade, mas também observam, zelam e orientam as ameaças encontradas no território. Esta proposta de alegoria resgata a ideia de que é preciso estar aberto a novos modos

de prática de design, abrindo mão das práticas de design modernistas, normativos e costumeiramente dominantes. (NOEL, 2022).

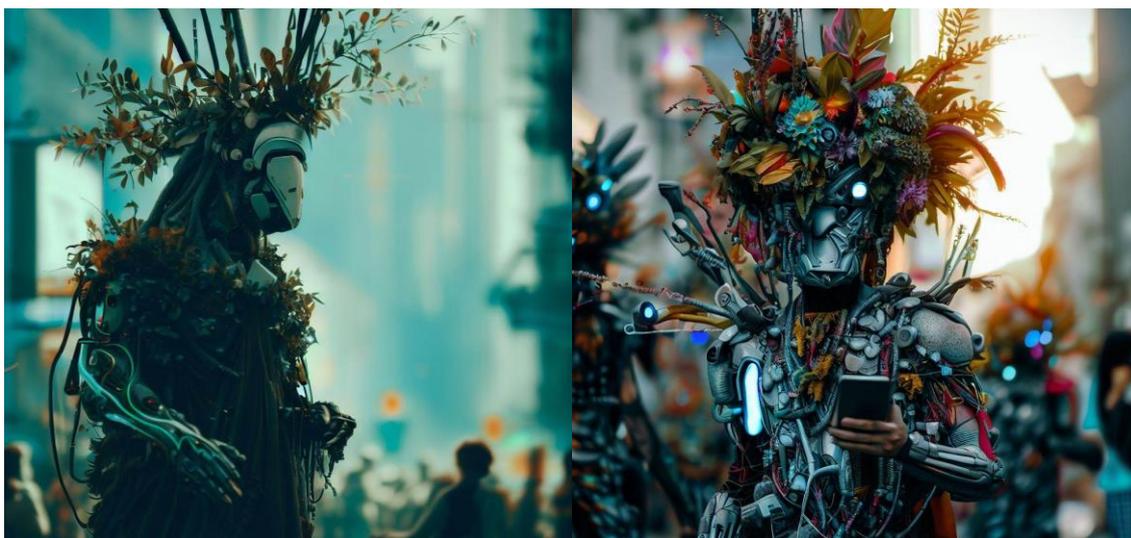
Figura 33: Os Uirapurus



Fonte: Autor (2023)

Os Uirapurus são seres que representam a comunhão entre a natureza e a tecnologia, mostrando que é possível regenerar os recursos naturais, tornando a convivialidade de todos os cidadãos e a relação com a natureza harmônica. Sua ética é baseada na preservação ambiental, por meio de alta tecnologia e inteligência, tornando o bem-estar socioambiental sua premissa básica. A alegoria cruza o Design Estratégico e o Metadesign, visto que o design está em busca de uma sustentabilidade que envolva os atores autônomos e que estão empenhados por motivações próprias, aproximando-se de algumas das definições do Metadesign (DE MENDONÇA, 2017). Além disto, vale resgatar os apontamentos realizados ao longo da fundamentação teórica em que fora defendido que os processos de ensino e aprendizagem devem ser baseados em habilidades comportamentais do ser, do pensar e do sentir, ampliando as trocas em busca de respostas na construção de novos sentidos e significados. Novamente cabe atentar que “Acreditamos que educar para o sentipensar é reconhecer a multidimensionalidade do ser humano, o que ajudará a refazer a aliança entre o racional e o intuitivo, o contemplativo e o empírico, a integração hemisférica, favorecendo, assim, à evolução do pensamento, da consciência e do espírito.” (MORAES, 2004, p.16).

Figura 34: Uirapuru: A potência da natureza e da tecnologia



Fonte: Autor (2023)

Além de aproximar os cidadãos da importância da preservação e da regeneração dos recursos naturais, o processo de ensino e aprendizagem causado pelo ser mitológico, ajudaria no entendimento que natureza e tecnologia podem conviver de forma conjunta, aproximando do conceito de cooperação defendido na fundamentação teórica. Nesta perspectiva, as diversas nuances da condição humana são celebradas, em oposição a dicotomia imposta pelo pensamento contemporâneo – vide os ensinamentos Oxalufânico e Exusíaco proposto por SIMAS (2018).

Figura 35: Alegoria viva



Fonte: Autor (2023)

Não seria possível criar uma alegoria inanimada, pois o conceito de projeto desta pesquisa defende a mistura das diversas manifestações de uma Cidade Educadora – espiritual, sensorial, viva, colorida, interativa e itinerante. Ao se movimentar pelas ruas, o Uirapuru marca sua presença, seu zelo e sua manifestação cultural de todo o espírito da cidade. Nesta perspectiva não há uma discussão sobre centralidade e/ou descentralização, porque para a natureza e para a fantasia, as fronteiras não existem. Agora a periferia é centro e o centro é periferia, pois a divisão entre bairros é derrubada pela riqueza imaterial do território como um todo, em que este ser mitológico é o responsável por levar e trazer todos as existências dos seres que vivem na Cidade Educadora. Nesta perspectiva, a Cidade Educadora entende que os processos de ensino e aprendizagem estão baseados nos valores sociais, nas convicções pessoais e nas atitudes crítico-construtivas que partem desse espírito criativo. Moraes (2004) reforça que não se educa somente pra o desenvolvimento da inteligência e personalidade, mas sobretudo para a escuta dos sentimentos e da abertura do coração.

Figura 36: O batismo do Uirapuru



Fonte: Autor (2023)

O nome Uirapuru vem do Tupi e batiza uma ave pequena, muito ativa e que se locomove muito rapidamente, e que conta com a ajuda comunitária de outros pássaros, que sempre o avisam da presença de predadores. Ao redor dela existem muitas lendas dos povos originários, uma delas diz que ao cantar, todos os outros pássaros da floresta ficam em silêncio, em respeito ao canto do

Uirapuru. As lendas preservam o mito que o canto e a presença do Uirapuru trazem boa sorte, além dos indígenas Tupis afirmarem que o Uirapuru é um Deus que se transformou em pássaro – dotando a lenda de poderes sobrenaturais. Tais características emprestam princípios importantes para este ser mitológico, que “voa” pela cidade, em busca do intercâmbio de saberes.

Figura 37: A polifonia do Uirapuru



Fonte: Autor (2023)

Ao avançar pela cidade, os Uirapurus promoverão o intercâmbio dos sons da natureza, dos ruídos da cidade, da música produzida, das histórias da sua população, dos folclores locais, da espiritualidade do território, da credence do seu povo e outras tantas polifonias presentes em uma Cidade Educadora. O Uirapuru é um ser mitológico que carrega as memórias da cidade e que considera todas as facetas do território, oferecendo a Porto Alegre entende-se e planejar-se por meios das relações entre todas essas partes que constituem a história e a vida do espaço urbano. Os Uirapurus oferecem uma visão de que a Cidade Educadora escuta todos, ao considerar todos esses sons, incluindo-os na sua história, seja no passado, no presente e no seu futuro. **Escute<sup>16</sup> a polifonia celebrada pelo Uirapuru.** A harmonia da Cidade Educadora reside justamente na diversidade, seja ela interpretada como caótica ou não, ressoando em diferentes combinações que variam ao longo do seu tempo. Esta proposta polifônica exponencia ainda mais as premissas do Pluriverso, pois é a partir

<sup>16</sup> <https://drive.google.com/drive/folders/10Ydz4rUEpdXRv1UI85dvie-OnYwzgQhQ>

deste conceito que é possível reconhecer a pluralidade como um modo de compreender a si mesmo, os outros e os mundos, além de perpetuar esses princípios nas práticas de interagir, aprender e ensinar." (FERSECK, 2023).

Figura 38: A cultura do carnaval



Fonte: Autor (2023)

O espírito carnavalesco dos Uirapurus se concentra na ideia da troca no espaço coletivo, que é a rua. Ao se confrontar com uma cidade apressada para o trabalho, a quebra representada pela fantasia e suas sinestésias inspira as trocas culturais expressivas do território. Tal qual os Caboclos de Lança de Pernambuco<sup>17</sup> e as Las Diabladas<sup>18</sup> da Bolívia, Os Uirapurus arrastam os rituais religiosos para a margem do profano: é na celebração cultural, por meio da música, dos ritmos, dos sons, dos rituais e das trocas corpóreas, que a comunidade se une (SENNETT, 2021). Ao afetar a cidade, o Uirapuru também é afetado, pois recebe de volta outros elementos que compõem as dinâmicas, as histórias, as crenças, as expressões artísticas, os sons e as mensagens que compõem a Cidade Educadora. O carnaval é uma celebração que evidencia a expressão cultural e identidade de um local, além de ser uma celebração coletiva e de socialização, que estimula a criatividade, o intercâmbio cultural, revelando a sua alta capacidade de fortalecer laços sociais.

---

<sup>17</sup> Figura folclórica do estado de Pernambuco, atrelada às manifestações culturais do carnaval e do Maracatu Rural. É uma mistura das culturas afro-indígenas.

<sup>18</sup> É uma dança tradicional da cidade de Oruru. A coreografia da "Diablada" representa a luta entre o bem e o mal e a derrota dos sete pecados capitais.

Figura 39: O futuro é ancestral



Fonte: Autor (2023)

A ancestralidade desempenha um papel fundamental e significativo dentro de uma comunidade. Ela se refere à conexão com as gerações passadas, às tradições, ao conhecimento acumulado e à herança cultural que são transmitidos ao longo do tempo. A importância da ancestralidade pode ser vista em várias dimensões: Identidade e pertencimento, preservação cultural, sabedoria e aprendizado, respeito pela natureza e recursos naturais, transmissão de valores, entre outros. A ancestralidade presente no Uirapuru é o fio condutor que conecta o passado, o presente e o futuro da Cidade Educadora.

Figura 40: Uirapurus semeadores



Fonte: Autor (2023)

Ousa-se imaginar um ser mitológico capaz de espalhar sementes de plantas, tornando um dos agentes polinizadores da cidade e ainda o tê-lo como bioindicador de conservação<sup>19</sup>, que auxiliaria no processo de recomposição de áreas urbanas – em um processo extensivo de educação ambiental na cidade. Ao espalhar sementes, aromas, pólenes de espaços regenerados da cidade, os Uirapurus intercambiariam a vida e as fragrâncias em locais menos providos de biodiversidade. No *Design Fiction*, é possível imaginar e retratar narrativas especulativas que ilustrem como seria possível viver de forma mais harmoniosa com o meio ambiente (FRY, 2021). Esta proposta da alegoria, busca inspirar soluções inovadoras, em materiais eco-friendly, nas práticas de produção regenerativa e nos sistemas que promovam a resiliência e a equidade social.

Figura 41: A luz dos Uirapurus



Fonte: Autor (2023)

A bioluminescência presente na natureza, poderia ser encantada pelos seres mitológicos, ao levar luz aos espaços mais escuros da cidade, garantindo segurança por meio da iluminação. Ao assegurar espaços claros nas cidades, os seus cidadãos são convidados a ocupar os espaços públicos com maior facilidade, bem-estar e acolhimento. Essa abordagem poética e metafórica traz uma conexão entre a magia das lendas e a utilidade prática da bioluminescência na iluminação urbana. Integrar elementos da natureza na paisagem urbana busca uma coexistência harmoniosa entre o ambiente construído artificialmente

---

<sup>19</sup> São indicadores biológicos da qualidade de um ambiente e de mudanças sofridas por ele ao longo do tempo.

e o meio ambiente natural. Embora seja uma abordagem fantástica, poderia inspirar a exploração de novas formas de iluminação sustentável e criativa.

Figura 42: Textura mitológica



Fonte: Autor (2023)

O convite de aprendizagem por meio dos seres mitológicos à comunidade utilizaria todos os sentidos, explorando não só a visão (bioluminescência), mas a audição (polifonia dos Uirapurus), o olfato (semeadores), tato (textura mitológica) e paladar (Uirapurus da estação).

Figura 43: Uirapurus da estação



Fonte: Autor (2023)

A alegoria tem como objetivo apresentar os principais resultados da pesquisa de forma viva, trabalhando com a aprendizagem racional, cognitiva,

experiencial, intuitiva, relacional e de personificação proposta por DOWNSON (2021). Além do ensino e aprendizagem que se propõem, os Uirapurus são a representação conceitual dos norteadores que constroem a Porto Alegre Cidade Educadora, a partir das narrativas criadas pelas iniciativas cidadãs.

Ao criar um ser mitológico que percorre a cidade identificado como um ser híbrido entre natureza e a tecnologia, promovendo o entretenimento (cultura e fantasia), a educação transpassa os métodos tradicionais de ensino e aprendizagem e cria um conjunto de valores intangíveis que fortalecem os bens imateriais que norteiam a Porto Alegre Cidade Educadora. Esta alegoria afirma a necessidade de reconexão com a natureza, ao passo que valoriza os laços afetivos que devem ser reforçados na cidade, destacando a relevância da ancestralidade da população, além da reflexão do uso do tempo e da perspectiva de futuro, cruzando os saberes da periferia geográfica da cidade com os bairros centrais – tudo isto para apoiar a identidade da Porto Alegre Cidade Educadora.

Figura 44: O futuro não demora



Fonte: Autor (2023)

A alegoria proposta nesta pesquisa provoca não só a afetação da Porto Alegre Cidade Educadora pelo design, mas que o próprio Design Estratégico também possa ser afetado pelas provocações do Pluriverso, este movimento de transformação, pois “O argumento aqui é que essas imaginações de transição, que postulam a necessidade para transformações radicais nos modelos dominantes de vida e economia, pode constituir a estrutura mais apropriada para uma reformulação ontológica do design” (ESCOBAR, 2018 p.27)

## 9. Considerações Finais.

Ao multiplicar a criatividade individual dos cidadãos por meio do aporte multidisciplinar, o Design Estratégico construiu um projeto coletivo que explorou a multiplicidade de experiências, os diversos pontos de vista, as múltiplas competências e os possíveis significados atribuídos (MAURI, 1996) para desenvolver narrativas capazes de expressar a Porto Alegre Cidade Educadora, que a própria comunidade cidadã desejava construir no futuro. Ao reunir diversos representantes de iniciativas cidadãs, esta pesquisa pode absorver a visão de mundo de diversos atores sociais, presentes nas iniciativas de impacto que compõem a cidade. Ademais, ao pesquisar jovens adultos estudantes de outra cidade, que se tornarão os profissionais do futuro, a pesquisa se permitiu observar e considerar as múltiplas competências dos indivíduos e os possíveis significados atribuídos à Cidade Educadora de Porto Alegre, realizado por tais agentes sociais.

Ao utilizar o Design Estratégico como metodologia, foi possível obter um processo flexível e oxigenado, para a construção de alternativas de uma Porto Alegre Cidade Educadora do futuro. O processo proposto pelo Design Estratégico foi capaz de alcançar uma coleção de narrativas, objeto este, que emancipou as comunidades cidadãs a observarem e construírem ideias de projetos que partem de suas próprias vivências, para proporem uma Cidade Educadora. Aliado a isto, o *Design Fiction* (especulação de futuro) e ao Metadesign (movimento de inflexão do Design Estratégico) foram abordagens importantes: As comunidades cidadãs, ao explorarem e criticarem os futuros possíveis para a Cidade Educadora durante a “Oficina de Narrativas”, puderam não só criar cenários especulativos, mas narrativas que expressaram a sua cosmovisão (Pluriverso) por meio dos artefatos textuais (Narrativas) e visuais (Formato Narrativo) sem a preocupação em prever ou controlar o futuro – mas imaginar e se envolver com os futuros desejáveis (FRY, 2009).

O Design Estratégico se mostrou eficiente ao ajudar a emergir tais narrativas sociais para que elas sejam contempladas nas ações que compõem uma Cidade Educadora, pois é preciso “aprender e desenvolver a consciência da comunidade e as competências necessárias para organizar a vida em comum em condições de igualdade e justiça.” (AICE, 2020, p. 05). Ao estimular a

construção das narrativas, o Design Estratégico evidenciou as diversas formas de saber, intuir, crer, sentir e pensar destas comunidades cidadãs, descentralizando as propostas de Cidade Educadora, criando assim uma Cidade Educadora Polifônica, que contempla as mais diversas formas de ensino e aprendizado no território da cidade.

Nesta pesquisa, as narrativas criadas foram cruzadas com os princípios das Cidades Educadoras, gerando importantes norteadores que culminaram em uma proposta daquilo que a metodologia do Design Estratégico chama de “conceito de projeto”, sendo capaz de propor um modelo representativo das características que compõem Porto Alegre Cidade Educadora, passando pela ótica das comunidades cidadãs e chegando na visão que esta pesquisa propõe. Por isto foram apresentados os Uirapurus, o conceito de projeto para a Porto Alegre Cidade Educadora, que pretende representar os predicados do Pluriverso entrelaçados com os princípios que formam as Cidades Educadoras.

Ao resgatar a fundamentação teórica, em que alguns autores como ESCOBAR (2021), MICHELIN (2016), LEITÃO e NOEL (2022), DE MENDONÇA (2017) e MANZINI (2017), expressam a potência do design, é possível recuperar e destacar que o Design Estratégico pode contribuir para a oposição à hegemonia atual, auxiliando nas construções de dinâmicas sociais e ambientais mais sustentáveis e igualitárias (MICHELIN, 2016). Este ponto de vista tem fundamental importância quando ancorado nos 20 princípios apresentados na Carta para Cidades Educadoras, visto que tal documento defende não somente políticas educativas para a cidade, mas que “a Cidade Educadora viva um processo permanente que tem como finalidade a construção da comunidade e de uma cidadania livre, responsável e solidária, capaz de conviver na diferença, de solucionar pacificamente os seus conflitos e de trabalhar pelo bem comum” (AICE, 2020, p. 04). Esta pretensão de Cidade Educadora dificilmente será atingida com as práticas e compressão social atuais, haja visto o desejo de construir uma comunidade cidadã consciente dos desafios que a humanidade enfrenta atualmente, e que ela própria construa novos conhecimentos, competências e comportamentos a partir de suas próprias práticas, conhecimentos, crenças, intuições e bem-viver. Tal cidadania livre, responsável e solidária, capaz de conviver na diferença, de solucionar pacificamente os seus

conflitos e de trabalhar pelo bem comum defendidos pela carta, pode permitir às comunidades cidadãs a transposição das barreiras sociais, econômicas e ambientais, em busca de um resultado benéfico a todos – e não apenas a poucos grupos sociais, visão defendida pelo Pluriverso.

Para que isto seja atingido, os designers devem propor novas mentalidades, teorias e métodos que desafiam criticamente às narrativas hegemônicas (LEITÃO e NOEL, 2022) e esta conduta foi experimentada nesta pesquisa. Ao selecionar diversos indivíduos que representavam diversas iniciativas presentes no território, explorando diversos estudos de casos com as premissas do Pluriverso, as iniciativas cidadãs (grupos de pesquisa) puderam projetar de forma autônoma, a partir de suas próprias crenças. O papel do pesquisador/designer, neste caso, foi o de apresentar às iniciativas cidadãs um sistema de normas, crenças, valores (Pluriverso) e ferramenta (Narrativa) para lidar com o ambiente externo (Cidade Educadora), sendo capaz de evoluir e sobreviver com sucesso, além de desenvolver e manter uma identidade comunitária própria (MERONI, 2008). Esta pesquisa se propôs a desafiar o pensamento hegemônico, utilizando o Design Estratégico como uma metodologia processual; as Narrativas como ferramenta; e as cosmovisões reunidas pelo Pluriverso como uma importante e vasta compreensão de mundo. Esta proposta se aproxima da afirmação de que o design e suas ferramentas podem ser muito eficazes para catalisar as dinâmicas sociais e os projetos de vida, desde que sejam usados com uma mentalidade que reconhece e envolve diversas maneiras de conhecer e compreender o mundo (NOEL, 2022).

O Design Estratégico, portanto, pode fomentar o desenvolvimento de Porto Alegre como uma Cidade Educadora no momento em que oferecer diversas visões de mundo às comunidades cidadãs como estímulos, além de estruturar os processos de projeto de forma flexível e oxigenada (Metadesign), em que as próprias comunidades encontrem alternativas que supram seus problemas e/ou desejos, dando voz as suas próprias visões de mundo – afinal, cada comunidade praticaria o design de si mesma (ESCOBAR, 2018). Esta é a capacidade que o Design Estratégico possui e o diferencia de outras metodologias: ele é capaz de oferecer um processo criativo estruturado e flexível, em que os cidadãos poderão priorizar suas criatividade em busca de

suas próprias respostas – construindo alternativas plurais para resolver a complexidade social em que estão inseridos.

As abordagens que contribuiriam para isto dentro do Design Estratégico, testadas nesta pesquisa, foram o Metadesign, capaz de oferecer a flexibilidade, reflexão e oxigenação necessária em cenários complexos e o *Design Fiction*, perspectiva que oferece a criação de um cenário futuro idealizado para que as narrativas sociais possam ser construídas e comunicadas pelas comunidades cidadãs. É relevante destacar que o *Design Fiction* foi utilizado pontualmente como um modelo de criação dialógica, em que foram construídas perspectivas críticas de futuro, na “Oficina de Narrativas” – resultando na coleção de 10 narrativas sobre Porto Alegre Cidade educadora, construídas pelas próprias comunidades cidadãs que impactam o território. Tal perspectiva projetual pode oferecer uma Cidade Educadora Polifônica, juntando-se às diversas iniciativas do Pluriverso, expandindo-o, além de firmar os princípios expostos na Carta para Cidades Educadoras:

“Uma educação ao longo da vida que tenta mobilizar as consciências para conciliar a liberdade com a responsabilidade, despertando o sentido da interdependência entre as pessoas e a natureza como forma de habitar a cidade e o planeta; fomentando a reflexão e o pensamento crítico, a capacidade de compreender problemas complexos; incentivando a participação corresponsável na formulação e desenvolvimento de políticas; imaginando e promovendo modos de vida que não impliquem a destruição do território ou favoreçam a desigualdade entre as pessoas.” (AICE, 2020, p. 05)

Esta pesquisa buscou uma perspectiva do Design Estratégico em que ele oferecesse um processo projetual e criativo estruturado, capaz de organizar os desafios que cada grupo pretendeu solucionar, por meio de suas próprias narrativas. Ao priorizar a análise contextual, a identificação dos valores, motivações, problema/desejo do território e a criatividade da própria comunidade cidadã para solucionar suas questões, o Design Estratégico foi capaz de funcionar como uma matriz de processo criativo que emancipou os cidadãos a proporem alternativas para Porto Alegre Cidade Educadora.

Portanto, esta pesquisa ofereceu uma maneira, dentre tantas outras, de como o Design Estratégico pode manifestar Porto Alegre como uma Cidade Educadora Polifônica, por meio da escuta, da pesquisa, da instrumentalização e da emancipação pela construção de soluções (narrativas) que nascem das

próprias comunidades cidadãs que compõem a dinâmica da uma Cidade Educadora. Entretanto, tais soluções não são apenas uma resposta, mas um processo criativo que pode ser resgatado, ajustado e readaptado às novas complexidades que surgem a todo instante em um território. Esta pesquisa não tenta resolver os possíveis problemas da Porto Alegre Cidade Educadora, contudo propõe que o Design Estratégico é uma metodologia capaz de fomentar o desenvolvimento de uma Cidade Educadora, por meio dos seus processos, visto que o design e seus profissionais não são capazes de resolver determinados problemas, mas são figuras culturais importantes no processo de vincular o possível com o esperado, de uma forma visível. (MANZINI, 1992). **Assim a pesquisa proporcionou a reflexão em 4 grandes eixos, baseados nos pressupostos discutidos durante a pesquisa:**

- **PRESSUPOSTO:** Compreender que a produção de saber e as práticas culturais estão intimamente ligadas e que a ciência hegemônica não deve ser sobreposta às outras ciências, pois cada cultura produz saberes que estão ligados às suas práticas.
  - **EIXO 1 - Integração entre produção de saber e práticas culturais:** O primeiro eixo destaca a compreensão de que a produção de conhecimento está intrinsecamente ligada às práticas culturais de diferentes comunidades. Isso implica em reconhecer que a ciência hegemônica não deve se sobrepor às outras formas de conhecimento, uma vez que cada cultura gera saberes relacionados às suas próprias práticas. Essa perspectiva valoriza a diversidade de abordagens e enriquece o cenário do conhecimento global. Um exemplo que poderia ser destacado, é a medicina tradicional de várias culturas, que pode fornecer perspectivas únicas sobre a saúde e o bem-estar que podem complementar a medicina convencional. Essa valorização da diversidade de conhecimento enriquece a identidade local, promove o respeito intercultural e permite uma compreensão mais holística e abrangente dos desafios enfrentados pela humanidade.

- **PRESSUPOSTO:** Equilibrar a desordem oferecida pelas estruturas pouco ou nada hierárquicas, admitindo que ela mesma se altera conforme o caminhar, além de assumir um compromisso com as premissas do Pluriverso na construção conjunta e em várias vozes. Propõe e fez ver que as novas ontologias não enxergam a ciência sob um viés cartesiano do Norte Global.
  - **EIXO 2 - Ontologias e desordem estrutural:** No segundo eixo, destaca-se o Pluriverso, que reconhece a existência de múltiplas ontologias e formas de conhecimento, em contraste com uma visão cartesiana do Norte Global. A abordagem também abraça estruturas menos hierárquicas, permitindo uma flexibilidade que evolui ao longo do tempo, aliada ao compromisso com a construção conjunta e a incorporação de várias vozes, criando um espaço para colaboração e diálogo intercultural. Além disso, este eixo valoriza estruturas menos fixas, permitindo que o conhecimento evolua e se adapte ao longo do tempo. Isso se reflete na educação, onde os processos de ensino e aprendizagem podem ser flexíveis e adaptáveis, incorporando múltiplas perspectivas e incentivando o diálogo intercultural. A ênfase na construção conjunta e na inclusão de diversas vozes também promove uma colaboração enriquecedora e uma compreensão mais profunda e tolerante das complexidades do mundo.
  
- **PRESSUPOSTO:** Reconhecer o conceito de território, de vida, de governança local, das comunidades locais e dos bens comuns como elementos importantes e atuantes na Cidade Educadora. Estes elementos são entendidos como cruciais na compreensão das dinâmicas socioculturais e ecológicas, especialmente quando se trata de incorporá-los na estrutura educacional de uma cidade.
  - **EIXO 3 - Ênfase no território, bem viver e comunidades cidadãs:** O terceiro eixo ressalta a importância de reconhecer conceitos como território, bem viver, governança local,

comunidades e bens comuns como elementos cruciais na compreensão das dinâmicas socioculturais e ecológicas. Isso destaca a necessidade de considerar contextos locais e a participação ativa das comunidades nas decisões que afetam suas vidas e ambientes. Este eixo reconhece as comunidades cidadãs como atores-chave na preservação do ambiente, na gestão dos recursos naturais, na proposta de bem viver e na promoção de formas sustentáveis de vida. A educação implícita neste eixo, pode envolver os cidadãos em projetos que abordam problemas específicos de sua comunidade, incentivando-os a explorar soluções e desenvolver um senso de responsabilidade pelo ambiente e pelo bem-estar da comunidade cidadã da qual pertence.

- **PRESSUPOSTO:** Projetar futuros alternativos a partir da revisão das evidências do passado e propor novos olhares e ações que impactarão o mundo real, via Design Estratégico.
  - **EIXO 4 - Design Estratégico para futuros alternativos:** O quarto eixo enfoca o potencial do Design Estratégico para projetar futuros alternativos. Isso é alcançado através da análise crítica das evidências do passado, permitindo uma compreensão mais profunda das trajetórias históricas para prever o que não se deve fazer em detrimento daquilo que poderá ser construído. Com base nessa análise, o Design Estratégico propõe novos pontos de vista e ações que têm o poder de impactar positivamente o mundo real, oferecendo abordagens inovadoras para resolver desafios contemporâneos.

Esta pesquisa, ao reconhecer a história do design, que iniciou pelo desenvolvimento de produtos, passando pelo design gráfico, de serviços, design digital, de experiências, design de moda e de território, propõe que o Design Estratégico pode auxiliar uma possível iniciativa popular (Cidade Educadora Polifônica) que poderá compor o Pluriverso popular; ampliando as estratégias de

emancipação das narrativas de futuros desejáveis que compõem uma sociedade complexa e em transformação – e que precisa urgentemente, refletir e rever os seus processos sociais e de consumo. O principal legado desta pesquisa para o Design Estratégico é apresentar uma visão social e ontológica que promove a ampliação dos horizontes dessa metodologia. A pesquisa destaca como o Design Estratégico pode transcender sua função tradicional de solução de problemas e se tornar um agente de transformação social, cultural e ambiental por meio da organização dos significados locais. A pesquisa junta-se a tantas outras, oferecendo uma ampliação da abordagem do Design Estratégico, já que esta metodologia foi enriquecida ao compreender, mais profundamente, as relações entre diferentes formas de conhecimento, culturas, contextos locais e desafios globais. Além disto, a pesquisa apresenta uma visão sistêmica e futurista em que o Design Estratégico é encorajado a compreender, analisar e projetar sistemas complexos (visão sistêmica) e de longo prazo, isto é, por meio da análise crítica das trajetórias históricas e da proposição de futuros alternativos, os designers e as comunidades cidadãs podem criar soluções que consideram não apenas as necessidades presentes, mas também as implicações futuras e os diferentes cenários possíveis. Esta perspectiva cria um engajamento comunitário e participativo, algo que a pesquisa ressalta desde sua fundamentação teórica, ao destacar a importância do engajamento ativo das comunidades cidadãs na tomada de decisões e na definição de direções estratégicas. Isso se alinha ao papel do Design Estratégico em facilitar processos participativos, empoderar as partes interessadas e incorporar perspectivas diversificadas na criação de soluções relevantes e sustentáveis. Outra proposta da pesquisa que contribui para o Design Estratégico é propor o deslocamento do designer para o movimento do Metadesign, assumindo o papel de mediador nos processos de Design Estratégico. Tal proposta estimula uma contextualização efetiva das questões enfrentadas pela comunidade cidadã, além de proporcionar o empoderamento comunitário, a participação popular, a co-criação, a construção de teias sociais, a oportunidade de soluções mais sustentáveis e o desenvolvimento das habilidades individuais. Nesta perspectiva, a pesquisa visou a promoção de uma abordagem mais participativa, inclusiva e impactante do Design Estratégico, na qual as comunidades cidadãs são capacitadas a co-criar soluções que ressoam com suas necessidades, valores, aspirações e

significados, resultando em impactos mais positivos e transformadores em suas vidas e ambientes.

O Design Estratégico pode abordar a diversidade e a complexidade do mundo contemporâneo, incorporando diferentes perspectivas, conhecimentos e valores em seus processos e resultados; isso pode levar a soluções mais inovadoras, inclusivas e responsáveis. Se a metodologia do Design Estratégico possibilita a manifestação de uma Cidade Educadora Polifônica, é evidente que o Pluriverso está em constante expansão, à medida que novos casos populares são continuamente incorporados a este conceito emergente.

*“Olhe ao seu redor. Observe.  
Olha como que essa nação ficou plural, multicolorida,  
interétnica, totalmente estrangeira de si...  
Que é uma trilha dessa ideia de memória expandida,  
memória que atravessa uma experiência física, que está ali,  
patrimônio cultural, material, físico: tijolo, pedra, cal.  
Que pega fogo. Que some, consome.  
E está do lado de cá uma constelação de  
memória viva, ativa, que não queima.”*

Trecho de “Memória não queima” de Ailton Krenak

## REFERÊNCIAS:

- ACOSTA, Alberto. **Buen vivir/Sumak Kawsay. Una oportunidad para imaginar otros mundos.** Quito: AbyaYala, 2012.
- AICE - ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE CIDADES EDUCADORAS. **Carta das Cidades Educadoras 2020.** Disponível em: <[https://www.edcities.org/wpcontent/uploads/2020/11/PT\\_Carta.pdf](https://www.edcities.org/wpcontent/uploads/2020/11/PT_Carta.pdf)>. Acesso em: 18 jul. 2023.
- \_\_\_\_\_. **Carta das Cidades Educadoras 1990.** Disponível em: <https://www.edcities.org/rede-portuguesa/wp-content/uploads/sites/12/2018/09/Carta-das-cidades-educadoras.pdf>>. Acesso em: 18/10/2022.
- ANDRADE, MC, Rosa AC. **Dispositivo intercessor - uma perspectiva multirreferencial de produção de conhecimento.** Rev. de Psicol. UNESP. 2011 jan/jun; 10(1):71-183.
- BLEECKER, Julian. **Design Fiction: A short essay on design, science, fact and fiction.** São Francisco: Near Future Laboratory, 2009.
- BOLLIER, D.; HELFRICH, S.; BOLL, H. **Patterns of coming.** 2015. The Commons Strategies Group in cooperation with Off the Common Books. ISBN 978-1-937146-83-2
- CANTÚ, D. **Participatory Design of Scenarios for Future Service Implementation.** The Case of Smart Campus Project: ICT based Services for Energy Efficiency. 2014. Acesso em 26/09/2022. Disponível em: <https://www.scitepress.org/Papers/2014/49813/49813.pdf>
- COL/UNESCO (2011). **A Basic Guide to Open Educational Resources.** Prepared by Neil Butcher for the Commonwealth of Learning & UNESCO Edited by Asha Kanwar (COL) and Stamenka Uvalić-Trumbić (UNESCO). Acessado em 10/09/2022. Disponível em: <http://www.col.org/resources/publications/Pages/detail.aspx?PID=357>
- DE ANGELIS, Massimo. **Omnia sunt communia: On the commons and the transformation to postcapitalism.** Londres: Zed Books, 2017.
- DE ANGELIS, Massimo. **Bens comuns (commons).** In Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento. Tradução de Isabela Victoria Elonora – São Paulo: Elefante 2021. 576 p.
- DE MENDONÇA, Bárbara Rangel De Carvalho & Santos Neves, Dimitri. (2016). Metadesign e Sustentabilidade em Redes: Complexidade e construção de sentido. 1. 10.15210/chapon.v1i1.12699.
- DOWNSON, Jonathan. **Pedagogia.** In: Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento. Isabela Victoria Elonora – São Paulo: Elefante 2021. 576 p.
- ESCOBAR, Arturo. **Designs for the Pluriverse: Radical Interdependence, Autonomy, and the Making of Worlds.** Durham (Estados Unidos): Duke University Press, 2018.
- FERSECK, S. **Artes verbais indígenas: portais para uma educação pluriversal.** Escrevendo o futuro, 29 março 2023. Acesso em: 06/06/2023. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/3080/artes-verbais-indigenas-portais-para-uma-educacao-pluriversal>
- FISCHER, G. et al. **Meta-design: Manifesto for end-user development.** Communications of the ACM, v. 47, n. 9, p. 33-37, 2004.

FRANZATO, C. **O princípio de deslocamento na base do Metadesign**. In: 11o Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design, 2014, Gramado. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.

FRY, Tony. **Design Futuring: Sustainability, Ethics and New Practice**. Oxford, Berg, 2009. Acesso em: 09/06/2023. Disponível em: <https://readings.design/PDF/tony-fry-design-futuring-sustainability-ethics-and-new-practice.pdf>

\_\_\_\_\_. **Writing Design Fiction: Realocating a City in Crises**. Bloomsbury, 2021.

GIACCARDI, Elisa & FISCHER, Gerhard (2006). **Meta-design: A Framework for the Future of End-User Development**. 10.1007/1-4020-5386-X\_19.

HARAWAY, D. **Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial**. Cadernos Pagu, 2009 . p. 7–41.

KOTHARI, Ashish [et al]; **Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento**. Tradução de Isabela Victoria Elonora – São Paulo: Elefante 2021. 576 p.

LEITE, José Correia. In: **Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento**. Isabela Victoria Elonora – São Paulo: Elefante 2021. 576 p.

LEITÃO, R. M.& NOEL, Lesley-Ann (2022) Special Forum: **Designing a World of Many Centers, Design and Culture**, 14:3, 247-253, DOI: 10.1080/17547075.2022.2110796. Acesso em 27/10/2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17547075.2022.2110796>

LEITÃO, R. (2020). **Pluriversal design and desire-based design: Desire as the impulse for human flourishing**. In Pivot 2020 Conference Proceedings. 10.21606/pluriversal.2020.011

LUPTON, E. **Design Is Storytelling** (2017). Cooper Hewitt, Smithsonian Design Museum, ISBN: 194230319X, 9781942303190. 159 p.

MANZINI, E. Quando todos fazem design: uma introdução ao design para a inovação social. São Leopoldo: Editora Unisinos. 2017.

MARCON, Telmo; DOS SANTOS, Daniela. **Desafios para uma cidade ser educadora com, para e por todos: contradições e possibilidades**. Revista Vagalumear, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 76-90, jan. 2022. ISSN 2763-9916. Acesso em: 14/09/2022. Disponível em: <<http://periodicos.uea.edu.br/index.php/rv/article/view/2354>>.

MAURI, Francesco. **Progettare progettando strategia**. Milano: Masson S.p.A, 1996.

MERONI, Anna. **Strategic design: where are we now? Reflection around the foundations of a recent discipline**. Strategic Design Research Journal. Published 1 December 2008. ©2008 by Unisinos - doi: 10.4013/sdrj.20081.05

MICHELIN, Coral; Franzato, Carlo; Gaudio, Chiara Del; **Sementes e seeding na rede: o Metadesigner e as possibilidades de subversão para inovação social**, p. 2101-2110 . In: Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design. Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]. São Paulo: Blucher, 2016. ISSN 2318-6968, DOI 10.5151/despro-ped2016-0179

MONTUORI, B. F. ., & Nicoletti, V. M. . (2021). **Perspectivas decoloniais para um design pluriversal**. PosFAUUSP, 28(52), e176954. Acesso em: 29/09/2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/176954/176052>

MORAES, Maria Cândida; DE LA TORRE, Saturnino. **Sentipensar: fundamentos e estratégias para reencantar a educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Acesso em: 01/10/2022. Disponível em: <https://docplayer.com.br/15326489-Sentipensar-sob-o-olhar-autopoietico-estrategias-para-reencantar-a-educacao.html>

NOEL, Lesley-Ann & Tseklevs, Emmanuel & Leitão, Renata. **If you're not in an existential crisis as a designer in Social Design, you're not doing it right!** in The Little Book of Designer's Existential Crises in 2022. Ann. (2022).

OWEN, H. (2011). **Bakhtinian thought and the defence of narrative: overcoming universalism and relativism**. Cosmos and history: the journal of natural and social philosophy, 7, 136-156.

PIAGET J. **Estudos sociológicos**. São Paulo (SP): Companhia Editora Forense; 1973.

PORTO ALEGRE CIDADE EDUCADORA. **Prefeitura de Porto Alegre**, 2023. Acesso em 06/06/2023. Disponível em: <https://prefeitura.poa.br/cidadeeducadora>

SCALETSKY; Celso. **Design Estratégico em ação**. In: FRANZATO, C. Geração de conceitos de projeto. 1º edição – São Leopoldo, 2016. Editora Unisinos. ISBN: 978-7431-736-6.

SCHATZKI, T. 2010. **Materiality and social life**. *Nature and Culture*, 5(2), 123-149.

SILVA, Claudia. (2021). **Cenários Panorâmicos: Uma Metodologia para Projeção em Design Estratégico**. 10.5151/9786555500905.

SILVA, Patrícia; PRETTO, Nelson. **Sociomaterialidade e teoria ator-rede na educação**. Atos de Pesquisa em Educação, [S.l.], v. 16, p. e8676, maio 2021. ISSN 1809-0354. Acesso em: 19/06/2022. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/8676>.

SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1. ed – Rio de Janeiro: Mórula, 2018. 124p.: il; 21cm.

TORRE, S. DE LA (2001). **Sentipensar: estratégias para un aprendizaje creativo**. Mimeo.

UNESCO. (2015). Diretrizes para os Recursos Educacionais Abertos no Ensino Superior. Acesso em 12/09/2022. Disponível em <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002328/232852por.pdf>

# APÊNDICE A

## Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

### Oficina de narrativas – Cidades educadoras

Participante, com o intuito de contribuir para o campo do Design, com ênfase no campo de pesquisa sobre cidades educadoras e o conceito do pluriverso, está sendo desenvolvida uma pesquisa para minha dissertação de mestrado que tem como objetivo receber as narrativas de diversos agentes culturais da cidade. Tal pesquisa irá recolher o ponto de vista destes agentes ao responder **“COMO SERÁ A NOSSA PORTO ALEGRE, CIDADE EDUCADORA?”** com o intuito de averiguar os mais diversos pontos de vista da população local sobre o tema. A pesquisa é vinculada ao Programa de Pós Graduação em Design, pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos. É importante ressaltar que a pretensão da pesquisa é contribuir de forma teórica, ampliando a discussão e estimulando novos estudos em assuntos e nos conceitos emergentes – como o pluriverso – além de, forma prática, auxiliar designers, pesquisadores e demais profissionais a compreenderem melhor o fenômeno.

Desta forma, gostaria de convidar você a colaborar com esta pesquisa por meio da disponibilidade, envolvimento e participação de uma oficina de narrativas que, acontece presencialmente, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, em Porto Alegre. Sua participação implicará no acompanhamento da oficina, nas atividades de cocriação propostas pelo pesquisador com demais participantes da prática.

Ressalta-se que esta oficina ocorre dia 20 de maio de 2023 e a qualquer momento você poderá solicitar o esclarecimento de suas dúvidas, bem como desistir de participar, sem qualquer prejuízo pessoal. Sua participação poderá ser gravada apenas em áudio e registrada através de fotos para a coleta e posterior análise de dados. Além disso, é importante ressaltar que **todos os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins de estudo. Os mesmos serão confidenciais, somente de acesso do pesquisador e do orientador da pesquisa, garantindo assim a preservação da intimidade e da privacidade dos participantes. Em caso de exposição e/ou publicação dos resultados, todas as informações obtidas serão mantidas em caráter confidencial.** Os resultados na íntegra, que estarão expostos na dissertação para obtenção do nível mestre, serão apenas as narrativas cocriadas na oficina – sendo suprimido os nomes completos dos participantes, para não causar nenhum desconforto futuro.

É importante esclarecer os possíveis riscos que a pesquisa possa representar para você. O maior desconforto que poderá acontecer é relacionado ao tempo que deverá ser dedicado à oficina, assim como o comprometimento pessoal para interação com a proposta e com os demais participantes. Apesar disso, destaca-se que tais riscos não causam nenhum dano pessoal grave, e que a desistência de participação poderá ser feita a qualquer momento. É importante ressaltar que a sua participação não lhe trará nenhum benefício pessoal direto, porém, ao colaborar, você terá o benefício de contribuir na elaboração de um estudo que visa a qualificação do processo projetual dos agentes que atuam desenvolvendo projetos sobre cidades educadoras, além de enriquecer os processos de criação de designers para projetos futuros.

Os responsáveis por esta pesquisa são o pesquisador Lucas Osorio Alves da Silva, que pode ser contatado pelo telefone (51) 9200 3 5373, bem como pelo e-mail [luhcasalves@gmail.com](mailto:luhcasalves@gmail.com) e o orientador Prof. Dr. Gustavo Severo de Borba, que pode ser contatado pelo e-mail [gustavoborba@unisinis.br](mailto:gustavoborba@unisinis.br).

Este termo será validado através de assinatura no documento que ficará em posse do pesquisador para fins de comprovação do estudo e uma via para quem participa da pesquisa.

Eu, \_\_\_\_\_, RG \_\_\_\_\_, declaro ter lido e compreendido o Termo de Consentimento e concordo participar desta pesquisa.

Porto Alegre, 20 de maio de 2023.

---

Assinatura de participante



Lucas Osorio Alves da Silva - Pesquisador responsável



---

Gustavo Severo de Borba - Orientador de pesquisa

## POLÍTICA DO CORPO

Por *Wendy Harcourt* - É professora de desenvolvimento crítico e Estudos feministas no Instituto Internacional de Estudos Sociais da Universidade Erasmus, em Haia, Holanda.

**Palavras-chave:** corporeidade, feminismo, racismo, ativismo queer, heteronormatividade.

Desde os anos de 1990, a "política do corpo" tem sido um importante projeto político entre feministas e ativistas queer em escala transnacional. Segundo essa política, os corpos são considerados pontos de resistência cultural e política à compreensão dominante do corpo "normal" como branco, masculino, ocidental e heterossexual, do qual todas as "outras" formas de corpo diferem. A política do corpo, portanto, abarca desde demandas por Justiça Econômica Liberal até o reconhecimento da integridade dos direitos de orientação sexual para todas as pessoas. Por exemplo, a política do corpo foi uma força disruptiva e crítica nas intervenções queer e feministas nas conferências globais da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre direitos humanos em 1993, população em 1994 e mulheres em 1995. Ativistas que participaram dessas diferentes conferências direcionaram a atenção internacional para esses temas como violência doméstica, estupro como arma de guerra, direitos sexuais e reprodutivos das mulheres e direito dos indígenas e das pessoas homossexuais e transgêneros. Essas campanhas se posicionaram contra as desigualdades de gênero, o racismo, o etarismo e as normas heterossexuais. Dessa forma, a política do corpo vinculou diferentes formas de opressão corporal à formas radicais de democracia.

Exemplos de ações e campanhas a favor da política do corpo inclui desde protestos performativos, como os da Índia contra os concursos de Miss Universo, até grandes ações diretas e campanhas de longo prazo, presenciais e na internet; das marchas da década de 1990 contra a criminalização do aborto nos Estados Unidos, na Austrália e na Europa das múltiplas campanhas globais para acabar com a violência contra as mulheres, incluindo estupro, esterilização forçada, feminicídio e tráfico sexual de crianças. Os exemplos vão desde campanhas feministas para reconhecer a violência doméstica no casamento até peças teatrais como *Os monólogos da vagina*, que começou em Nova York e agora é ensinada no mundo todo. Outros exemplos seriam as demandas, nos anos 2000, pelo direito ou casamento entre pessoas do mesmo sexo e o reconhecimento das pessoas transgênero como um terceiro gênero, ao lado de homens e mulheres, nos documentos oficiais, nos banheiros públicos e nas escolas. O *Sexuality Policy Watch* (SPW), uma instituição online com sede no Brasil, elabora informativos que documentam muito dessas ações e campanhas, ilustrando quão importante a política do corpo no cenário político Global. Um exemplo notável recente da política Global do corpo seriam as centenas de marchas de mulheres realizadas em todo o mundo em 21 de janeiro de 2017, um dia depois da posse do 45º presidente dos Estados Unidos. Milhões marcharam em protesto contra as declarações misóginas, racistas e homofóbicas de Donald Trump e seu comportamento em relação às mulheres.

A política do corpo é, sem dúvida, controversa, porque torna visíveis questões íntimas e, por vezes, tabus; traz à tona o que não é dito nos espaços políticos e econômicos, pois desafia as normas que justificam e institucionalizam as desigualdades de gênero e de outros tipos, como por exemplo, as campanhas pelo direito das profissionais do sexo a um salário justo, exigindo que elas sejam vistas como trabalhadoras

## APÊNDICE B

iguais as outras. A política do corpo desafia a homofobia até mesmo em lugares onde a homossexualidade é penalizada e criminalizada. Ela também fala sobre a discriminação racializada dentro dos movimentos feministas em que as marcas do apagamento histórico associado ao colonialismo podem ser vistas em privilégios brancos. Nos últimos anos, a decolonialidade se tornou parte importante da política Global do corpo. Por exemplo, as campanhas para acabar com a discriminação violenta (incluindo a esterilização) de mulheres indígenas na América Central desafiam crenças sobre o desenvolvimento e progresso. Outro exemplo são os encontros feministas Latino-Americanos e caribenhos no início dos anos de 1990, que reabriram as ideias liberais de sucesso no âmbito do gênero e do desenvolvimento com diálogos interculturais que incluíam povos não brancos, queer e indígenas. Como esses últimos exemplos sugerem, a política do corpo crítica as formas de poder Ocidental expressas no machismo, no racismo, na misoginia e no heterossexismo, que caracterizam os sistemas de conhecimento imperial e colonial e orientam as práticas de desenvolvimento.

A política do corpo não diz respeito apenas às lutas para acabar com opressão como também às formas para reimaginar e refazer o mundo. Isso inclui a compreensão da sexualidade, da diversidade e do bem-estar na perspectiva do outro marginalizado. Um exemplo é o European Feminist Forum (EFF), realizado entre 2004 e 2008. O EFF Reuniu ativistas feministas e queer de 20 países europeus e criou um espaço digital no qual mulheres ciganas, jovens feministas queer da Europa central e oriental, migrantes domésticas e trabalhadores do sexo migrantes puderam se encontrar e debater o futuro que imaginavam, que não fosse influenciado pela política dominante da União Europeia, baseada em ideias individualistas de sucesso e progresso. Vinculado ao Fórum Social Mundial, essa experiência contribuiu para formas alternativas de organização com aliceres em uma compreensão pluriversa do cuidado em grupos familiares não exploradores e não heteronormativos.

O ativismo da política do corpo, portanto, desafia a narrativa da modernidade que define gênero, corpos e sexualidade por meio das lentes do progresso. Em seu ativismo e busca por alternativas, a política do corpo inaugura outras formas de ver a política, para além do Desenvolvimento Social e econômico baseado nos direitos humanos individuais em uma suposta igualdade econômica, que seriam proporcionados pelo Estado de acordo com o estado de direito. No lugar disto, a política do corpo desvela o sistema racial/sexual de gênero que a modernidade impôs à sociedade. Ela desafia a classificação moderna baseada na norma de corpos heterossexuais, masculinos, brancos e privilegiados. Ela desafia a teoria a prática do pós-desenvolvimento a questionar e desfazer as formas como os corpos são moldados pelas relações sociais que caracterizam o capitalismo neoliberal. Ela convida o pós-desenvolvimento a se construir sobre as múltiplas resistências e rebeliões expressas nas lutas feministas e queer pela integridade corporal dos muitos "outros" e contra os privilégios do homem branco.

Em sua reivindicação da alteridade, a política do corpo é um ponto de partida essencial para repensar o pós-desenvolvimento. Também é o espaço para ação coletiva transformadora que conecta o corpo a alternativas radicais e movimentos sociais criando estratégias para transformação corporificada. O desafio para o pós desenvolvimento é levar a sério a noção de que há uma multiplicidade de corpos e formas de corporificação que exigem ir além das histórias e práticas normalizadas do desenvolvimento moderno. E, para feministas e queer, fica o desafio de entender as múltiplas e diversas maneiras de se conectar com a dimensão espiritual da vida, que permite se relacionar com os corpos não humanos ou "os outros da terra".

## PROJETOS DE VIDA

Por *Mario Blaser* - É antropólogo argentino-canadense presidente da cátedra de pesquisa em estudos aborígenes da Universidade Memorial de Newfoundland, no Canadá.

**Palavras-Chave:** boa vida, coletivos locais, pluriverso, formas de criar mundos.

O conceito de Projetos de Vida foi inspirado em um contraste assinalado por intelectuais indígenas Yshiro, do Paraguai entre a "boa vida (moderna)", que os "projetos de desenvolvimento" oferecem, e suas próprias noções de "boa vida", que emergiram de experiências vivenciadas em seu lugar. A principal diferença está na orientação: o desenvolvimento é orientado a estender, como universalmente válida, sua própria visão de uma boa vida baseada na primazia do humano, ao passo que os Projetos de Vida dos Yshiro são apenas conscientes da especificidade das versões de "boa vida" que eles promovem - e, para que ele sobrevivam, consideram ser da maior importância não atropelar outras versões.

Os Projetos de Vida são orientados, portanto, a sustentar a heterogeneidade de visões de uma "boa vida". Ao estabelecer essa distinção na orientação, os intelectuais Yshiro sugerem uma possibilidade política incipiente que se opõe a missão do desenvolvimento de criar um só mundo (Sachs, 1992). Ou seja, apontam para o pluriverso.

Tomando emprestado o termo dos Yshiro, "Projetos de Vida" é, portanto, um conceito que contribui para a realização do pluriverso, tornando visíveis e plausíveis as práticas de boa vida dos vários coletivos locais que existem no planeta. Às vezes, eles podem estar associados a povos indígenas, mas os termos não são sinônimos. Coletivos locais não são o mesmo que comunidades culturais que vivem em lugares naturais ou territórios; em vez disso, são assembleias muito específicas que acontecem em lugares específicos - uma mudança de localização os tornaria outra coisa. Um coletivo local pode ser descrito como uma rede de pessoas (humanas e não humanas) - ou seja, entidades dotadas de sua própria dignidade, vontade e propósito - que se vinculam por meio de laços sociais, incluindo familiares. Não é raro ouvir porta-vozes desses coletivos se referirem a rios, montanhas, floresta ou animais como avô, irmão, proprietário do espírito e assim por diante. Essas não são metáforas ou crenças: os termos refletem o fato de que aquilo que as instituições modernas tratariam como territórios compostos por recursos e pessoas são tratados, pelos Projetos de Vida, como conjuntos relacionais complexos de pessoas humanas e não humanas. Essa abordagem em relação às entidades que compõem um coletivo local está fundamentada em uma série de pressupostos, frequentemente expressos em lustrórias e cerimônias de origem comparatistas por muitas tradições de pensamento e prática nas Américas (Cajete, 2000).

Esses pressupostos se referem às relações interdependências que geram coletivos locais, fazendo com que seja muito difícil privilegiar as necessidades de alguns de seus componentes a custa de outros sem arriscar que o todo seja desfeito. Por exemplo, da perspectiva de um coletivo local ao qual se ofereça uma compensação para o futuro represamento de um rio, pode parecer que alguém vem até você e diz: "Vamos matar seu avô, mas não se preocupe, vamos compensar você. Vamos descobrir quanto dinheiro equivale à comida que ele poderia lhe dar e ao tempo de diversão que ele poderia lhe proporcionar", supondo que você ficaria bem depois. É por isso que os Projetos de Vida que emergem de coletivos locais estão frequentemente em desacordo com os pressupostos do desenvolvimento sobre a primazia do humano e a validade universal de sua visão de uma boa vida. De fato, dada a sua heterogeneidade inerente, os Projetos de Vida são antiéticos a um universo; eles contribuem para gerar um pluriverso. Para citar os Zapatistas: "um mundo onde caibam muitos mundos."

O pluriverso pode, portanto, ser visto como uma proposta política coletiva baseada no lugar, uma proposta que é extremamente necessária para enfrentar a urgente crise planetária evocada pelo rotulo de antropoceno, habitualmente apresentado como um efeito colateral do desenvolvimento, o resultado de a "humanidade" ter agido sem o pleno conhecimento das consequências de seus atos. Ou seja, mais e melhores conhecimentos são o caminho para resolvê-lo. Daí os esforços para integrar as ciências naturais e sociais em programas, como o Projeto de Governança do Sistema Terra. Entretanto, se transpusermos as premissas dos coletivos locais a respeito das relações apropriadas entre as entidades as relações entre os diferentes "coletivos" (locais ou não), o antropoceno aparecerá, sobre uma luz diferente, como o resultado de uma prática (o desenvolvimento) concebida como universalmente válida e sem lugar específico, que não considera a existência de coletivos locais. Sobre esse prisma as principais "soluções" para o antropoceno não são universalistas e despreocupadas com esses coletivos quanto o desenvolvimento. Esse ponto fica evidente no crescente conflito entre grandes projetos de "energia verde", por exemplo - eólica ou solar - e as comunidades locais.

Assim, em vez de soluções universalistas, o que a atual crise talvez exija é o desencadeamento de práticas heterogêneas para boa vida associada aos coletivos locais. Algo similar está sendo feito por muitos povos indígenas e afrodescendentes nas Américas, que apesar das eventuais contradições, têm intenção de realizar seus Projetos de Vida. Ao se recusar a propor visões universais, os Projetos de Vida apontam para o fato de que a paradoxal tarefa comum de concretizar o pluriverso, exige que os coletivos baseados no lugar encontrem suas próprias formas específicas de "fazer a diferença juntos", ao lado de outros coletivos com os quais que serão redes (Verran, 2013).



## LOCALIZAÇÃO ABERTA

Por *Giorgios Velegrakis* - É doutor em Ecologia política pela faculdade de geografia da universidade harokopio, em Atenas Grécia. *Eirini Gaitanou* - é doutor em estudos europeus e internacionais pelo Kings College de Londres, no Reino Unido.

**Palavras-chave:** subjetividade política, movimento de refugiados, senso de lugar, solidariedade, práxis transformadora.

Em seu famoso artigo do início dos anos 1990, "A Global sense of Place", a geógrafa feminista Doreen Massey argumentou que a ideia de um lugar como uma única identidade "essencial", baseado em uma história limitada de um território, equivocada. O que dá especificidade a um lugar é o fato dele ser construído "de acordo com uma constelação específica de relações sociais, que se reúnem e se entrelaçam em um locus particular". Essa reinterpretação radical é útil para entender algumas respostas criativas da Europa à chegada de refugiado das zonas de conflito global. Embora esteja surgindo um novo vocabulário acadêmico para "lugar", "articulação de dimensões locais, interlocais e globais", e "práticas socioespaciais radicais" e o termo "localização aberta" pode descrever novas experiências na construção de comunidades políticas radicais e processos de democratização.

Atual crise capitalista e as receitas da elite para sua recuperação servem apenas para estender e normalizar novas formas de repressão social em vários contextos geográficos. Por essa razão, nota-se desde 2011, em todo mundo, um padrão comum de protesto popular, centrado na democracia radical e na transparência da representação. Além disso, surgiram iniciativas de solidariedade na forma de redes de lutas localizadas nos espaços urbanos e através deles. Esses movimentos exemplificam uma cultura política baseada no atendimento das necessidades materiais cotidianas por meio da comunidade local. Ao cultivar uma cultura de solidariedade criada de forma coletiva, e não atribuída previamente, cada movimento outorga conteúdo ao qual David Featherstone (2015) chama de "geografias dinâmicas da atividade política subalterna e caráter generativo da luta política". Nesse sentido, o movimento de refugiados para a Europa e outros países ocidentais, em 2015, é um lembrete de que a mobilidade e o controle sobre ela refletem e reforçam o poder. Os países ocidentais buscam "administrar fluxos de refugiados" e salvaguardar fronteiras "proibidas", com Campos de detenção militarizados. No entanto, da mesma maneira que as populações locais, os refugiados precisam muito de abrigo, segurança e espaços comunitários.

Nos últimos anos, vários movimentos populares criaram espaços comunitários para refugiados e moradores locais ao fornecer moradias dignas dentro da cidade. Residentes locais, solidários com os refugiados, improvisam projetos de auto-organização e centros de solidariedade que priorizam os princípios de anti-racismo e inclusão, direito à livre-circulação, condições de vida decentes e relações de igualdade. Eles atualizam uma concepção da vida cotidiana e da luta comum que fortalece de baixo para cima, levando a criação de localidades abertas. Tais iniciativas tem ampla presença na Itália, Espanha, Suécia, Alemanha e em outros países, principalmente europeus, mas aqui nos limitamos a dois exemplos da Grécia. O primeiro é o Refugee Accommodation and Solidarity Space City Plaza, que opera desde abril de 2016 como um projeto habitacional auto-organizado para refugiados sem teto no centro de Atenas. O City Plaza

surgiu como uma resposta prática as políticas dominantes contra a migração na Grécia e na União Europeia e, nos últimos meses, se desenvolveu como uma nova localidade aberta, baseada em princípios de auto-organização, autonomia e solidariedade. O segundo exemplo é o social Solidarity Medical Centre of Thessaloniki, que opera Desde dezembro de 2010 como um coletivo de assistência social, oferecendo o tratamento médico e farmacêutico primário a residente em planos de saúde. Começou com um grupo de ativistas e médicos dispostos a fornecer cuidados de saúde aos imigrantes, mas logo tornou-se um espaço de atenção à saúde de todos - locais ou imigrantes - que não podiam pagar pelo Sistema Nacional de saúde grego.

Esses empreendimentos dão sentido ao que podemos identificar como "localização aberta", um processo que transforma as localidades existentes em locais abertos para solidariedade social e política. Os espaços comunitários incentivam práticas sócio-espaciais específicas, que atendem as demandas da vida cotidiana enquanto cultivam experimentação social democratizadora, auto-organização e formas multiculturais de coexistência.

Localidades abertas são paradigmas de "comunidades políticas em construção", pois combinam lutas sociais e políticas e moldam os participantes como sujeitos políticos/cidadãos. Essas formas de luta propõem uma articulação radical dos interesses sociais e das formas de defendê-los. Seus projetos se referem a um novo modelo de politização e expressam a necessidade de reapropriação da participação coletiva, da criação de espaços públicos e da experimentação social, além de contra instituições alternativas. O que está em jogo aqui é a necessidade de "mudança para o político" que valem de suas formas tradicionais de exercício, tendo a política de rua como um forte componente.

Segundo o filósofo francês Jacques Rancière (2011), o caráter político de um movimento está relacionado com a busca de espaços de ação, de discurso e de pensamento, e excede a mera afirmação de um grupo concreto. Nesse sentido, a esfera pública se expande, a política conceituada como uma "determinação ativa", e as identidades são como "processos políticos em andamento". Assim, podemos identificar as iniciativas de solidariedade anteriormente mencionadas como localidades abertas que executam políticas e, conseqüentemente, a democracia como modo de vida - "como uma arte da vida". Isso expressa não apenas um meio de transição e organização da sociedade como também de constante auto-transformação, democratização e aprendizado: são processos de constituição do povo como sujeito coletivo. Esse tipo de ativismo, mediado por práticas espaciais, questões da vida cotidiana e formas de organização, leva a processos unificados específicos, sem necessariamente induzir a construção de novos corpos sociais unificados, mas materializando um esquema de "unidade na diversidade" as conexões não se formam apenas por meio da solidariedade, e sim de mobilização, interesses e demandas comuns.

Relatos simplistas idealizam esses movimentos iniciativas de solidariedade que, no entanto, estão repletos de tensões, limitações e complexidades. As localidades abertas que eles criam devem ser analisadas como "fenômenos e movimento constante" que transformam suas práticas, metodologias e relações internas. No entanto, conceituam de maneira relacional - e, às vezes controversa - "um senso radical de lugar", que deve sempre ser aberto e democrático.

## SENTIPENSAR

Por *Patricia Bottero Gómez* - É professora de Ciências Sociais e humanas na universidade de manizales, na Colômbia. É membro do grupo de acadêmicos e intelectuais em defesa do pacífico colombiano e colabora com a campanha outro Pacífico possível do processo de comunidades negras

**Palavras-Chave:** genealogia do rio, povos afrodiáspóricos, teoria sócio-territoriais em movimento, ontologias relacionais.

Sentipensar é uma palavra enunciada por pessoas e pescadores afrodescendentes em muitas comunidades ribeirinhas da Colômbia. "Sentipensar significa agir com o coração usando a cabeça", como um pescador do Rio San Jorge, no Caribe Colombiano expressou a sociólogo Orlando Fals Borda em meados da década de 1980 (Fals Borda, 1986). Sentipensar constitui um léxico afetivo desses povos que, a unir experiência e linguagem criam uma promessa revolucionária, uma gramática Para o Futuro. "O coração, tanto quanto ou até mais do que a razão, tem sido até hoje uma defesa eficaz dos espaços das comunidades de base. Essa é a nossa força secreta, ainda latente, porque outro mundo é possível" (Fals Borda, 2008).

Sentipensar é uma visão e uma prática radicais de mundo, uma vez que é questiona a separação abrupta que a modernidade capitalista estabelece entre mente e corpo, razão e emoção, humanos e natureza, secular e sagrado, vida e morte. É um elemento poderoso no dicionário dos povos que encontramos na genealogia das culturas ribeirinhas e anfíbias e pode ser percebido nessas outras histórias e geografias que sobrevivem como dizem as comunidades do Rio Patía "bibliotecas vivas" inscritas no coração e em formas intergeracionais de habitaram o mundo. Essas formas de existência revelam as visões de mundos relacionais fundamentadas entre as esferas humanas e não humanas, que esses povos foram capazes de defender em meio ataques ferozes da moderna ontologia da separação (Escobar, 2014). Como disse um líder da comunidade Negra de La Toma, no sudoeste da Colômbia, referindo-se a luta de sua comunidade contra o projeto de desvio de seu amado Rio Orejas para alimentar a grande represa de Salvajina: "O rio não é negociável, honramos nossas tradições, aprendidas com nossos avós, nossos ancestrais e antepassados, e esperamos que seja isso que nossos renascidos\* aprendam".

Sentipensar expressa uma resistência ativa a triade capitalista de desapropriação, guerra e corrupção que apaga as cosmovisões ancestrais - às vezes milenares - que acompanham as lutas dos povos. As comunidades de base tem uma compreensão cristalina disso; como eles mesmos dizem, "para el desarrollo entre, la gente tiene que irse" [para o desenvolvimento entrar, as pessoas tem que sair]. O processo de comunidades negras (PNC), uma grande rede de organizações negras, explica essa compreensão nos termos da inter-relação que precisa existir entre ser negro (identidade) o espaço para ser (território), a autonomia para o exercício de ser e sua própria visão do futuro, vinculando esses princípios a reparação das dívidas históricas causadas por políticas racistas persistentes. Esses

princípios estavam em jogo na recente convergência de mulheres negras cuidadoras da vida e dos territórios ancestrais, que afirmava que "Nossa política se baseia no afeto, no amor e na bondade coletivos" (PCN, 2016).

A globalização acentuou os conflitos ontológicos entre visões de mundo ou cosmovisões. No Rio San Jorge, Por exemplo, as comunidades pesqueiras coexistiam com a expansão colonial do gado; hoje, a mineração legal e ilegal destrói os manguezais e faz com que os jovens abandonem seus conhecimentos e seu comércio. Afirmam, porém, que continuarão a plantar manguezais, porque sem eles não há peixe e sem peixe não há pescadores nem pescadoras. Sentipensar habita no conhecimento ancestral e nas economias dos povos, como nos projetos de jovens de comunidade afrodescendentes no sudoeste da Colômbia como os do Rio Yuruma ngut e de La Alsacia. Nesses projetos autônomos, jovens e mulheres confrontam o modelo capitalista patriarcal de educação e economia que arrastou com as formas comunitárias de conhecimento consubstanciais e mundos de vida. É a partir dessas zonas de afirmação do Ser que as pessoas criam suas próprias teorias socioterritoriais em movimento, que nos permite visualizar as autonomies coletivas e plurais enraizadas nos territórios e uma série de alternativas de transição que as categorias disciplinares convencionais, funcionais ao sistema da modernidade capitalista, tornam invisíveis.

Essas formas de resistência afro-latina sustentadas pelo sentipensar constitui uma política de esperança que reimagina o mundo segundo realidades que não foram inteiramente colonizadas por categorias modernas. Eles sentipensam e imaginam mundos livres da dependência da capitalização da vida, do Estado e dos discursos do progresso. Entre silêncios, esquecimento e eloquência sem palavras, *la palabra* é cantada por tambores nascidos da dor dos povos negros escravizados, que conhecem bem a existência dos belos mundos contidos nas águas, nos pássaros e nas árvores. Tal como expressam: "Se não há inspiração, não há vida, e é por isso que a música e a alegria vem das canções e dos idiomas do Rio". Ao ritmo do tambor e da terra, esses grupos criam referências para o nosso tempo, que nos permitiriam passar das políticas da morte para as políticas da vida. Eles nos chamam a sentipensar com a Terra e a ouvir pensamento dos territórios e de seus povos, em vez de prestar atenção a categorias descontextualizadas de desenvolvimento e crescimento.

O sentipensar ocorre entre as mingas e as tongas (formas coletivas tradicionais de trabalho indígena e afrodescendente, respectivamente), orientadas para o pós-desenvolvimento e o Bem Viver. Sentipensar com o território implica pensar a partir do coração e da mente - o *corazonamiento*, como dizem as pessoas inspiradas pela experiências zapatista. Assim nos interstícios e contos discursos e práticas racistas e patriarcalis e contra o conhecimento acadêmico convencional, sobrevive uma área de afirmação do ser que cura o vínculo primário com a terra e os territórios; aqui reside uma das fontes mais férteis de soberania alimentar e de autonomia cultural e política dos povos.

\* Renascidos é uma Categoria usada pelas comunidades negras. Sugere que tudo está renascendo de forma constituinte. Aqui, o termo se refere às próximas gerações.

## MOVIMENTO DE TRANSIÇÃO

Por Rob Hopkins - É fundador do movimento transition e vive em tótenes, Reino Unido, é também jardineiro e diretor de uma cervejaria artesanal.

**Palavras-chave:** localização, resiliência, REconomia, transição, mudanças climáticas.

O movimento *Transition* começou em 2005, no Reino Unido, e foi oficialmente concebido como uma "desintoxicação da opulência Ocidental". Inspirado pelo modelo de "contração e convergências do Global Commons, tinha como objetivo ajudar as pessoas a entender a escala de cortes nas emissões de carbono que as nações ocidentais deveriam assumir como um "em direção a" algo, em vez de "afastar-se de fechar" algo insubstituível. Embora emergisse das raízes do movimento de permacultura, do biorregionalismo e do movimento de localização, também se inspirou no movimento das mulheres, nas culturas indígenas e em muitos outros. Inicialmente enquadrado como "uma resposta às mudanças climáticas e ao pico do petróleo" (Hopkins, 2013), o movimento ganhou força com a necessidade de entender que esses dois desafios requerem uma mudança profunda, que prescinde dos combustíveis fósseis e também são uma oportunidade histórica para fazer algo novo e extraordinário. Desde sua criação, o conceito evoluiu, se adaptou e desenvolveu suas experiências em uma "rede de aprendizado". Atualmente, existem mais de 1,4 mil iniciativas semelhantes em 50 países. A *Transition Network*, instituição sem fins lucrativos sediada no Reino Unido, foi criada para apoiar sua evolução e descreve a transição como um movimento de comunidade que reimaginam e reconstrói o mundo.

O movimento de transição se espalhou com base na ideia do Código Aberto. Além de alguns princípios e valores-chave, as comunidades são convidadas a adotar o modelo, adaptá-lo, e se apropriar dele. Existem dois elementos que se destacam no modelo de transição. Um dos que evoluiu desde o início é o da REconomia. Muitos grupos de transição criaram projetos vinculados a temas como alimentação, energia, moradia ou qualquer outra coisa, mas não possuem as habilidades necessárias para transformá-los em empresas viáveis e sustentáveis. A REconomia desenvolve ferramentas e modelos para possibilitar um investimento comunitário, como os fóruns locais de empreendedores e as opções de compartilhamento, e cria ferramentas como projeto econômico local para permitir que os grupos de transição ressaltem a importância econômica do que fazem.

A outra vertente principal que evoluiu dentro do movimento é chamada de "transição interna". Essa linha reconhece que a maneira como os grupos realizam um projeto importa tanto quanto aquilo que eles fazem. Trata-se de trabalhar de uma forma que priorize a atenção aos fatores que levam ao esgotamento, desenvolva habilidades vitais para tomada de decisões, realize reuniões eficazes, gerencie conflitos e assim por diante. Trabalhar como ativistas de uma sociedade sustentável fazendo uso de ferramentas enraizadas nos próprios modelos que tentamos mudar é contraproducente. A transição interna se inspira em uma variedade de transições psicológicas e espirituais, bem como em grupos de afinidade predominantes no movimento feminista da década de 1970.

Sua abordagem de desenvolvimento é muito diferente daquelas promovidas pelos governos ocidentais. Ela se concentra em:

**Localização apropriada:** trazer a produção de alimentos, a geração de energia e os materiais de construção para mais perto do consumidor;

**Resiliência:** implantar infraestrutura que permita as comunidades estarem mais bem posicionadas para resistir a choques, aproveitando a oportunidade para reimaginar a economia local e atender as necessidades locais com mais eficiência;

**Baixo o carbono:** desenhar projetos e empresas que sejam inerentes de baixa emissão de carbono na forma como operam e no que produzem;

**Ativos comunitários:** sempre que possível, deve-se tratar de incorporar os ativos (terrenos, negócios, geração de energia, edifícios) à propriedade da comunidade, para aprimorar o controle de suas capacidades de moldar seu futuro;

**Limites naturais:** reconhecer que não vivemos mais em um mundo onde crédito, recurso e energia são infinitos;

Não é apenas para lucro pessoal: uma variedade de modelos de negócios está surgindo, como empresas sociais e aquelas que priorizam a maximização do retorno social. Abordagem da transição está se espalhando. Universidades e governos locais começam a considerá-la. Interessa cada vez mais a trabalhadores da saúde pública. Também é adotada por ativistas sociais e se reverbera em alguns círculos políticos europeus. Foi fascinante ver o surgimento de iniciativas de transição na América do Sul e em outros lugares, ao lado de movimentos complementares do Bem Viver e Via Campesina. Em São Paulo a *Transition Brasilândia* está contribuindo para que uma favela se auto-organize por meio do empreendedorismo social, combate violência contra as mulheres e fomenta a saúde pública e a Agricultura Urbana. Em Grayton, uma cidade marcada pela era do Apartheid sul-africano a transição foi introduzida por Nicola Vernon, que disse: "como motor de integração Social é o melhor que encontrei em 30 anos trabalhando em bem-estar social". O grupo iniciou muitos projetos com escolas locais, incluindo um festival Trash to Treasure (do lixo ao luxo), o plantio de milhares de árvores e a construção de novos edifícios usando "eco-tijolos" - garrafas plásticas vazias, preenchidas com lixo não reciclável

O movimento de transição recebeu algumas críticas. Para o Coletivo Trapese a ênfase das ações individuais nega importância da mudança estrutural. No entanto, os transicionistas argumentam que seu método de construir alternativas ativamente, busca um terreno comum em vez do conflito político e encontram uma definição diferente do que constitui a política é uma proposta igualmente válida para alcançar mudanças estruturais outros acusam um movimento de se envolver apenas em ações de pequeno escala. Essa visão bastante descendente ignora as realizações mais ambiciosas dos grupos de transição no fortalecimento das conexões sociais e em dar às pessoas a confiança para assumir projetos maiores. Outros criticam a composição predominantemente branca e de classe média do movimento. Esse é um desafio observado em muitos movimentos de mudança, que inúmeros grupos de transição estão trabalhando para enfrentar, mudando o foco para as necessidades locais, a criação de meios de subsistência e o potencial que favorece o envolvimento mais amplo.

Desde o início, a transição foi entendida como um movimento modelado nos fungos micorrizicos isso é, aqueles que se espalham com seus próprios impulsos, se auto organizam, criam redes, encontram o seu próprio caminho - às vezes, dão frutos quando se espera; outras vezes, dependem de um processo passo a passo. Embora a transição possa aprender muitas coisas com outros movimentos e abordagens, ela também, depois de anos de experimentação tem muito oferecer.

## ECOSSISTEMAS COOPERATIVOS

Por *Enric Duran i Giral*. É natural de Vila Nova i la Geltrú, na Catalunha. É conhecido como "Robin Banks" ou "o Robin Hood dos bancos". Ativista anticapitalista, é membro fundador da cooperativa Integral catalana e do Bank of the Commons

**Palavras-chave:** movimentos populares de base, bens comuns, economia alternativa.

Como processo de construção de uma sociedade pós-capitalista, entendemos que um ecossistema cooperativo consiste na criação de relações cooperativas em todos os aspectos da vida, como economia, política, ecologia, cultura e as necessidades humanas. Os ecossistemas cooperativos são antagonistas ao sistema capitalista e aos estados nacionais; seu objetivo é estabelecer e disseminar relações de solidariedade entre os participantes e, progressivamente, gerar autonomia na maior quantidade possível de esferas da vida social. São chamados de ecossistema porque tem como base princípios, códigos, conexões e ações que permitem que cada projeto e que todos os seres humanos envolvidos tenham a sua disposição todo tipo de facilidades para satisfazer tantas necessidades quanto possível. Nesse esquema, cada parte tem um papel, de modo que o todo só é possível com a participação dessas partes. Dizemos que são cooperativos por que todas as iniciativas e indivíduos envolvidos se baseiam em apoio mútuo, solidariedade e equidade, gerando práticas cooperativas que se opõem às experiências competitivas que predominam nos sistemas capitalistas.

Na verdade, a frase é adotada principalmente a partir da FerCoop, que introduziu a ideia em seu lema de 2016: "ecossistema cooperativo da Terra para uma economia justa". Um ecossistema cooperativo pode se tornar um ponto de encontro sinérgico para diferentes modelos de economia alternativa unindo práticas com as quais qualquer uma das realidades esteja de acordo. Esses ecossistemas podem funcionar o local ou globalmente de forma interrelacionada. A seguir estão alguns elementos-chaves de um ecossistema cooperativo:

**Abertura:** um aspecto fundamental é que indivíduos, coletivos ou mesmo redes e outros processos ecossistêmicos possam desfrutar facilmente das ferramentas do ecossistema cooperativo. Essa inclusão permite que as iniciativas sejam fluidas e versáteis, sem decisões autoritárias que fechem espaços o que gerem desavença entre os participantes.

**Assembleias e democracia direta:** a tomada de decisões por consenso é a chave para manter o frescor do processo durante os estágios iniciais de desenvolvimento. No longo prazo, é possível que um processo bem sucedido necessite da introdução de uma votação, devido a saturação dos espaços participativos, mas é importante que, nos anos iniciais o consenso seja o caminho para decidir sobre questões comuns.

**Construção dinâmica:** é importante que a interação entre meios e fins seja fluida e flexível. Não podemos desenvolver uma transição para mudança sem uma ideia compartilhada a respeito da direção dessa mudança. É necessário ter um plano, mesmo que ele se modifique a cada assembleia. Um plano futuro não pode ser um documento intocável, porque isso tiraria a liberdade e o poder constituinte daqueles que estão construindo e aprendendo no processo.

**Autogestão sustentável do processo de transição:** a construção de uma série de instituições e capacidades produtivas requer investimentos em materiais, tempo, experimentação e aprendizagem. No caso das cooperativas econômicas, os custos advindos de erros podem significar uma despesa econômica significativa antes gerar renda suficiente para recuperar esses custos. Para não depender de atores externos, como estado ou a empresa capitalista que poderiam desvirtuar o projeto -, precisamos ter desde o início, uma ideia clara e criativa para acessar recursos. Podem ser exemplos de aprendizagem a experiência de desobediência econômica em relação às instituições políticas para reinvestir o dinheiro dos impostos em autonomia comunitária, como fez a Cooperativa Integral Catalana ou a recuperação do valor de uma criptomoeça como a FairCom, uma moeda digital, apoiada por um movimento global cooperativo de base, com a finalidade de prover o desenvolvimento da FerCoop. No entanto, para que esses processos de transição funcionem em, precisamos de ferramentas estratégicas, como as seguintes ferramentas autônomas:

**Mercado social:** a confusão habitual entre mercado e capitalismo tornou historicamente difícil, dado o antagonismo em relação ao sistema neoliberal, debater de maneira construtiva qual poderia ser o papel de um mercado no desenvolvimento de alternativas. Um mercado com valores relacionados ao processo que está sendo construído tem um papel muito importante para gerar relações de cooperação entre diversas comunidades, tanto em nível local quanto no comércio entre diferentes regiões, considerando a prioridade dos circuitos locais, para que estejam em consonância com a natureza. A criação de processos de distribuição de recursos fora dos mercados exige um grande consenso dentro da comunidade política. Um mercado permite que, sempre que tal consenso não exista, os participantes ainda possam satisfazer as diversas necessidades cotidianas de materiais e serviços. O mercado justo ou social pode ter muitas formas, desde uma rua até uma plataforma online.

**Moeda:** a moeda foi uma das principais invenções da história, permitindo que construíssemos sociedades complexas nas quais as trocas de produtos e serviços podem se realizar de maneira rápida e eficiente entre pessoas desconhecidas, sem a necessidade de que os participantes dispunham de produtos de mesmo valor e utilidade. Ter uma ou muitas de nossas próprias moedas é um elemento chave para as práticas cotidianas em um ecossistema cooperativo. Atualmente, além da troca, sistemas descentralizados como a tecnologia Blockchain facilitam transações online seguras. A moeda é um importante depósito de valor que permite incorporar poupanças e investimentos como parte dos elementos estratégicos na construção de ecossistemas.

**Projetos comuns e projetos autônomos:** por analogia com espaços públicos e privados presentes nos Estados modernos, os ecossistemas cooperativos têm basicamente dois tipos de relacionamento. A maioria dos projetos é autônoma, ou seja, uma pessoa ou um grupo de pessoas toma suas próprias decisões para oferecer seus produtos ou serviços. A partir disso geram sua própria renda e, assim, fornecem uma contribuição progressiva ao orçamento comum. A Cooperativa Integral Catalana tem aplicado essa metodologia com sucesso desde 2010. Um projeto comum depende do processo decisório de seus participantes e está respaldado por recursos gerados por projetos autônomos. Sua função possivelmente serve para atender às necessidades dos participantes ou tem um objetivo estratégico.

## ICCAs: territórios de vida

Por *Grazia Borrini-Feyereabend* - É cofundadora do ICCA Consortium. Trabalhou em mais de 60 países, em 5 idiomas, e publicou 25 livros. *M. Taghi Farvar* - É cofundador do ICCA Consortium e foi presidente da instituição durante o período de 2010 a 2018, ano de seu falecimento. É filho de uma tribo nômade de Shahshevan, no Azerbaijão Iraniense.

**Palavras-Chave:** território, vida, governança, povos indígenas, comunidades locais e bens comuns.

Em todas as épocas e em todas as culturas do mundo, há um fenómeno que parece tão forte, tão natural que é quase invisível. Trata-se do vínculo único, profundo e rico, às vezes visceral, que liga um povo ou uma comunidade específica ao seu próprio território: à Terra, à água e os seus recursos naturais de onde vive e dos quais vivem. Em todo o mundo, muitos termos são usados para descrever esse vínculo especial: Bem Viver, *tagao, qoroq e bumi*, *yerli qorukh, faritra jfempivelo-mana*, domínios ancestrais, país, área conservada da comunidade, área natural sagrada, área marinha gerenciada localmente e muitas outras que representam significados únicos para povos e comunidades únicas. Neste segundo milénio esse fenómeno foi apontado como uma característica essencial da humanidade ele foi dado o nome em língua Franca: ICCAs - territórios de vida, uma abreviação que pode ser usada em todos os idiomas e culturas.

Em suma, ICCAs são "territórios e áreas conservadas por povos indígenas e comunidades locais" - espaços naturais únicos, nos quais combinam-se associação, comunidade, território, governança local e conservação da natureza. Os ICCAs, portanto, abrangem, mas nunca devem substituir, uma riqueza de termos locais que são valor em si mesmos. Certamente, para os povos indígenas defensores da Terra e as comunidades tradicionais, o vínculo que os conecta ao seu território é mais rico do que as palavras podem expressar. É um vínculo de subsistência, energia e saúde, uma fonte de identidade, cultura, autonomia e liberdade. Conecta gerações, preserva memórias e práticas do passado e as vincula ao futuro desejado. É o terreno no qual as comunidades aprendem, identificam valores e desenvolvem o autogoverno. Para muitos, o "território" também une as realidades visíveis e invisíveis, a riqueza material e espiritual. Associada ao território e à natureza estão a vida, a dignidade e autodeterminação de um povo.

A presença de um "ICCA - território de vida" implica uma "instituição de governança local", constituída pelo conselho de anciões, por assembleias de aldeias, autoridade espiritual, normas culturais arraigadas, que desenvolve as regras de acesso e garante o respeito a elas e ao uso dos recursos naturais comunitários, cujos resultados são positivos tanto para a natureza quanto para as pessoas. Estão presentes 3 características definidoras:

"Laços fortes e profundos" entre um povo indígena ou uma comunidade local e um território ou área; Pessoas ou comunidades interessadas "tomam e fazem cumprir decisões" sobre esse território ou área; Decisões e esforços do povo ou da comunidade levam a "conservação da natureza" e da "vida, dos meios de subsistência e dos valores culturais associados".

Naturalmente, os fenómenos socioecológicos são complexos. Podem existir "ICCAs definidas" (que exibem todas as três características definidoras), "ICCAs interrompidas" (que cumpriram as três no passado, mas hoje não o fazem devido a problemas que podem ser revertidos ou neutralizados) e até "ICCAs desejadas" (que cumprem apenas uma ou duas características definidoras mas possuem o potencial de desenvolver a terceira).

Apenas as comunidades ou as pessoas que o governa e gerencia podem identificar e manter um ICCA. Tantos pescadores que se envolvem em operações de vigilância de sua área protegida de estuários, em Casamance, no Senegal, quanto às Comunidades pastoris indígenas do Ira, que tomam decisões importantes sobre quando migrar para as suas pastagens de verão e inverno, sabem que tem um ICCA. Os povos indígenas da região Amazônica, que resistem veementemente às adversidades causadas pela construção de barragens e de estradas pela operação de mineração, e as comunidades rurais da Espanha, cujos bens comuns estão no centro da identidade e da cultura local, sabem que seu vínculo é forte e eficaz o suficiente. Os habitantes da floresta de Bornéu, que reconhece centenas de plantas e animais benéficos, e as mulheres malgaxe, que regulam a coleta de polvos para garantir abundância na próxima temporada de pesca, podem reconhecer e discutir os resultados da conservação.

Hoje, o termo ICCA ganhou vida própria. É usado por conservacionistas e agências governamentais com um tipo de governança para conservação da natureza (FNUMA, 2016). Os ICCAs são reconhecidos como áreas protegidas sob um tipo específico de governança, como as áreas "conservadas" e/ou por meio de acordos apropriados em sobreposição a áreas protegidas sobre vários tipos de governança. No que diz respeito ao seu alcance e contribuição para conservação, os ICCAs são, provavelmente, iguais às áreas protegidas oficiais ou até mesmo mais importantes do que elas, e são, portanto, cruciais para alcançar as metas globais de preservação.

Os ICCAs oferecem "padrões duradouros de conservação" que dependem da integridade e das capacidades locais, em vez de conhecimento e financiamento externos. Sustentam meios de subsistência, paz e segurança, assim como identidade e orgulho cultural. São mecanismos que não se fundamenta no mercado para mitigar as mudanças climáticas e ajudar no processo de adaptação a elas. Além disso, ajudam a alcançar a maioria das metas do plano estratégico para a biodiversidade 2011-2020 (Kothari & Neumann, 2014) e contribuem para a maioria dos objetivos da estrutura de desenvolvimento sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU). Para os povos indígenas Guardiões e as comunidades locais, no entanto, os ICCAs permanecem essenciais para a vida e a subsistência, para que desfruem de direitos e responsabilidades coletivas sobre a terra, a água e os recursos naturais, além de garantirem o respeito por conhecimentos, práticas e instituições essenciais à cultura. Essas são as razões cruciais pelas quais centenas de povos indígenas, organizações comunitárias e de apoiadores e indivíduos da sociedade civil uniram forças no ICCA Consortium - uma associação internacional que, em todo mundo, defende os ICCAs contra várias ameaças recorrentes e promove seu reconhecimento e proteção adequados como "territórios de vida".

## APÊNDICE C

# Narrativa

## LENDA



UAUIARÁ  
BOTO COR DE ROSA



Lenda é uma narrativa transmitida, em via de regra, oralmente pelas pessoas e se preocupa em explicar acontecimentos misteriosos ou sobrenaturais, misturando fatos reais, com imaginários ou fantasiosos. A lenda é dinâmica, pois os fatos vão se modificando através do imaginário popular.

A lenda do Boto é originária da região amazônica sendo também conhecida pela denominação "boto cor-de-rosa" ou "Uaiuará".

Reza a lenda que nas noites de Festas Juninas, o boto, animal dos rios da Amazônia, sai dos rios e transforma-se num homem muito atraente.

Seu objetivo é atrair e seduzir as mulheres para levá-las ao fundo dos rios e acasalar. Por este motivo, a cultura amazônica costuma afirmar que o boto é o pai de todos os filhos de origem desconhecida.

# Narrativa

## POEMA



O poema é um gênero textual dividido em estrofes e versos. Cada estrofe é constituída por versos. Introduzidos pelo sentido das frases - e mais raramente em conversa. Ao narrar em poesia, é possível acessar a mensagem de forma interpretativa e sonora, apresentando uma musicalidade, presente nos poemas

**No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.**

**Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.**



# Narrativa

## ARTE VERBAL



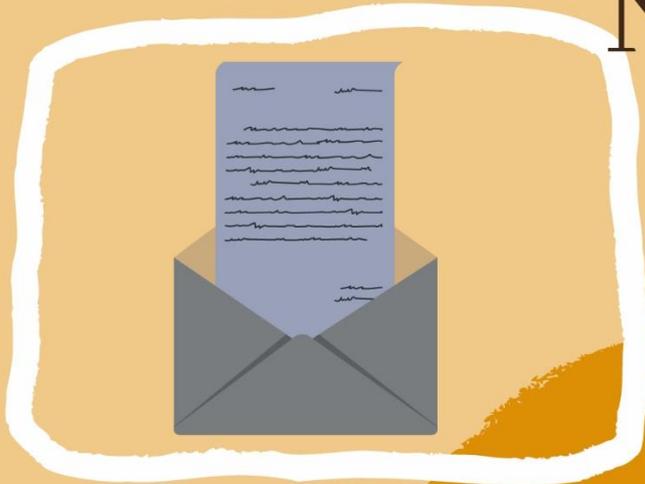
Na cultura dos povos originários, as histórias contadas pelos mais velhos às crianças e jovens vêm recheadas dos costumes das aldeias. A riqueza da palavra viaja por diversas gerações. Abaixo leia um trecho da entrevista do escritor Daniel Munduruku mestre e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, pós-doutor em Linguística pela Universidade de São Carlos.

**“Tudo está escrito, dizem os sábios. Está escrito na natureza, no universo. A gente tem apenas que saber ouvir o chamado. Sendo de uma tradição que sabe ouvir o chamado da natureza, aprendi que as coisas estão interligadas e podem reverberar de fora para dentro. Se eu falo, as palavras devem sair como um sopro sagrado; assim, se tornam educação, escrita, sonhos. Nesse sentido, entendo que a palavra falada e a escrita são frutos da mesma árvore. É tudo uma questão de compreender que há sacralidade em cada coisa que a gente realiza. O resultado é uma vida com inteireza e mais humanamente vivida.”**



# Narrativa

## CARTA



A carta ou correspondência é uma comunicação direta em que a principal característica desse gênero textual é a existência de um emissor (remetente) e um receptor (destinatário). A carta é um texto dialógico, com caráter mais subjetivo e informal. Entretanto também pode ser direcionada à determinada instituição, ter certo viés crítico social e ser de domínio público (carta aberta), prevalecendo a argumentação e a formalidade.

Querida mãe,

Estou escrevendo esta carta para te contar um pouco mais da viagem. Eu cheguei exatamente na quinta-feira passada. O voo foi tranquilo, sem sustos. No primeiro dia, como você já deve saber, passei o dia dormindo para me adaptar ao fuso. Na manhã seguinte, visitamos a Torre Eiffel e o Arco do Triunfo. Você amaria estar aqui. A França é um lugar é cheio de igrejas medievais e históricas.

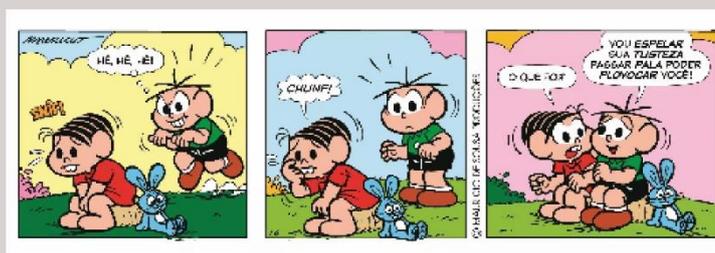
A faculdade começa apenas daqui duas semanas. Vou aproveitar para conhecer outros lugares. É claro que acabei gastando algum tempo resolvendo algumas questões burocráticas, mas está tudo certo! Espero que você esteja bem e que nos vejamos em breve.

Um beijo,  
Seu filho

# Narrativa

## HISTÓRIA EM QUADRINHOS

É uma construção gráfica que revela quadro a quadro o conteúdo de um conteúdo audiovisual. Pode ser utilizado para repassar mensagens importantes e sempre oferece gráficos como uma série de ilustrações ou imagens arranjadas em sequência com um propósito. Esse propósito pode ser a pré-visualização de um filme, animação, gráfico animado ou a história em quadrinho em si. Também é considerada uma forma de arte que conjuga texto e imagens com o objectivo de narrar histórias dos mais variados géneros e estilos.



## APÊNDICE D

# CARTA

## DAS CIDADES EDUCADORAS



ASSOCIAÇÃO  
INTERNACIONAL DE  
**Cidades  
Educadoras**

# CARTA DAS CIDADES EDUCADORAS

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL  
DE CIDADES EDUCADORAS (AICE)  
[www.edcities.org](http://www.edcities.org)

© DA EDIÇÃO: AICE

DESIGN E MAQUETAGEM  
[www.wayava.net](http://www.wayava.net)



Atribuição - NãoComercial - SemDerivações



ASSOCIAÇÃO  
INTERNACIONAL DE  
**Cidades  
Educadoras**



**Ajuntament  
de Barcelona**



Os municípios com representação no Congresso Internacional das Cidades Educadoras, celebrado em Barcelona em 1990, incluíram na Carta Inicial os princípios básicos pelos quais se deve reger o impulso educativo da cidade. Partiam da convicção de que o desenvolvimento dos seus habitantes não pode ser deixado ao acaso. A Carta foi revista no II Congresso Internacional (Bolonha, 1994), no VIII Congresso (Génova, 2004) e em 2020, para adaptar as suas perspetivas aos novos desafios e necessidades sociais.

A presente Carta baseia-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948); na Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial (1965); no Pacto Internacional sobre os Direitos Económicos, Sociais e Culturais (1966); na Convenção sobre os Direitos da Criança (1989); na Declaração Mundial sobre Educação para Todos (1990); na 49 Conferência Mundial sobre a Mulher celebrada em Pequim (1995); na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2001); na Carta Mundial pela Direito à Cidade (2005); na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006); no Acordo de Paris sobre o Clima (2015) e na Agenda 2030 sobre o Desenvolvimento Sustentável (2015).

# PREÂMBULO

**Hoje, mais do que nunca, as cidades ou as vilas, grandes ou pequenas, dispõem de inúmeras possibilidades educadoras, mas sobre os municípios também podem incidir forças e inércias deseducadoras. De uma forma ou de outra, a cidade apresenta elementos importantes para uma educação integral: é um sistema complexo e, ao mesmo tempo, um agente educativo permanente, plural e poliédrico, capaz de potencializar os fatores educativos e de transformação social.**

Na Cidade Educadora, a educação transcende as paredes da escola para impregnar toda a cidade. Uma educação para a cidadania, na qual todas as administrações assumem a sua responsabilidade na educação e na transformação da cidade num espaço de respeito pela vida e pela diversidade.

**“ A educação transcende as paredes da escola para impregnar toda a cidade. ”**

A Cidade Educadora vive um processo permanente que tem como finalidade a construção da comunidade e de uma cidadania livre, responsável e solidária, capaz de conviver na diferença, de solucionar pacificamente os seus conflitos e de trabalhar “pelo bem comum”. Uma cidadania consciente dos desafios que a humanidade enfrenta atualmente, com conhecimentos e competências que lhes permitam tornar-se corresponsáveis pela procura de soluções exigidas pelo momento histórico que vivemos.

A Cidade Educadora tem personalidade própria, integrada no país do qual faz parte. A sua identidade é, por conseguinte, interdependente da do território em que está inserida. É, também, uma cidade relacionada com o seu meio envolvente, com outros núcleos urbanos do seu território, com os meios rurais que a rodeiam e as cidades dos outros países. O seu objetivo constante será aprender, inovar e partilhar, e, portanto, enriquecer e tornar mais segura e digna a vida dos seus habitantes.

A Cidade Educadora tem de exercitar e desenvolver a sua função educadora em paralelo com as tradicionais (económica, social, política e de prestação de serviços), com o olhar posto na formação, promoção e desenvolvimento de todas as pessoas de qualquer idade para responder às suas necessidades formativas de modo permanente e em todos os aspetos da vida.

A educação começa na infância, mas nunca termina e jamais se reduz à formação laboral ou profissional. Uma educação ao longo da vida que tenta mobilizar as consciências para conciliar a liberdade com a responsabilidade, despertando o sentido da interdependência entre as pessoas e a natureza como forma de habitar a cidade e o planeta; fomentando a reflexão e o pensamento crítico, a capacidade de compreender problemas complexos; incentivando a participação corresponsável na formulação e desenvolvimento de políticas; imaginando e promovendo modos de vida que não impliquem a destruição do território ou favoreçam a desigualdade entre as pessoas.

As razões que justificam este papel educativo são sociais, económicas e políticas orientadas, acima de tudo, para um projeto cultural e educativo eficiente e que promova a convivência. São estes os grandes desafios do século XXI: primeiro, “investir” na educação, em cada pessoa, para que cada vez mais seja capaz de refletir, exprimir, afirmar e desenvolver o próprio potencial humano, com a sua singularidade, criatividade e responsabilidade. Em segundo lugar, promover condições de plena igualdade para que todas as pessoas se sintam respeitadas e sejam respeitadoras, capazes de dialogar e escutar ativamente. Em terceiro lugar, combinar todos os fatores possíveis para que uma verdadeira sociedade do conhecimento possa ser construída, cidade a cidade, vila a vila, aldeia a aldeia, sem exclusões. E em quarto lugar, aprender e desenvolver a consciência da comunidade e as competências necessárias para organizar a vida em comum em condições de igualdade e justiça.

**“ Aprender e desenvolver a consciência da comunidade e as competências necessárias para organizar a vida em comum em condições de igualdade e justiça. ”**

As Cidades Educadoras, com suas instituições de ensino formal e as suas intervenções não formais (com fins educativos fora da educação regulamentada) e informais (não intencionais ou planeadas), colaborarão entre si, bilateral ou multilateralmente, para tornar a troca de experiências uma realidade. Com espírito de cooperação, apoiarão mutuamente projetos de estudo e investimento, tanto sob a forma de cooperação direta, como em colaboração com organismos internacionais.

A garantia dos direitos da criança, do adolescente e do jovem na cidade passa, em primeiro lugar, por garantir integralmente a sua condição de protagonista da sua própria vida e o desenvolvimento dos seus direitos civis e políticos; também devem ser capazes de participar na vida da comunidade por meio de mecanismos representativos e participativos de qualidade, ao lado dos adultos e dos seniores, promovendo a convivência entre gerações.

A humanidade não está apenas a viver uma etapa de mudanças, mas uma verdadeira mudança de etapa, até mesmo de paradigma. As pessoas devem ser formadas para poder compreender o momento político, social, económico e ecológico, e para escolher livremente como querem habitá-lo. Devem desenvolver competências para lidar com a cultura “presentista” ou “do instante”, para intervir desde o mundo local na complexidade global e para manter a sua autonomia e o espírito crítico perante uma torrente de informações controladas por centros de poder económicos e políticos.

A cidadania global vai-se configurando apesar de ainda não existir um espaço global democrático; de muitos países ainda não terem alcançado uma democracia efetiva e, ao mesmo tempo, que respeite os seus padrões sociais e culturais; e de as democracias com maior tradição ainda não se sentirem satisfeitas com a qualidade dos seus sistemas. Por outro lado, o relativo equilíbrio entre as superpotências na transição do século XX para o XXI deu lugar a novas tensões internacionais. Tudo isto ocorre no meio de uma profunda crise eco-social, que coloca em risco a vida de parte importante da humanidade e é pautada pelo declínio dos recursos minerais básicos para sustentar a economia, pelas mudanças climáticas, as ameaças de pandemia e a perda de biodiversidade que promove, como constata a comunidade científica, uma profunda transformação da organização social e económica.

O metabolismo urbano é um dos fatores que mais contribui para as mudanças climáticas globais, se se tiver em conta que mais de metade da população mundial vive em ambientes urbanos. Ao mesmo tempo, as cidades, com seus territórios e populações, são vulneráveis em múltiplas dimensões. Os efeitos das mudanças climáticas, a dependência alimentar ou energética, o consumismo excessivo e a poluição fazem deles lugares que exigem grandes transformações para garantir condições de vida dignas e saudáveis às pessoas e demais seres vivos que os habitam. São, também, palco de profundas desigualdades de todo o tipo.

**“ Os municípios de todos os países, desde a sua dimensão local, deverão agir como plataformas de experimentação e consolidação de uma plena cidadania democrática. ”**

Atualmente, vive-se um sentimento de insegurança crescente entre os cidadãos da maioria dos países, com o subsequente perigo de derivas populistas que tornam a vida, a confiança democrática e a paz mundial ainda mais difíceis. Perante as preocupações ou os medos emergentes, os slogans simplistas e a procura sectária de culpados podem seduzir uma parte da população, podendo descambar em radicalizações e confrontos violentos.

**“ A educação em valores e direitos humanos é mais urgente do que nunca, para dar sentido, incentivar, traçar um rumo democrático. ”**

Neste contexto, os municípios de todos os países, desde a sua dimensão local, deverão agir como plataformas de experimentação e consolidação de uma plena cidadania democrática, como promotores de uma convivência pacífica através da formação em valores éticos e cívicos, do respeito pela pluralidade das várias formas possíveis de governo democrático e da promoção de mecanismos representativos e participativos de qualidade. A educação em valores e direitos humanos é mais urgente do que nunca, para dar sentido, incentivar, traçar um rumo democrático e promover uma convivência serena.

**“ As Cidades Educadoras sentem-se portadoras do ideal de inclusão, acolhendo cada pessoa como ela é e convidando-a a participar num projeto comum de cidade. ”**

A diversidade é inerente à vida e, obviamente, às cidades dos nossos dias, prevendo-se um aumento considerável no futuro. Por conseguinte, um dos desafios da Cidade Educadora é promover o equilíbrio e a harmonia entre a identidade e a diversidade, tendo em conta os diversos contributos das comunidades que a constituem e o direito de todas as pessoas que nela vivem a sentirem-se reconhecidas pela sua identidade cultural própria. Para tal, é imperativo lutar contra o racismo e todas as formas de exclusão. O desafio atual é reconhecer o direito às singularidades sem colocar em risco a construção do que é comum. As Cidades Educadoras sentem-se portadoras do ideal de inclusão, acolhendo cada pessoa como ela é e convidando-a a participar num projeto comum de cidade.

A Cidade Educadora também direcionará a sua ação para a construção de cidades coeducadoras, transformando uma estrutura social que gera desigualdades de gênero, analisando as suas origens e combatendo as suas consequências, como a violência e a feminização da exclusão social.

Vivemos num mundo de incertezas que privilegia a procura da segurança, que muitas vezes se materializa na negação do outro e na desconfiança mútua. A Cidade Educadora, ciente disso não procura simples soluções unilaterais; aceita a contradição e propõe processos de conhecimento, diálogo e participação como a maneira ideal de viver na e com a incerteza. O cultivo da linguagem e do pensamento crítico, num mundo de abundantes “pós-verdades” na política e nos meios de comunicação e de abusos nas redes sociais, é cada vez mais importante para evitar que os cidadãos aceitem facilmente os estereótipos estigmatizantes que proliferam por todo o lado.

As pessoas são interdependentes. Sem cuidados, não podemos sobreviver. Ao longo da vida, as pessoas precisam de receber cuidados, dos quais dependem a sua sobrevivência e bem-estar físico e mental, especialmente, nalguns momentos do seu ciclo vital, como a primeira infância, a velhice avançada ou em caso de doença grave ou de pessoas com diversidades funcionais. A Cidade Educadora deve reconhecer, promover e estimular estes cuidados e coresponsabilizar a sociedade como um todo.

Em resposta a todos estes desafios e necessidades, o direito à Cidade Educadora deve afirmar-se como uma extensão do direito à educação. O direito à Cidade Educadora deve ser uma garantia relevante dos princípios de igualdade entre todas as pessoas, de justiça social e global, de equilíbrio territorial e da necessária sustentabilidade e resiliência.

**“ O direito à Cidade Educadora  
deve afirmar-se como uma  
extensão do direito à educação. ”**

Isto acentua a responsabilidade dos governos locais no desenvolvimento de todas as potencialidades educadoras que a cidade abriga, incorporando os princípios da Cidade Educadora no seu projeto político.

# PRINCÍPIOS

---

## O DIREITO À CIDADE EDUCADORA

- 1 Educação inclusiva ao longo da vida
- 2 Política educativa ampla
- 3 Diversidade e não discriminação
- 4 Acesso à cultura
- 5 Diálogo intergeracional

## O COMPROMISSO DA CIDADE

- 6 Conhecimento do território
- 7 Acesso à informação
- 8 Governança e participação dos cidadãos
- 9 Acompanhamento e melhoria contínua
- 10 Identidade da cidade
- 11 Espaço público habitável
- 12 Adequação dos equipamentos e serviços municipais
- 13 Sustentabilidade

## AO SERVIÇO INTEGRAL DAS PESSOAS

- 14 Promoção da saúde
- 15 Formação de agentes educativos
- 16 Orientação e inserção laboral inclusiva
- 17 Inclusão e coesão social
- 18 Corresponsabilidade contra as desigualdades
- 19 Promoção do associativismo e do voluntariado
- 20 Educação para uma cidadania democrática e global

## O DIREITO À CIDADE EDUCADORA

1

### Educação inclusiva ao longo da vida

O direito à Cidade Educadora é proposto como uma extensão do direito fundamental de todas as pessoas à educação. Todas as pessoas que habitam a cidade terão direito a usufruir, em condições de liberdade e igualdade, dos meios e oportunidades de formação, diversão e desenvolvimento pessoal que esta oferece. A Cidade Educadora renova permanentemente o seu compromisso com a formação dos seus habitantes ao longo da vida nos mais diversos aspetos. E para que tal seja possível, é preciso ter em conta todos os grupos, com as suas necessidades específicas.



O governo e a administração municipal implementarão políticas destinadas a remover obstáculos de qualquer natureza que prejudiquem o direito à igualdade e à não discriminação. Tanto a administração municipal, quanto outras administrações que afetam a cidade, serão responsáveis por isso. Os cidadãos também deverão comprometer-se com este projeto, pessoalmente ou através das diferentes formas de associação em que estiverem organizados.

2

### Política educativa ampla

Os municípios exercerão de modo eficaz as competências que lhes correspondem na educação. Seja qual for o âmbito destas competências, devem propor uma política educativa ampla, transversal e inovadora, incluindo todas as formas de educação formal, não formal e informal, bem como uma constante interação com as diversas manifestações culturais, fontes de informação e formas de descobrir a realidade que ocorrem na cidade e em cada um de seus bairros.



As políticas municipais de educação serão sempre entendidas como referidas a um contexto mais vasto inspirado nos princípios de justiça social, igualdade, cidadania democrática, sustentabilidade, qualidade de vida e promoção de seus habitantes.

3

### Diversidade e não discriminação



A cidade promoverá a educação na diversidade para a compreensão, cooperação solidária internacional, reconhecimento e respeito pelos povos indígenas e outros grupos étnicos objeto de discriminação, bem como a paz no mundo. Uma educação que combata qualquer forma de discriminação. Promoverá a liberdade de expressão e religião, a diversidade cultural, o diálogo e a escuta ativa em condições de igualdade. Acolherá todas as iniciativas consistentes com estes objetivos, independentemente da sua origem. Ajudará a corrigir desigualdades decorrentes da classe social, origem, etnia, género, idade, orientação sexual, diversidade funcional ou qualquer outra. Ao mesmo tempo, promoverá a valorização, o conhecimento, a aprendizagem e o uso das línguas presentes na cidade como elemento integrador e fator de coesão entre as pessoas.

4

### Acesso à cultura



A Cidade Educadora promoverá o direito à cultura e a participação de todas as pessoas, sobretudo dos grupos em situação de maior vulnerabilidade, na vida cultural da cidade como forma de inclusão, promovendo o sentimento de pertença e de boa coexistência. Para além da fruição dos bens culturais, esta participação cultural incluirá o contributo que todos os cidadãos podem dar para uma cultura viva e em mudança e o envolvimento da sociedade civil na gestão de equipamentos e iniciativas culturais.

Por sua vez, a Cidade Educadora estimulará a educação artística, a criatividade e a inovação, promovendo e apoiando iniciativas culturais, tanto de vanguarda, como de cultura popular, como meio de desenvolvimento pessoal, social, cultural e económico.

5

### Diálogo intergeracional



A Cidade Educadora promoverá a proximidade e a cooperação entre gerações e combaterá o preconceito etário, não só como fórmula de convivência pacífica, mas também como procura de projetos comuns e partilhados entre grupos de pessoas de diferentes faixas etárias. Estes projetos devem visar a realização de iniciativas e ações cívicas cujo valor consista, precisamente, no seu carácter intergeracional e no aproveitamento das respetivas capacidades, experiências e valores das diferentes idades.

6

### Conhecimento do território

A Cidade Educadora reconhece que as decisões políticas baseadas no conhecimento da realidade proporcionam respostas mais adequadas, razão pela qual os governos locais devem dispor de informações precisas sobre a situação e as condições de vida dos seus habitantes e do território e devem realizar ou apoiar estudos atualizados e acessíveis para os cidadãos. Na formulação de projetos e políticas, deverá ter-se em conta, de maneira formal e explícita, o seu impacto educador, devendo assegurar-se, igualmente, a existência de canais permanentes de comunicação com indivíduos e grupos.



7

### Acesso à informação

O município deve garantir uma informação suficiente e compreensível, bem como incentivar os seus habitantes a procurar informar-se. A Cidade Educadora, tendo em conta, o valor inerente à seleção, compreensão e tratamento da enorme quantidade de informação atualmente acessível, disponibilizará recursos ao alcance de todos e garantirá a conectividade desde todas as áreas e espaços da cidade.



A Cidade Educadora estabelecerá programas de formação em tecnologias de informação e comunicação para todas as idades e grupos sociais, a fim de aproveitar as possibilidades que oferecem, não deixando ninguém para trás e combatendo a exclusão digital. Da mesma forma, promoverá as capacidades e competências científicas e de investigação de todas as pessoas, especialmente na infância e na juventude, com o objetivo de fortalecer uma visão crítica e objetiva da realidade.

O município apoiará os grupos que necessitem de acompanhamento específico, disponibilizando pontos de orientação e acompanhamento com informação especializada. Com o aumento de instrumentos de possível controlo, como a inteligência artificial e os Big Data, velará por garantir o respeito pela privacidade, a intimidade e a autonomia.

8

## Governança e participação dos cidadãos

A Cidade Educadora construir-se-á a partir de um paradigma de governança em cuja conceção e consecução cooperarão tanto a administração pública como os cidadãos, numa colaboração que constitui uma das marcas distintivas da Cidade Educadora.

Promoverá a participação de todos os cidadãos, desde uma perspetiva crítica, construtiva e corresponsável, na gestão municipal e na vida comunitária, divulgando abertamente os processos de tomadas de decisão. Deverá contar com as instituições e organizações civis e sociais, tomando em consideração as iniciativas privadas e outras formas de participação espontânea. Para tal, o governo local fornecerá as informações necessárias com antecedência e promoverá, de modo transversal, orientações e atividades de formação desde a infância. No termo de um processo participativo, os resultados serão divulgados publicamente e serão analisados a eficácia e os limites do procedimento seguido.



As crianças, adolescentes e jovens serão reconhecidos como cidadãos do presente, com direito a participar na gestão e melhoria da vida comunitária, em igualdade de condições com os adultos, disponibilizando-se os canais e ferramentas adequados.

9

## Acompanhamento e melhoria contínua

O município avaliará o impacto educativo, social e ecológico das políticas municipais para a sua melhoria contínua.



O projeto educativo da cidade, os valores que fomenta, a qualidade de vida oferecida, as celebrações organizadas, as campanhas ou projetos de qualquer natureza desenvolvidas, serão objeto de reflexão e avaliação, recorrendo-se aos instrumentos necessários para garantir a coerência de políticas que ajudem a promover o desenvolvimento pessoal e coletivo.

10

## Identidade da cidade

A cidade tem de saber encontrar, preservar e apresentar a sua identidade própria, complexa e mutável, bem como valorizar o património material e imaterial e a memória histórica



que lhe confere singularidade. Esta é a base para um diálogo fecundo com o meio ambiente e com o mundo. A valorização dos seus costumes e das suas origens deve ser compatível com os direitos humanos. Ao mesmo tempo, oferecerá uma imagem atrativa sem desvirtuar o seu ambiente natural e social, promovendo entre os seus habitantes o sentimento de pertença e de responsabilidade partilhada.

11

### **Espaço público habitável**

O ordenamento do espaço público deverá ter em conta as necessidades de acessibilidade, cuidado, saúde, convívio, segurança, jogo, esparecimento e conciliação da vida pessoal, familiar e profissional. A Cidade Educadora prestará uma atenção especial às necessidades da infância, das pessoas com diversidade funcional e dos idosos na sua planificação urbanística, equipamentos e serviços, de forma a garantir-lhes um ambiente amigável e respeitador, no qual se possam deslocar com a máxima autonomia possível. Da mesma forma, garantirá um urbanismo com perspetiva de género. Estes múltiplos olhares garantirão um espaço urbano ao serviço do conjunto das cidadãs e dos cidadãos.



As Cidades Educadoras promoverão a instalação de áreas de jogo e de desportos ao ar livre que fomentem o contato com a natureza e promovam o relacionamento social.

A transformação de uma cidade deve ser presidida pela harmonia entre as novas necessidades, a sustentabilidade e a perpetuação de edifícios e símbolos alusivos ao seu passado e existência. A cidade promoverá o convívio e a integração da comunidade no espaço público edificado e natural, evitando sempre a formação de guetos.

Por outro lado, a cidade deve garantir que os seus habitantes vivam em ambientes onde possam descobrir a beleza. Para tal, introduzirá critérios estéticos e ambientais em todos os seus projetos e envolverá artistas no ordenamento e conceção dos espaços públicos.

12

### **Adequação dos equipamentos e serviços municipais**

O governo municipal deve criar e zelar pela manutenção de espaços, equipamentos e serviços públicos



adequados ao desenvolvimento e bem-estar pessoal, social, moral e cultural de todos os seus habitantes, dotando-os de profissionais com formação específica para dar apoio às crianças, aos adolescentes e aos jovens, bem como aos seniores e às pessoas com diversidades funcionais.

**13**

## **Sustentabilidade**

A Cidade Educadora comprometer-se-á a satisfazer os direitos e as necessidades materiais que permitam viver uma vida digna - alimentação, água, habitação, saneamento, energia, mobilidade, ambiente seguro e saudável. A cidade organizar-se-á tendo em conta a dependência entre a vida humana e os limites físicos do planeta. Promover-se-á ativamente a participação e corresponsabilidade de todos os seus habitantes na adoção de estilos de vida e de consumo justos, resilientes e sustentáveis, sob os princípios da suficiência, distribuição e justiça; e tomar-se-ão as devidas precauções para proteger bens comuns que assegurem uma sobrevivência digna às gerações atuais e futuras.



14

### Promoção da saúde

A Cidade Educadora garantirá o crescimento integral e saudável de todas as pessoas, promovendo o seu bem-estar físico, emocional e mental. Para tal, promoverá o acesso universal aos cuidados de saúde e apoiará ambientes e estilos de vida saudáveis.



A promoção da saúde incluirá a atividade física e educação emocional, afetivo-sexual, alimentar e de prevenção de dependências. Da mesma forma, promoverá a construção da cidade como um espaço onde todas as pessoas se sintam protegidas, favorecendo o envelhecimento ativo e as relações sociais necessárias para combater a solidão e o isolamento.

15

### Formação de agentes educativos

A cidade tomará as medidas necessárias para que as famílias recebam formação suficiente para poderem acompanhar o crescimento dos seus filhos e filhas, garantindo o equilíbrio entre a necessidade de proteção e a autonomia na descoberta da cidade, num espírito de respeito e confiança.



Neste sentido, desenvolverá propostas de formação para profissionais e todos aqueles que, na cidade, desempenham, muitas vezes sem saber, funções educativas. Por outro lado, certificar-se-á de que os órgãos de segurança e proteção civil diretamente dependentes do município atuem de acordo com as referidas propostas.

16

### Orientação e inserção laboral inclusiva

A cidade deve oferecer aos seus habitantes a perspetiva de ocuparem um lugar na sociedade. Deve, também, proporcionar-lhes o aconselhamento necessário para a sua orientação pessoal e profissional, promovendo o empreendedorismo. As cidades trabalharão em prol de uma oferta de estudos, profissões e comércio livres de estereótipos de género.



No campo específico da relação educação-trabalho, deve promover uma relação estreita entre os planos educativos, as necessidades do mercado de trabalho e a comunidade.

Neste sentido, as cidades definirão estratégias de formação de carácter formal e não formal ao longo da vida, bem como de acompanhamento de grupos em situação de desigualdade, exclusão ou inseridos na economia não formal, que lhes permitam melhorar a sua qualidade de vida. Assim, cooperarão com organizações sindicais e empresariais na criação de empregos que possibilitem a sua inserção sociolaboral.

17

## Inclusão e coesão social

As cidades devem desenvolver políticas preventivas contra os diversos mecanismos de violação de direitos, exclusão e marginalização.



Devem dedicar uma atenção especial aos recém-chegados, migrantes ou refugiados, que têm o direito, para além da mobilidade entre países, de sentir livremente a cidade a que chegam como sua e que os seus interesses e necessidades específicos sejam valorizados, bem como os seus conhecimentos e as competências necessários para representarem um papel socialmente apreciado. Devem empenhar-se na promoção da coesão social entre os bairros e os seus habitantes de todas as condições.

Por outro lado, e com o mesmo propósito, trabalharão com grupos autóctones estigmatizados e marginalizados.

A Cidade Educadora comprometer-se-á a erradicar todas as formas de violência e assédio, dedicando uma atenção especial à violência de género ou com base na identidade e orientação sexual, origem e etnia, idade, aparência física, etc.

18

## Corresponsabilidade contra as desigualdades

As intervenções dedicadas ao combate às desigualdades podem assumir múltiplas formas, mas devem partir de uma visão global dos direitos e interesses da pessoa. Qualquer intervenção significativa nesta área deve garantir a corresponsabilidade e coordenação entre as administrações envolvidas e os seus serviços, assentando



no melhor conhecimento que a administração local possui das necessidades e do território.

Na luta contra as desigualdades, também será incentivada a cooperação entre as administrações e a sociedade civil organizada, ONG, organizações sem fins lucrativos, comunidade empresarial e outras iniciativas privadas.

19

### Promoção do associativismo e do voluntariado

A cidade estimulará o associativismo colaborativo e o voluntariado como formas de participação e corresponsabilidade cívica, de maneira a canalizar ações ao serviço da comunidade e obter e divulgar informações, materiais e ideias para o desenvolvimento integral das pessoas. Para tal, as Cidades Educadoras apoiarão iniciativas associativas em áreas tão diversas como a cultura, o desporto, a solidariedade, a troca de conhecimentos, etc., no respeito pelos direitos humanos e pelos valores democráticos.



Paralelamente, oferecerá formação para uma maior eficácia nos processos de decisão coletiva, planeamento e gestão inerentes à vida associativa.

20

### Educação para uma cidadania democrática e global

A Cidade Educadora deve oferecer a toda a população formação em valores e práticas de cidadania democrática que promovam o respeito, a tolerância, a participação, a responsabilidade, o interesse pelo que é público e o comprometimento com o bem comum.

Por outro lado, a Cidade Educadora promoverá a consciencialização sobre a interdependência da dimensão local e global que os desafios globais representam, facilitando a formação de uma cidadania global, capaz de participar, comprometer-se e dar o seu contributo à escala local e internacional.



A devida aplicação de todos estes princípios deverá contribuir para que cada pessoa sinta a cidade, o seu meio envolvente e o planeta como seus.

Esta Carta exprime o compromisso das cidades que a subscrevem com todos os valores e princípios nela manifestados.

Define-se como aberta à sua própria reformulação e deverá ser ampliada com os aspetos que a rápida evolução social requeira no futuro.

[www.edcities.org](http://www.edcities.org)

